

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SOARES  
CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMÁCIO  
MARESSA MARA REIS CORDEIRO  
ROBERTA SANTOS DO NASCIMENTO

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**Uma estratégia para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa através dos  
gêneros textuais discursivos**

Macapá – AP

2010

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SOARES  
CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMÁCIO  
MARESSA MARA REIS CORDEIRO  
ROBERTA SANTOS DO NASCIMENTO

### **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**Uma estratégia para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa através dos  
gêneros textuais discursivos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Amapá como requisito para a obtenção  
do diploma de Licenciatura Plena em  
Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adelma Barros Mendes

Macapá – AP

2010

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SOARES  
CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMÁCIO  
MARESSA MARA REIS CORDEIRO  
ROBERTA SANTOS DO NASCIMENTO

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**Uma estratégia para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa através dos  
gêneros textuais discursivos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Amapá como requisito para a obtenção  
do diploma de Licenciatura Plena em  
Letras.

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Adelma Barros Mendes  
Orientadora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Cristina Ferreira Zoni do Nascimento  
Professora Convidada

Prof<sup>a</sup> Celeste Maria da Rocha Ribeiro  
Professora Convidada

Macapá, 14 de outubro de 2010.

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, o qual esteve, está e sempre estará conosco, tanto nas alegrias quanto nos momentos de aflição.*

*A nossa orientadora, Adelma, pela paciência e dedicação que teve para conosco durante a realização deste trabalho.*

*Aos alunos que participaram da aplicação desta pesquisa, proporcionando-nos, além dos dados necessários para a obtenção dos resultados, momentos bastante agradáveis.*

*Aos funcionários da escola estadual Sebastiana Lenir de Almeida, pela cortesia e disposição em ajudar-nos.*

*Aos nossos familiares e amigos, pelo incentivo e contribuições valiosas – mesmo que tenham sido somente por não atrapalhar-nos.*

*A todos os que colaboraram direta ou indiretamente com nossa pesquisa, especialmente àqueles que torceram por nós e nos motivaram com palavras encorajadoras.*

## RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de verificar a eficácia das Sequências Didáticas (SD) para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa (LP), especialmente quanto à formação dos alunos enquanto leitores e produtores autônomos de textos. Os estudos de Bakhtin (1952-53/1979) e Dolz e Schneuwly (2004) constituíram os principais suportes teóricos deste trabalho. Para obter os resultados foram feitas gravações em vídeo da SD realizada com 12 alunos do 3º ano do ensino médio da escola estadual Sebastiana Lenir de Almeida. Também fizemos uso de entrevistas e questionários avaliativos com os participantes da pesquisa. Ao final, a análise desses dados e das produções textuais (Cartas do Leitor) produzidas pelos discentes durante a aplicação da SD possibilitou concluir que a utilização desse procedimento de ensino/aprendizagem nas aulas de língua materna contribui significativamente no que se refere ao aprimoramento das capacidades de leitura e produção textual dos alunos.

**Palavras-chave:** sequência didática, gêneros textuais/discursivos, produção de texto.

## RÉSUMÉ

Cette recherche a été menée afin de vérifier l'efficacité des Séquences Didactiques (SD) pour l'enseignement et l'apprentissage de la Langue Portugaise (LP), en particulier pour la formation des étudiants en tant que lecteurs et producteurs de textes avec autonomie. Les études de Bakhtin (1952-53/1979) et Dolz et Schneuwly (2004) ont été les principaux supports théoriques de ce travail. Pour les résultats ont été faites des enregistrements vidéo de la SD avec 12 élèves au Lycée à l'école d'état Sebastiana Lenir de Almeida. Nous avons également fait recours à des entrevues et des questionnaires aux participants à la recherche évaluative. Enfin, l'analyse de ces instruments et des productions textuelles (Reader Lettres), produits par les étudiants au cours de la SD, nous a amenés à conclure que l'utilisation de cette procédure de l'enseignement et l'apprentissage dans les classes de la langue maternelle contribue de manière significative par rapport à l'amélioration des compétences des étudiants en lecture et en production textuels.

**Mots-clés:** séquence didactique, genres de discours, production de texte.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	12
1.1 O gênero Carta do Leitor .....	18
2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA SD .....	20
2.1 Apresentação da Situação .....	20
2.2 Produção Inicial .....	22
2.3 Módulos .....	24
2.3.1 Módulo I .....	24
2.3.2 Módulo II .....	27
2.3.3 Módulo III .....	33
2.3.4 Módulo IV .....	36
2.3.5 Módulo V .....	60
2.3.6 Módulo VI .....	63
2.4 Produção Final .....	66
3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES INICIAIS E FINAIS .....	68
3.1 Discussão dos Resultados .....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	109
APÊNDICES .....	110
APÊNDICE A – Caderno do Aluno .....	110
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas com os alunos .....	143
APÊNDICE C – Questionário avaliativo da SD para os alunos .....	158

## INTRODUÇÃO

Desde a década de 70, o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa (LP) vem sendo alvo de estudos que visam mostrar caminhos mais eficazes para seu ensino/aprendizagem, de maneira que seja possível substituir o ensino essencialmente gramatical e descontextualizado, minimizando as dificuldades que os alunos enfrentam com relação à proficiência em leitura e produção de textos.

Algumas mudanças vêm ocorrendo paulatinamente, como a inclusão dos gêneros textuais/discursivos<sup>1</sup> em alguns livros didáticos. Apesar desse avanço, percebe-se que a abordagem acerca dos gêneros do discurso em sala de aula ainda é muito superficial. Além disso, o ensino/aprendizagem da LP no Brasil continua pautado, em grande parte, no estudo da gramática normativa descontextualizada, em que os textos tornam-se, quase sempre, apenas um pretexto para tal estudo.

Nos casos em que os professores tentam introduzir a produção de textos em sala de aula, na maioria das vezes fazem com que seus alunos produzam textos seguindo as tipologias narração, descrição ou dissertação, o que não garante aos discentes que aprendam os mecanismos que envolvem a produção/circulação eficaz de um texto em uma situação real de comunicação.

Os resultados insatisfatórios desse modo de ensino têm sido tema de inúmeros trabalhos de conclusão de curso (TCC), os quais abordam a inabilidade dos alunos em compreender e produzir textos, habilidade básica que deveria ser desenvolvida, principalmente, nas aulas de LP. Os exames nacionais e internacionais de avaliação da educação no Brasil também indicam que o ensino/aprendizagem da LP não está demonstrando os resultados que deveria.

O relatório anual do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), do ano de 2006, mostra que mais da metade dos alunos brasileiros estão abaixo do mínimo desejável. Apenas 1% encontra-se no nível 5, o mais alto na escala de leitura, enquanto 28% nem conseguiram chegar ao nível mais baixo, o nível 1, em que são cobradas habilidades simples, como identificar o tema de um texto e situar um fragmento de informação. Levando-se em consideração que o PISA 2006 avaliou

---

<sup>1</sup> Utilizou-se “gêneros textuais” ou “gêneros do discurso/discursivos” entendendo-os como de mesma carga semântica.

alunos na faixa dos 15 anos, essa é uma realidade bastante preocupante e que merece ser repensada para que sejam tomadas medidas que a alterem.

Os esforços em melhorar o ensino/aprendizagem de LP têm produzido algumas modificações, pelo menos no que se refere aos documentos que norteiam as práticas em sala de aula. Como exemplo temos os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), do ano de 2000.

Segundo esse documento, “apenas o estudo do código restrito não resulta no sucesso da comunicação” (p.11). Como proposta, os PCNEM apontam o estudo da linguagem vista como interação social, imersa em um contexto, para que o aluno saiba utilizar a língua em situações subjetivas e/ou objetivas e assumindo uma postura crítica para com a linguagem que utiliza (p.11). Para isso, indicam que os **gêneros textuais discursivos** devem ser objeto de estudo em sala de aula.

Dessa forma, não há como deixar passar despercebida a necessidade de mudanças no ensino/aprendizagem da LP, pois a compreensão dos gêneros orais e escritos é a base para todas as demais áreas do aprendizado, sem a qual o aluno não pode desenvolver uma educação formal adequada e nem participar ativamente de todos os eventos sociais.

Diante dessa realidade e de posse do conhecimento de novas teorias e estratégias para o ensino/aprendizagem da LP, propôs-se nesta pesquisa a adoção de uma nova possibilidade de trabalhar com essa disciplina em sala de aula, de forma que haja um ensino reflexivo da língua, considerando a realidade de seus usos e objetivando a formação de alunos que compreendem o que leem e escrevem de forma eficaz. Com esse objetivo, escolhemos trabalhar com os gêneros textuais discursivos, especificamente com o gênero Carta do Leitor, mediado pelo procedimento de Sequências Didáticas (SD), o qual será detalhado ao longo deste trabalho.

Apesar de ser um procedimento pouco conhecido e utilizado em sala de aula, a SD foi escolhida devido estar em consonância com as orientações dos PCNEM (2000) e por acreditar-se que auxilia na formação de sujeitos-leitores através do aprendizado dos gêneros do discurso e mediante o estudo contextualizado da gramática<sup>2</sup>. Além disso, há uma pesquisa<sup>3</sup> que vem sendo desenvolvida sob a

---

<sup>2</sup> Nesse trabalho, utilizamos “gramática” com referência à gramática normativa.

perspectiva de SD que tem mostrado eficiente essa estratégia de ensino. As SD também vêm ganhando espaço nos meios de comunicação, sendo apontadas pela revista Nova Escola<sup>4</sup> como um mecanismo produtivo para o ensino/aprendizagem da LP.

Quanto ao gênero Carta do Leitor, esse foi selecionado para exemplificar o procedimento em função de que possibilita, entre outras coisas, o desenvolvimento de uma habilidade muito importante para o aluno, no ambiente escolar e fora dele: a argumentação, que segundo os PCNEM (2000: 5) “é essencial para que o aluno participe do mundo social”.

Portanto, através da SD com o gênero Carta do Leitor, levou-se para a sala de aula uma perspectiva de ensino/aprendizagem que está de acordo com as mais recentes pesquisas concernentes ao ensino da LP, objetivando avaliar de que forma essa estratégia pode contribuir para a aprendizagem efetiva dos gêneros textuais discursivos e, conseqüentemente, para a formação do aluno enquanto leitor e produtor de textos.

Dessa maneira, as seguintes questões de pesquisa nortearam este trabalho: A SD permite o ensino/aprendizado de determinado gênero do discurso? Favorece o estudo crítico/reflexivo da língua e seus contextos de produção/circulação? Auxilia na formação de sujeitos leitores/produtores de textos? Com base nesses questionamentos, realizou-se uma pesquisa-ação, através da qual executamos a SD na escola estadual Sebastiana Lenir de Almeida, no período de 03 a 14 de novembro de 2008, no turno da tarde, com uma carga horária de 50h, na qual contamos com uma frequência média de doze alunos do 3º ano do Ensino Médio. A SD seguiu a ordem do Caderno do Aluno (apêndice A), o qual foi escrito e organizado por nós a partir das orientações teóricas de Dolz e Schneuwly (2004) para o desenvolvimento de uma SD.

---

<sup>3</sup> Pesquisa desenvolvida sob a coordenação da Profª Drª Adelmá Barros Mendes, cujo objetivo é trabalhar com o fortalecimento das capacidades de letramento das crianças e adolescentes de uma escola agrícola do município de Santana.

<sup>4</sup> A revista Nova Escola é uma publicação da Fundação Victor Civita, sem fins lucrativos, que publica mensalmente materiais destinados a auxiliar na capacitação de professores, gestores e demais responsáveis pelo processo educacional. É a maior revista de educação do Brasil e circula desde 1986.

Os dados que serão descritos e analisados no decorrer da pesquisa foram obtidos através de: a) gravação em vídeo da aplicação da SD; b) entrevistas com os alunos participantes da SD para verificar a opinião desses sobre o ensino da LP, entre outros aspectos importantes para este trabalho (apêndice B); c) Cartas do Leitor produzidas pelos discentes no decorrer da SD (ver capítulo 3); d) questionários avaliativos que foram entregues ao final da SD para que os alunos pudessem expor suas opiniões acerca do procedimento de ensino utilizado (apêndice C).

Este trabalho está organizado em três capítulos, sendo o primeiro destinado aos pressupostos teóricos, entre os quais figuram Bakhtin (1952-53/1979) e Dolz e Schneuwly (2004). O segundo capítulo contém a descrição e a análise da aplicação da SD, divididas em sub-tópicos de acordo com a estrutura pertinente a essa estratégia de ensino, nos quais se podem ver trechos das transcrições das interações realizadas no desenvolvimento da SD. No terceiro capítulo, estão expostas as produções iniciais e finais das Cartas do Leitor dos alunos e suas respectivas análises comparativas, avaliando-se os avanços obtidos pelos discentes a partir dos conteúdos trabalhados nos módulos da SD.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O ensino/aprendizagem de LP requer mudança de paradigma, tanto motivada pelos estudos linguísticos realizados nos últimos anos, quanto pela ineficiência dos métodos vigentes – *centrados* sobretudo nos conhecimentos estruturais da língua – em formar sujeitos-leitores, comprovada pelos resultados pouco satisfatórios apresentados pelos alunos em provas de LP a nível nacional e em sondagens internacionais feitas com os alunos de nossa rede de ensino.

Nos PCNEM (2000) podemos encontrar muitas propostas de mudanças, as quais estão em concordância com as mais recentes pesquisas efetuadas no campo dos estudos sobre linguagem e que, apesar de pouco postas em prática, devem ser levadas em consideração por todos que buscam melhorias para o ensino da LP. Explanaremos adiante as principais orientações indicadas por esse documento.

A mudança primordial apontada nos PCNEM, a qual norteia todas as demais mudanças, está em síntese na seguinte colocação exposta no documento: “o estudo da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade.” (p.16). Vê-se, dessa maneira, que a língua não pode ser desvinculada do contexto social, ou seja, não pode ser analisada sem levar em conta seu produtor, seu(s) destinatário(s), seus objetivos e o meio em que é produzida.

Vendo o estudo da LP sob esse prisma, podemos concordar com os PCNEM quando afirmam que o estudo apenas do aspecto formal da língua sem considerar os demais aspectos que lhes são pertinentes, como os semânticos e os contextuais, desvinculam o aluno, dentre outras coisas, do aspecto social da linguagem (p.7).

Vale ressaltar que o estudo *centrado* no entendimento da nomenclatura gramatical é amplamente criticado pelos PCNEM e classificado por eles como uma camisa de força incompreensível, já que acaba tornando-se um fim em si mesmo quando deveria auxiliar os alunos a falar, escrever e ler melhor. Em suma, os PCNEM afirmam que a aula de LP no Ensino Médio é uma “aula de expressão em que os alunos não podem se expressar” (p.16).

O que fazer então? Deixar de ensinar a gramática normativa em sala de aula? Os PCNEM nos dão a resposta: “os conteúdos tradicionais de ensino da língua, ou

seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos (...)” (p.18).

Outro aspecto importante abordado pelos PCNEM é o tratamento dado às variantes linguísticas em sala de aula. Enquanto nela a variante padrão é geralmente tratada como a única correta e digna de estudos gramaticais, os PCNEM indicam que “(...) a abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade como variante linguística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais.” (p.7).

Dessa forma, os PCNEM alertam-nos para esclarecer aos alunos que a variante padrão é a variante prestigiada porque reflete o prestígio daqueles que a utilizam, ou seja, a língua reflete a sociedade. Assim, o aluno “deve aprender a respeitar as linguagens (...)” (p.9).

Uma outra mudança que pressupõe os PCNEM é o fato de que o aluno pode manter uma postura crítica para com os conceitos expostos em LP, nas palavras do documento: “(...) a linguagem, na escola, passa a ser objeto de reflexão e análise, permitindo ao aluno a superação e/ou transformação dos significados veiculados” (p.7). Com esse pensamento, a escola permite ao aluno refletir e questionar determinado conceito.

Porém, essa atitude é pouco incentivada, pois o aluno é, geralmente, considerado como um recipiente vazio a ser preenchido no ambiente escolar. Para que essa situação seja modificada, os PCNEM deixam claro que “essa postura exige a aceitação por parte dos professores e alunos da capacidade de avaliar-se perante si mesmo e o outro de forma menos prepotente” (p.19). Diante dessa realidade, os PCNEM norteiam o professor para que, inicialmente, analise o que o aluno sabe e o que ele não sabe, para que possa iniciar seu trabalho em sala de aula.

Quanto ao que deve ser ensinado nas aulas de LP, torna-se evidente, pelo que foi exposto anteriormente, que os PCNEM são contrários ao estudo de palavras e frases isoladas. Em lugar dessas, propõem o estudo dos **gêneros textuais discursivos**, pois afirmam que esses “proporcionam uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem” (p.8). Mas, o que vem a ser os gêneros textuais discursivos?

Para Bakhtin (1952-53/1979: 279), os gêneros textuais discursivos ou gêneros do discurso, são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados em uma

determinada esfera de comunicação. Convém esmiuçar o conceito de gênero dado por Bakhtin para melhor entendê-lo.

O enunciado, segundo Bakhtin, é a unidade de comunicação verbal que tem como fronteira a alternância dos sujeitos falantes, mesmo que essa alternância não possa ser claramente observada. Em um diálogo, por exemplo, essa alternância pode ser visualizada de forma clara quando há uma pergunta seguida de sua respectiva resposta, ou quando há concordância ou discordância da parte do interlocutor para com o que foi dito/escrito.

Um enunciado, para Bakhtin, só pode ser considerado como acabado quando puder gerar no interlocutor uma compreensão responsiva ativa, seja verbal ou não-verbal, que não precisa ser necessariamente imediata, podendo ser manifesta em longo prazo. Quando isso ocorre, há o que Bakhtin denomina de “compreensão responsiva ativa de ação retardada” (p. 291).

Como vimos na definição inicial de gêneros do discurso, Bakhtin considera os enunciados como “relativamente estáveis”, pois, apesar de cada enunciado ser individual, eles manifestam características em comum dentro de uma mesma esfera de comunicação, sendo que o gênero textual irá refletir as especificidades de cada esfera (p.279). Por exemplo, em uma carta pessoal, pertencente à esfera familiar, os assuntos variam dependendo do destinatário, do remetente e do objetivo deste ao escrevê-la. Porém, alguns elementos são comuns em todos esses tipos de carta, como a presença de data e local, as saudações iniciais e finais, a assinatura, entre outros.

Quanto às esferas de comunicação de que fala Bakhtin, são as esferas da atividade humana, que sempre estão relacionadas ao uso da língua e que influenciam esse uso. Essas esferas são extremamente variadas, o que reflete na quantidade inesgotável e na heterogeneidade dos gêneros textuais discursivos (p. 279). A era da *internet*, por exemplo, nos trouxe novos gêneros do discurso, como o *e-mail* e o *chat*, e outros poderão surgir, tanto nas esferas de comunicação existentes, quanto naquelas que porventura forem criadas, visto que o ser humano é um ser em constante busca de transformação. Entre as esferas existentes, podemos citar a esfera escolar, a esfera jornalística, a esfera científica, a esfera religiosa, a esfera literária, a esfera médica, a esfera do cotidiano, das quais decorrem, respectivamente, os gêneros redação escolar, carta do leitor, artigo científico, sermão, poema, bula de remédio e o diálogo.

Há ainda alguns aspectos importantes a serem citados sobre os gêneros textuais discursivos. De acordo com Bakhtin, cada gênero textual é formado por três elementos que se fundem indissolivelmente no todo do enunciado, são eles: o *tema* (conteúdo, o que se pode dizer através do gênero); o *estilo* (seleção vocabular, a qual reflete a posição do locutor e as características composicionais do gênero) e a *forma de composição* – forma de organização do gênero, que estabelece o tamanho do texto, sua organização e sequência de desenvolvimento temporal (p.279).

Dessa forma, temos gêneros com fins (temas) diversos, como informar, fazer rir, emocionar, convencer, opinar. Também há gêneros com estilos diferentes, sendo que em alguns se prioriza o uso da linguagem conotativa e figuras de linguagem, como no poema, enquanto em outros se exigem palavras técnicas e linguagem denotativa, como na bula de remédio. Temos ainda formas de composição variadas, como o romance, o qual é um gênero textual extenso, e o bilhete, o qual se caracteriza pela brevidade e objetividade.

Ainda segundo Bakhtin, os gêneros textuais discursivos podem ser classificados como *primários* e *secundários*. No primeiro grupo, encontram-se os gêneros considerados simples, os quais, de acordo com o autor, ocorrem em “uma comunicação verbal espontânea” (p.281). É o caso do bilhete e do diálogo informal.

No segundo grupo, estão os gêneros considerados complexos, não por serem difíceis, mas porque, como afirma Bakhtin, eles “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita (...)” (p. 281). Como exemplo, podemos citar o romance, a carta do leitor, os artigos científicos, a reportagem, etc.

Bakhtin (1952-53/1979) afirma também que o processo de aprendizagem dos gêneros ocorre quase da mesma forma como aprendemos a língua materna. É o que verificamos na seguinte citação do autor:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, a adquirimos mediante enunciados concretos (orais e escritos) que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva, que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (p.301).

Levando em consideração essa afirmação, fica claro o motivo pelo qual a mera inclusão dos gêneros em sala de aula como conteúdo a ser verbalizado, explorando suas características básicas, não tornará o aluno proficiente em produzir

e compreender os gêneros textuais, pois, assim como a língua materna, a qual aprendemos na prática, os gêneros textuais discursivos devem ser, acima de tudo, praticados – de preferência no contexto mais real possível de sua circulação.

Quanto a isso Koch (2003: 55) ressalta que toda instrução de gêneros na escola deve ter objetivos claros de aprendizagem, a saber, levar os alunos a dominar o gênero textual estudado, bem como produzi-lo na escola ou fora dela, além de colocar esses mesmos alunos em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras, a fim de que possam dominá-las como realmente são.

Marcuschi (2002: 35) defende a utilização dos gêneros do discurso nas aulas de LP por entender que “(...) a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Sendo assim, estes devem ser alvo de estudo em LP, pois, como afirma o autor: “(...) o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia” (p.35). Além disso, Marcuschi relata que a utilização dos gêneros textuais é uma forma de colocar em prática as perspectivas para o ensino de LP expostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (p.36).

Rojo (2005: 72) também vê o uso dos gêneros textuais/discursivos como uma perspectiva de ensino que traz vários benefícios aos alunos. Apesar de entender que os professores são atraídos pela descrição da língua e pelo ensino da gramática, seja pela formação profissional ou pela falta de formação, a autora argumenta que os discentes não precisam ser gramáticos do texto e nem conhecer uma metalinguagem sofisticada. Pelo contrário, o que precisam, de fato, é ter acesso aos mais diversos gêneros do discurso e fazer uma leitura crítica e cidadã deles.

Caretta (2007: 27) declara a importância do estudo dos gêneros textuais quando diz que “Conhecer e respeitar as coerções impostas pelo gênero é importante para a produção do enunciado, pois assim se conseguirá estabelecer um processo comunicativo eficiente”.

A não compreensão acerca dos aspectos que envolvem a produção e recepção dos gêneros do discurso, segundo Bakhtin (1952-53/1979: 282), desvincula a língua e a vida, ou seja, desassocia a linguagem do seu contexto de uso. É o que ocorre na maioria das escolas, nas aulas de LP, em que os gêneros são retirados de seu contexto e as orações desvinculadas dos enunciados aos quais

pertencem, gerando, em muitos casos, compreensões equívocas acerca da língua, principalmente quando não se aborda o contexto de produção e o(s) destinatário(s) dos enunciados.

Sendo assim, os gêneros do discurso não devem ser desvinculados do ensino da LP, pois estão presentes em nosso cotidiano, em todas as atividades que realizamos, tornando-se, dessa forma, ideais para vinculação do estudo da língua materna à realidade de seus usos, conforme preconizam os PCNEM (2000: 16). Com isso, qualquer proposta de ensino da LP que não inclua o uso dos gêneros textuais discursivos está descontextualizada da realidade do aluno.

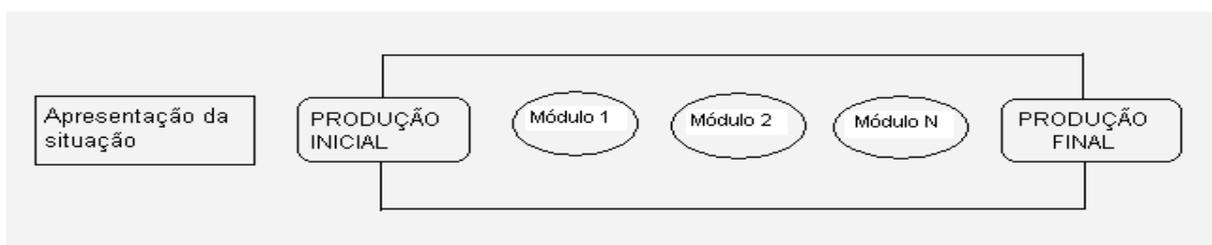
As Sequências Didáticas (SD) tornam-se, dessa maneira, uma possibilidade de inserir os gêneros textuais discursivos no ambiente escolar, nas aulas de LP, de forma que o aluno possa entender e produzir o gênero estudado, e não apenas ter algumas informações sobre esse. Passaremos, nesse momento, para um estudo mais detalhado sobre essa estratégia de ensino.

A SD é, segundo Dolz e Schneuwly (2004: 97), “(...) um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual discursivo oral ou escrito”, que visa “(...) ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Dessa forma, aponta-se para o uso dos gêneros textuais como elementos centrais das atividades em sala de aula.

Porém, apesar de a SD ter como base um gênero textual, Dolz e Schneuwly deixam claro que esse procedimento deve ser utilizado para o ensino de gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente, ou que são pouco acessíveis para ele (p. 97). Conclui-se, portanto, que a SD *prioriza* o ensino dos gêneros secundários de que fala Bakhtin, os quais já foram explicados anteriormente.

As SD são estruturadas da seguinte forma (p.98):

Figura 1- estrutura geral da SD



Conforme o esquema acima, a *apresentação da situação* é a primeira etapa de uma SD. Nessa etapa, apresenta-se o gênero que será estudado, os objetivos da SD e a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar. Após, os alunos realizarão sua *produção inicial* do gênero proposto. Dolz e Schneuwly declaram que essa fase tem como objetivo “(...) avaliar as capacidades já adquiridas pelo aluno e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais da turma” (p. 98).

Nos *módulos*, o professor trabalhará a partir das dificuldades apresentadas pelos discentes na produção inicial – inclusive problemas gramaticais – através de atividades diversas que visam dirimir os problemas que surgiram e fazer com que os alunos possam dominar de forma eficaz o gênero. Já na *produção final*, os discentes colocarão em prática o que foi aprendido nos módulos, podendo mensurar os avanços em relação à produção inicial.

### **1.1 O gênero Carta do Leitor**

A partir do que foi exposto, escolhemos trabalhar com o gênero textual Carta do Leitor em uma perspectiva de SD. Esse gênero, apesar de ser acessível aos alunos, visto que está presente em quase todos os jornais e revistas, não é totalmente dominado por eles, pois poucos o produzem. Em uma oficina realizada por nós sobre esse gênero, percebemos que muitos alunos confundiam o gênero Carta do Leitor com a Carta Pessoal. Convém explicar melhor algumas características do gênero em questão.

A Carta do Leitor, apesar de conservar algumas características da Carta Pessoal, têm aspectos que a diferenciam dessa. Quanto a esse fato, Passos (2002) comenta que

a Carta de Leitor, em seu estado original, de quando enviada à redação, compõe-se dos elementos estruturais peculiares ao gênero carta. No entanto, ao chegar à redação da revista, atravessa um processo de transformação no que diz respeito à sua estrutura, adquirindo a carta, ao ser publicada, uma nova forma (p.84).

Entre as modificações efetuadas pelas redações de jornais e revistas, a autora cita o desaparecimento do vocativo, a mudança do lugar em que aparecem a data e o local, entre outras. Quanto ao(s) destinatário(s), apesar de a Carta poder ser dirigida especificamente a alguém, como ao redator, à equipe produtora ou a

autores de artigos, os destinatários também são os próprios leitores da revista/jornal (p.86). Sarmiento e Tufano (2004:414) afirmam que é possível também fazer alusão a outras cartas de leitores, para concordar ou não com o ponto de vista expresso nelas.

Outra peculiaridade do gênero Carta do Leitor é que ele se desdobra em variados tipos que surgem das emoções suscitadas nos leitores pela leitura da revista ou jornal. Assim, o leitor pode exprimir em suas Cartas dúvidas, agradecimentos, críticas, reclamações, reflexões, sugestões, solicitações, etc.

Passos aborda a importância da forma de interação que o gênero Carta do Leitor permite, quando afirma que ele “(...) cumpre importante papel social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, ideias e opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo” (p.81).

Outro aspecto que deve ser ressaltado com relação a esse gênero é que ele auxilia, entre outras coisas, no desenvolvimento de capacidades argumentativas, visto que a manifestação de opiniões que ocorre nas Cartas geralmente é feita na tentativa de convencer sobre determinado ponto de vista ou modificar a opinião de alguém. Como afirma Bonini (2005):

argumentar, no sentido mais elementar, é direcionar a atividade verbal do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão do outro sobre determinado objeto, alterando, assim, seu discurso (p. 221).

Dessa forma, notamos a importância de favorecer junto aos alunos o desenvolvimento das competências ligadas à argumentação, pois é uma capacidade que o aluno necessita nas mais diversas situações, escolares e não escolares, além de ser necessária em outros gêneros textuais. Assim, quando o aluno adquire essa competência em um gênero textual, há transferência para outros gêneros em que seja preciso utilizá-la.

## **2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA SD**

Para a aplicação da SD em sala de aula, escolhemos como sujeitos os alunos do 3º ano do Ensino Médio da escola estadual Sebastiana Lenir de Almeida. Após a autorização obtida junto ao setor pedagógico da referida escola, procedeu-se a abertura de inscrições para realizar a SD em horário diferenciado do que os alunos estudavam, pois os professores afirmaram que a utilização do horário normal de aula prejudicaria a execução de seus planejamentos. Apesar de ter havido mais de quarenta inscrições, somente doze alunos participaram da SD, sendo que alguns justificaram sua ausência por estarem fazendo curso pré-vestibular.

A SD foi desenvolvida conforme o esquema geral dessa estratégia de ensino/aprendizagem (p. 17). Além de organizarmos a SD, preparamos um material de apoio para sua aplicação, o Caderno do Aluno (apêndice A), o qual foi entregue a todos os discentes para que acompanhassem os conteúdos e as atividades previstas para a sequência, da qual participamos, também, como professoras.

### **2.1 Apresentação da Situação <sup>5</sup>**

No primeiro dia da sequência, iniciou-se a interação com os alunos mediante uma dinâmica de apresentação. Após esse momento, foi explicado qual gênero seria abordado no decorrer da SD, assim como seus objetivos, conforme expostos no Caderno do Aluno (CA, Apêndice A, p. 110). Posteriormente, os discentes foram questionados se sabiam o que é uma Carta do Leitor. Para nossa surpresa, a maioria afirmou que não sabia, apesar de esperar-se que tivessem pelo menos noções sobre o gênero.

Realmente, nas entrevistas realizadas com os participantes da SD (apêndice B), poucos alunos afirmaram ler algo além do que os conteúdos dos livros escolares. Apenas dois discentes disseram que tinham o hábito de ler revistas, nas quais, assim como nos jornais, encontram-se as Cartas do Leitor.

---

<sup>5</sup> As interações da apresentação da situação não puderam ser gravadas devido a problemas nos equipamentos de gravação. Por esse motivo, foi feita apenas a descrição das atividades realizadas nessa fase da SD.

Esse fato, longe de ter se tornado um empecilho, mostrou-se bastante enriquecedor para a análise dos dados da SD, visto que, dessa maneira, a eficácia dessa estratégia para a aprendizagem dos alunos ficou mais notável. Além disso, Dolz e Schneuwly (2004:97), colocam em evidência que “o trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente”.

De qualquer forma, já estava prevista uma breve definição do gênero no Caderno do Aluno (CA, p. 111), na qual constavam suas principais características, os possíveis destinatários e o contexto de produção/circulação em que está inserido. Após a leitura dessa definição, foram dados três exemplos de Cartas do Leitor (CA, p. 111), as quais apresentavam elogio, crítica e sugestão, para que os alunos pudessem visualizar, de início, o que pode ser abordado através desse gênero. Os alunos, mesmo questionados, não apresentaram dúvidas sobre a definição inicial do gênero Carta do Leitor.

Em seguida, juntamente com os participantes da SD, foram lidas as duas entrevistas que serviram de base para a produção inicial (CA, pp. 112-115), as quais abordavam o tema “internet” e nas quais cada entrevistado expunha sua concepção sobre a temática, havendo, porém, divergência entre eles, já que um era contra e o outro a favor do uso da internet.

Quanto a isso, Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que, no caso de uma Carta do Leitor, “os alunos deverão compreender bem a questão colocada e os argumentos a favor e contra as diferentes posições” (p. 100). Para atender a essa orientação, além da ficha de análise das entrevistas (CA, p. 116), a qual pediu-se aos alunos que preenchessem, foi proporcionado um diálogo para que eles expusessem também oralmente suas opiniões acerca do material lido.

Essa discussão foi bastante produtiva, pois os discentes mostraram-se muito interessados, conforme esperávamos quando escolhemos um tema ligado à realidade deles. O diálogo foi direcionado para que percebessem o foco das entrevistas e as opiniões contrárias dos entrevistados. Os alunos, por sua vez, opinaram baseados em suas experiências pessoais e posicionaram-se a favor ou contra as ideias expostas, ou mesmo concordando em parte com cada entrevistado.

Tal posicionamento é essencial para a produção de uma Carta do Leitor, posto que a manifestação de opiniões é o cerne desse gênero e é também aquilo

que os meios de comunicação esperam receber de seus leitores quando lhes reservam espaço para expressar-se.

Vale ressaltar que a escolha do tema “internet” como norteador da produção inicial deu-se, sobretudo, pela necessidade de representar um contexto o mais próximo possível do original, pois dificilmente um leitor envia Cartas para opinar acerca de algo que não lhe cause interesse ou de que pouco saiba. Sendo assim, visava-se que os alunos escrevessem sobre um assunto que lhes fosse realmente relevante.

A apresentação da situação não pode ser subestimada, apesar de o gênero textual discursivo não ser abordado de forma profunda e detalhada nessa fase da SD, o que será feito nos módulos. Para Dolz e Schneuwly trata-se de uma fase crucial e difícil, pois deve preparar os alunos para a produção inicial, sendo nesse momento que o aluno “constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada” (p. 99). Para isso, os autores dizem que pode ser dado, inicialmente, um exemplo do gênero visado, conforme foi feito em nossa SD.

Diante de tais considerações, teve-se especial cuidado em verificar se os discentes tinham dúvidas e em garantir-lhes o necessário para que o projeto comunicativo da produção de uma Carta do Leitor ficasse claro para eles, o que será mensurado a partir da análise das produções iniciais (capítulo 3), pois, de acordo com Dolz e Schneuwly, quando a apresentação da situação é feita de forma eficaz, os alunos conseguem produzir o gênero, mesmo que ainda haja falhas a corrigir durante o desenvolvimento da SD (p. 101).

## **2.2 Produção Inicial <sup>6</sup>**

Logo após a apresentação da situação, foi solicitado aos alunos que, a partir do material lido e analisado, escrevessem uma Carta do Leitor, no local destinado à primeira produção (CA, p. 117), supondo que essa Carta seria enviada à revista Superinteressante – a qual publicou as entrevistas que foram discutidas.

---

<sup>6</sup> As interações da Produção Inicial não puderam ser gravadas devido a problemas nos equipamentos de gravação. Por esse motivo, foi feita apenas a descrição das atividades realizadas nessa fase da SD.

Não obstante o fato de que esse envio seria fictício, isso não prejudicaria o entendimento dos discentes sobre o gênero, pois segundo Dolz e Schneuwly (2004: 101) “Somente a produção final constitui, bem frequentemente, a situação real, em toda a sua riqueza e complexidade”, podendo a produção inicial ser realizada de forma simplificada, inclusive com destinatários fictícios. Além disso, foi explicado aos alunos que, ao final da SD, as três melhores Cartas do Leitor produzidas por eles seriam publicadas em um jornal local. Esse incentivo refletia dois aspectos importantes para a SD.

Em primeiro lugar, Dolz e Schneuwly orientam que, de acordo com as possibilidades, a SD deve ser realizada também como um projeto de classe, apresentado antes da produção inicial, o que visa tornar as atividades de aprendizagem mais “significativas e pertinentes” (p. 100). Esse projeto pode ser, na opinião dos autores, “parcialmente fictício, à medida que a motivação pode nascer mais diretamente do desejo de progredir, de adquirir novas capacidades” (p. 101). Em segundo lugar, tinha-se a necessidade de fazer com que os discentes vivenciassem o ato de escrever com o objetivo de que seu texto fosse publicado, sabendo que, assim como ocorre com o gênero Carta do Leitor, nem todos o seriam.

Dessa forma, apesar de que as melhores Cartas não seriam publicadas na revista a qual pertenciam as entrevistas – o que não era possível viabilizar – colocou-se a publicação no jornal como um projeto de classe parcialmente fictício, o qual ajudaria os alunos a melhor compreender, na prática, o contexto de produção e circulação de uma Carta do Leitor, além de tornar a SD mais atrativa para eles.

Diante disso, os participantes da SD puderam iniciar sua tentativa de produção do gênero, a partir da definição da tarefa que deveriam realizar e da apresentação do projeto de classe. Em seguida, solicitou-se aos discentes que preenchessem a ficha de autoavaliação de suas produções textuais (CA, p. 118), para que, a partir das questões propostas nesse instrumento, pudessem relê-las e avaliá-las.

As análises das produções iniciais das Cartas do Leitor estão expostas no capítulo 3 e serviram de base para a escolha dos conteúdos dos módulos da SD, visto que, conforme declaram Dolz e Schneuwly, é a partir da produção inicial que o docente pode visualizar as dificuldades que os alunos apresentam ao produzir o gênero e buscar soluções para ajudá-los a superá-las (p. 102). Sendo assim, é

impossível não concordar com esses autores quando afirmam que as produções iniciais “constituem momentos privilegiados de observação (...)” (p. 102).

## 2.3 Módulos

### 2.3.1 Módulo I

No segundo dia, teve início o primeiro módulo da SD, o qual teve o propósito de demonstrar certas características do contexto de produção e circulação das Cartas do Leitor, como o processo de seleção das Cartas, o conteúdo a elas pertinente, seus destinatários, os tipos pelos quais se apresentavam, entre outros aspectos, alguns dos quais foram trabalhados de forma mais detalhada nos demais módulos.

Para isso, primeiramente foram entregues aos alunos exemplares das revistas *Veja* e *Superinteressante*, solicitando-se a eles que encontrassem a seção onde eram publicadas as Cartas do Leitor. Pediu-se ainda que respondessem o questionário referente ao tema: “conhecendo melhor o gênero” (CA, p. 119). Após o tempo necessário para que o questionário fosse respondido, procedeu-se a verificação das respostas e a discussão das características das Cartas do Leitor, conforme expostas, de forma resumida, nos trechos a seguir:

*Legenda: A indica Aluno (a); P indica Professor (a); Os números indicam os diferentes professores<sup>7</sup> e alunos.*

**P1:** (...) a primeira pergunta é “a seção onde são publicadas as cartas do leitor fica em que parte da revista... início... meio ou final?”...

**ALUNOS:** início...

**P1:** (...) vamos para a segunda pergunta... a seção tem um título?... qual?...

**ALUNOS:** cartas...

**P1:** na revista *Veja* qual é o título?...

**ALUNOS:** cartas...

**P1:** cartas... e na *Superinteressante*?...

**ALUNOS:** desabafa...

**P1:** (...) “quantas cartas foram publicadas na seção?”... quantas A7?...

**A7:** nove...

---

<sup>7</sup> **P1, P2, P3 e P4** representam-nos como professoras durante a aplicação da SD.

**P1:** (...) então vocês percebem que o número de cartas que é enviado é bem diferente do número publicado... foram enviadas duas mil cartas... mil cartas... oitocentas cartas... e foram publicadas vinte... nove...

**A1:** mas eles leem todas?

**P2:** leem... eles levam em conta coisas como a criatividade... em relação à boa argumentação... em relação à estrutura da carta (...) eles vão escolher as melhores cartas...

**P1:** (...) vamos para a pergunta número seis... “as cartas publicadas são apenas de elogios?”...

**ALUNOS:** não...

**P1:** não... que outros tipos de cartas vocês identificaram?...

**A1:** crítica... opiniões no caso... éh... sugestões...

**A7:** tem também cartas... onde alguém tá se defendendo...

**P1:** (...) isso é muito importante vocês perceberem... porque às vezes a gente pergunta ah eu só posso mandar uma carta se eu tiver elogiando ou se eu tiver só criticando?... não... você pode mandar uma carta que você critica e ao mesmo tempo faz uma sugestão...

**P2:** (...) “as cartas destinam-se somente à revista jornal em geral ou há destinatários mais específicos?... quais?”...

**P3:** todas as cartas que vocês leram são destinadas apenas à revista... ou a um autor?...

**A1:** está destinada ao autor...

**P3:** a maioria... teve alguma que falou da revista... do padrão da revista... da estética... ou alguma coisa assim?...

**A4:** ((balança afirmativamente a cabeça))

**P1:** (...) então aqui vocês percebem que as cartas têm destinatários diversos...

**P4:** (...) “há presença de opiniões divergentes nas cartas publicadas?”... divergentes... que são diferentes... que se opõem...

**A1:** ((balança afirmativamente a cabeça))

**P1:** (...) “você identifica cartas que foram publicadas por terem algo criativo?”

**A2:** (...) eu vi aqui um rapaz fazendo uma crítica né... éh... que ninguém percebeu até o fechamento da edição... parece que foi tudo feito de última hora... tanto que na capa tinha vários erros de português (...) aí no final ele fala desculpe pela minha chatice... aí os editores fizeram vários elogios pra ele porque ele percebeu esses erros...

**P1:** (...) por que eles colocam no início da revista as cartas do leitor?... porque é uma seção importante pra eles... os outros leitores leem essas cartas... então se não fosse uma seção interessante eles não teriam na revista... então essa criatividade ela é importante nas cartas...

**P4:** “como você classifica a linguagem apresentada pela maioria das cartas publicadas?... formal ou informal?... o tipo de linguagem das cartas combina com o perfil da revista?”...

**A1:** formal...

**A4:** na Veja é formal...

**P1:** na Veja é formal... e na Superinteressante?...

**A2:** informal...

**P3:** “em sua opinião por qual motivo a grande maioria dos jornais e revistas destina um espaço para publicar a opinião dos leitores?”...

**A7:** éh porque eles dão importância à opinião dos leitores sobre o conteúdo dado ( )...

**A2:** também pra ver a opinião dos leitores... pra saber se estão gostando da revista... se estão precisando de alguma coisa...

A partir das respostas apresentadas pelos alunos ao questionário e da discussão realizada juntamente com eles, percebemos a facilidade que os discentes tiveram em responder às perguntas acerca do contexto de produção/circulação das Cartas do Leitor a partir da análise das revistas que lhes foram entregues.

Para consolidar esses conhecimentos iniciais sobre o gênero, foi preenchido o quadro “Traçando Perfis” (CA, p. 120). O objetivo dessa atividade era fazer com que eles notassem as diferenças entre as revistas Veja e Superinteressante, verificando de que forma isso influenciava nas Cartas do Leitor, especialmente quanto à seleção vocabular. Além dessa atividade, foi feita uma lista das principais características do contexto de produção e circulação das Cartas do Leitor (CA, p. 120) em paralelo com os questionamentos realizados sobre o gênero, para que os discentes fixassem tais características.

Conforme os trechos da transcrição referente a esse módulo, os discentes perceberam que na revista Veja a linguagem é predominantemente formal, enquanto a Superinteressante admite Cartas com linguagem informal. Assim, os participantes da SD puderam identificar uma das características de estilo do gênero, bem como sua instabilidade, tal como aponta Bakhtin (1952-53/1979). Além disso, os alunos verificaram que o perfil da revista pode alterar o tipo de linguagem das Cartas, conforme foi enfatizado no módulo II, no qual os tipos de linguagem desse gênero foram abordados detalhadamente.

Como pode ser observado a partir da leitura da transcrição apresentada, foram explanados aspectos que, apesar de serem gerais, por abordarem ao mesmo tempo características do conteúdo, estilo e forma de composição das Cartas do Leitor, eram essenciais para que os alunos tivessem uma visão ampla e ao mesmo tempo mais aprofundada sobre o gênero do que a definição exposta na apresentação da situação.

Esse aprofundamento ainda generalizante fez-se necessário pelo fato de que os discentes pouco sabiam sobre o gênero textual que estava sendo estudado, e mesmo tratava-se de um movimento natural da SD, que parte do geral para o

particular, ou do “complexo para o simples”, como afirmam Dolz e Schneuwly (2004: 103).

Dessa forma, o módulo I tornou-se importante para a continuidade da SD no que se refere à aprendizagem dos alunos, fazendo com que estivessem mais habilitados a iniciar o estudo pormenorizado dos elementos do gênero. Dolz e Schneuwly (2004) endossam essa posição quando alertam-nos de que

o caráter modular das atividades não deverá obscurecer o fato de que a ordem dos módulos de uma sequência didática não é aleatória. Se vários itinerários são possíveis, certas atividades apresentam uma base para a realização de outras (p.111).

### **2.3.2. Módulo II**

No segundo módulo da SD, foi viabilizado o estudo aprofundado do estilo das Cartas do Leitor, ou seja, da seleção vocabular. As abordagens tiveram como foco a análise dos termos e expressões mais comuns ao gênero, dos tipos de linguagem concernentes a ele, além da aprendizagem sobre as variantes linguísticas e acerca da adequação da linguagem às situações de comunicação.

Com esse objetivo, os alunos foram orientados a lerem a seleção de Cartas para análise do vocabulário (CA, p. 140), preenchendo, em seguida, a tabela referente a essa análise (CA, p. 121), a qual visava que fossem percebidas as peculiaridades vocabulares do gênero. Após o cumprimento dessa tarefa, pediu-se aos discentes que expusessem as expressões e termos que haviam encontrado, como se pode ver nos excertos abaixo:

**P1:** que expressões elogiosas vocês encontraram?...

**A1:** oportuníssimas... inteligentes...

**P2:** (...) tem bastante interessante aí também (...) e as expressões de críticas?...

**A1:** de mau gosto (...) a revista foi injusta...

**P1:** foi injusta... deselegante (...) essas são na verdade as expressões que aparecem mais né... de crítica e de elogio porque a maioria das cartas segue esse tipo né... as sugestivas já são mais... já são... aparecem pouco... geralmente são... são as cartas de elogio e crítica que aparecem mais... expressões sugestivas vocês encontraram?...

**A1:** (...) GOSTARIA...

**P1:** (...) ah tá... gostaria sim... gostaria...

**A2:** éh... sugiro...

**P1:** sugiro... por exemplo tem uma expressão também que não sei se apareceu em alguma carta mas coloquem tá... lá em expressão de sugestão né... ESPERO QUE... (...)

**A1:** SERIA INTERESSANTE...

**P1:** expressões de discordância... vocês encontraram?...

**A2:** SOU CONTRA... NÃO CONCORDO...

**P2:** DISCORDO...

**P1:** (...) esses três são os mais comuns né... DISCORDO... NÃO CONCORDO... SOU CONTRA...

**A1:** NÃO GOSTEI também...

**P1:** ahn ahn... e as expressões de concordância?...

**A4:** eu achei sou a favor...

**P1:** SOU A FAVOR...

**A4:** tem achei ótimo...

**P1:** (...) CONCORDO... vocês acharam algum concordo?...

**A1:** ((balança a cabeça afirmativamente))

**P3:** ou sou da mesma opinião né...

**P1:** ISSO... aparece muito... sou da mesma opinião do autor... do leitor...

**P2:** (...) às vezes a gente... acaba fazendo a nossa carta ficar simples demais por não usar certos termos... às vezes... por exemplo se você quer enfatizar a tua sugestão você tem que colocar um termo ali que diga isso (...)

**P4:** (...) quais... quais os termos depreciativos que vocês encontraram?...

**A7:** foi injusta e deslegante... fiquei indignada...

**P1:** INDIGNADA... INFELIZMENTE (...) e verbos de opinião?...

**A3:** eu acho...

**P1:** EU ACHO

**A2:** concordo (...)

**P1:** então... vocês utilizaram algumas dessas expressões nas cartas de vocês?... quais expressões vocês usaram?... que vocês lembram... por exemplo... de todas que nós tratamos aqui... verbos de opinião... termos apreciativos... depreciativos... concordância... discordância... quais vocês utilizaram?(...)

**A2:** concordo...

**A1:** achei legal... interessante (...)

**P1:** (...) a maioria de vocês aqui usou sou a favor... sou contra... concordo... discordo... parabéns... muito interessante... isso já é um bom caminho né... quer dizer que vocês entenderam o vocabulário que é pertinente ao gênero carta do leitor (...) mas é interessante vocês analisarem... AH eu acho que a minha carta tá precisando de um termo assim pra ficar mais legal... aí vocês já analisam e já vão pensando no que vocês podem melhorar a carta de vocês (...)

Durante a exposição das expressões afins às Carta do Leitor, percebeu-se que os participantes da SD não tiveram dificuldades em localizar nas Cartas os itens solicitados, executando o exercício com eficiência. Além disso, a maior parte dos

alunos, ao elaborar a primeira produção, colocou em seu texto pelo menos um termo ou expressão característica do gênero. Apenas uma aluna não conseguiu apresentar algum elemento de estilo das Cartas.

Assim, foi bem produtivo trabalhar esse tema com todos os discentes de maneira detalhada, com o objetivo de que eles tomassem conhecimento das variadas formas de expressar-se nas Cartas do Leitor. Dessa maneira, os alunos notariam as possibilidades que tinham para modificá-las ou aperfeiçoá-las, caso fosse necessário. Para Dolz e Schneuwly, esse é o objetivo dos módulos, ou seja, fazer com que os aprendizes apropriem-se “dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero”, ficando “mais preparados para realizar a produção final.” (2004: 102).

Para dar continuidade às atividades do módulo II, no dia seguinte, foi possível trabalhar com os alunos os tipos de linguagens que podem ser usados no gênero Carta do Leitor, através do tópico “Refletindo: que linguagem utilizar?” (CA, p. 122). Antes que fizéssemos a leitura das definições de linguagem formal e informal, verificou-se ser importante saber o conceito que os alunos tinham sobre a primeira:

**P3:** (...) antes de a gente começar a fazer a leitura daqui da apostila... eu quero saber de VOCÊS... o quê que vocês imaginam que seja a linguagem formal... vamos começar com o A3...

**A3:** uma linguagem sem erros né... que obedece à língua portuguesa... à gramática...

**P3:** ok...

**A2:** é uma linguagem correta gramaticalmente (...) é uma linguagem sem erros... não tem... não tem gírias né... na linguagem...

**A5:** (...) é uma vocabulário raro né... é mais voltado pra palavras difíceis também...

**A1:** bom formal vem de uma coisa séria né... correta... eu acho que seja isso... eu acho que... acho que... os que conhecem palavras legais...

**A4:** bom éh... eu acho que a compreensão é uma ... uma linguagem... linguagem sem erros... é tipo uma correção né... acho que é isso...

**A4:** uma linguagem... sem erros ((risos))... já falaram...

**A7:** eu acho isso aí também ((risos))

**A8:** é... também...

A partir dessas exposições observou-se que, apesar de a maioria dos alunos ter noções corretas sobre a linguagem formal, houve alguns conceitos equivocados, conforme denotaram os alunos A1 e A5, os quais consideravam que a eficiência no uso dessa linguagem consistia no dito “falar bonito” e em usar palavras “difíceis”. Diante dessas ideias, foi necessário desconstruí-las, o que foi feito mediante

explicações e através do conteúdo exposto sobre o tema no Caderno do Aluno (p. 122), o qual já possuía uma observação sobre o assunto:

**P1:** lê a observação...

**A1:** “apesar do nome que a designa... usar a linguagem culta não significa... estritamente usar palavras difíceis ou vocabulário pomposo... pode-se usar a linguagem culta utilizando vocabulário simples... contudo deve-se atentar para... para as regras gramaticais” (...)

**P1:** (...) éh... sobre o comentário da observação... usar a linguagem formal não significa que vocês vão usar aquele vocabulário que ninguém entende... vocabulário de dicionário... aquele vocabulário cheio de palavras difíceis (...) no caso a linguagem formal... você tá usando desde que atente às regras gramaticais...

Também foram lidos e explicados os conceitos dos tipos de linguagem, com os respectivos exemplos (CA, p. 122), a partir dos quais fizemos uma reflexão com os alunos para que entendessem o preconceito linguístico, enfatizando a utilização apropriada da linguagem nas variadas situações de fala e escrita:

**P3:** (...) você falando... conversando com um amigo... como tá dizendo aqui... na linguagem informal... coloquial... em determinadas situações ela é totalmente aceitável... é porque eu não posso chegar conversando com um amigo utilizando uma linguagem culta... culta... cultíssima...

**P4:** aí é pra gente se ADEQUAR...

**P2:** (...) mas é interessante também que o ser humano ele tem que se adequar né?... então eu não vou... por mais que eu tenha uma linguagem muito polida (...) eu não vou chegar com um grupo de amigos que tá falando coisas assim bem dos jovens... e falar assim que (...) de certa forma eles vão me excluir...

**A1:** (...) eu acho feio aqui no aqui no Norte... assim palavras que falam pô meu... égua...

**P1:** (...) mas é normal gente... a língua ela é muito variada... então não tem como a gente discriminar a mesma (...) a grande questão é que você tem que se adequar... tem que pensar... onde eu estou?... pra quem eu vou falar?(...) vocês podem usar a linguagem informal desde que vocês tenham essa noção... pra quem eu tô falando?... onde vocês estão?...

**A1:** pra não se tornar inconveniente né?...

**P1:** isso...

**P1:** éh... queria só perguntar pra vocês... por que que a norma culta é norma culta?... por que?... por que o certo é nós vamos e não o nós fumo?...

**A9:** porque é certo... eu acho...

**P2:** mas quem diz o que é certo?...

**A10:** a gramática...

**P1:** quem foi que criou a gramática?...

**P2:** (...) e o tipo de expressões que a gente mais utiliza?... eu digo eu te amo ou amo-te... hoje em dia já há uma discussão muito grande em relação a esses termos... em relação a essas normas...

porque... o que a gente utiliza realmente no dia-a-dia... e o que é a gramática?... o que é essa norma culta?...

**P1:** (...) quem é que fala o nós vamos?... é o médico... o engenheiro... é o professor... quem é que fala nós fumo?... é o ribeirinho... é o que chamam de caboco... mas por quê que o nós fumo é errado?...

**A2:** é que nem a história do latim né?...

**P3:** (...) ahn ahn... latim vulgar e latim culto...

**P1:** (...) por que... que é considerado nós fumo errado?... porque quem fala é o pobre... é o analfabeto... né... é só uma questão de reflexão pra que vocês saibam... a norma culta é considerada norma culta... porque as pessoas que falam têm um certo poder na sociedade... a nossa língua ela...

**P3:** reflete a sociedade...

**P1:** isso... a língua reflete a sociedade... se chegar um médico e inventar uma palavra... essa palavra é... nossa... uma palavra bonita... se o ribeirinho falar... inventar uma palavra... é a caboquice... é que nem moda... ((risos))...

**P3:** (...) que fique claro que a gente não é contra a norma culta... pelo contrário...

**A8:** a gente tá fazendo uma reflexão né?

**P1:** isso (...)

Esses esclarecimentos, por vários motivos, eram muito importantes para a aprendizagem dos alunos, tanto referente ao gênero Carta do Leitor, quanto ao próprio cotidiano deles. Primeiramente pelo conhecimento da ênfase dada ao ensino da norma culta em sala de aula, o que em si não é errado, mas que é repassada como única forma legítima de expressar-se, sem que se leve em conta os diferentes espaços pelos quais a linguagem perpassa e que influenciam em seu uso.

Além desse fator, os PCNEM (2000) incentivam o estudo da linguagem em uma reflexão sobre seu uso social, em que se deve ajudar os alunos a respeitarem os diferentes tipos de linguagens (pp. 7 e 16). Soma-se a isso a necessidade, por parte dos discentes, de analisar e perceber em que situações utilizar cada tipo de linguagem, mensurando os aspectos que envolvem a produção e circulação de cada gênero, como os destinatários e o meio em que é produzido.

No caso das Cartas do Leitor, foram propostos aos alunos alguns questionamentos para que pudessem identificar se utilizariam a linguagem formal ou informal (CA, p. 122), já que, conforme visto também no módulo I, esse gênero admite as duas formas, dependendo do meio de comunicação em que as Cartas são publicadas:

**P1:** (...) é aquilo que nós dissemos pra vocês... tem que verificar pra quem eu estou falando?... se você tiver escrevendo uma carta você tem que verificar... se a revista é destinada a quem?... a

jovens... tá... então eu não vou usar um vocabulário muito pomposo porque jovem gosta de linguagem simples...

**P3:** (...) é uma questão de adequação... assim como nós vimos que nas cartas... o quê que nós percebemos?... que as cartas da Veja... por exemplo... eram cartas... vocês viram... algo diferente ali...

**A1:** formal...

**P3:** cartas formais... aí a Superinteressante já tem cartas o quê?... informais... é o que ela disse... é uma questão de se adequar (...)

**P1:** a gente deve se adequar... analisar a revista... o perfil dos leitores... analisar olha... como agora aqui... analisar as próprias cartas... vocês leram lá... as cartas da Veja não foram publicadas cartas com gírias... cartas com expressões coloquiais... expressões regionais... então não coloquem... aí se vocês virem que tem uma abertura vocês podem até colocar se vocês quiserem tá... não é obrigatório...

No momento seguinte, foi aplicado um pequeno exercício referente aos tipos de linguagem (CA, p.122), no qual os alunos verificaram, na prática, os elementos das linguagens formal e informal presentes nas Cartas para análise do vocabulário (CA, p. 140), expondo-os logo em seguida:

**P4:** que expressões formais vocês encontraram?...

**A3:** oportuníssimas... inteligentes...

**A2:** (...) tem também profundamente indignada...

**A1:** magnífica...

**A5:** fascínio...

**A1:** fidedigno...

**A2:** (...) tem outra... Veja foi injusta e deselegante...

**P1:** (...) expressões coloquiais vocês encontraram?...

**VÁRIOS ALUNOS:** muito legal... super legal...

**A1:** a minha galera...

**P2:** expressões regionais... alguém encontrou?...

**A4:** eu coloquei... porque a gente não encontrou aqui... aí a gente pensou que podia colocar algumas que a gente conhece... aí eu coloquei guri... éh... éh... pretinha... muita gente usa essas expressões em São Luís... pretinha é muito conhecido lá...

**A1:** o égua... massa né... massa...

**A4:** pô meu...

**P1:** gírias e palavrões vocês encontraram?...

**A2:** bombar...

**A9:** foda (...)

Nessa atividade os alunos também não tiveram dificuldades em encontrar os tipos de expressões solicitadas, apenas não identificando as expressões regionais, as quais realmente não havia, especialmente relativas a nossa região. Diante disso, colocaram algumas expressões que conheciam, como verbalizou a aluna A4.

Avaliou-se o módulo II como bastante produtivo, pois os alunos mostraram-se interessados nos temas, havendo maior participação deles nas discussões, mais especificamente naquelas relacionadas às variantes linguísticas e à adequação da linguagem, conforme se pôde notar em alguns trechos das transcrições expostas.

### 2.3.3 Módulo III

A forma de composição das Cartas do Leitor foi o tema do terceiro módulo da SD, em que foram analisados os aspectos estruturais do gênero, assim como suas diferenças em relação ao gênero Carta Pessoal. Esse módulo, embora tenha sido breve, foi essencial na obtenção de instrumentos para eliminar as dificuldades quanto à estrutura da Carta do Leitor, porque, nas primeiras produções, todos os alunos apresentaram problemas nesse sentido.

Assim, solicitou-se aos discentes que lessem a seleção de Cartas para análise da forma de composição (CA, p. 141), para que respondessem as perguntas que serviriam de base para as discussões desse tópico (CA, p. 123). Após a resolução do exercício, abriu-se espaço para que os alunos compartilhassem suas respostas. As primeiras questões referiam-se à extensão das Cartas, o que se pode observar na transcrição abaixo:

**P1:** (...) a primeira pergunta... “as cartas do leitor são formadas geralmente por quantos parágrafos?”...

**VÁRIOS ALUNOS:** um...

**A1:** um ou dois...

**P1:** um ou dois no máximo né... são cartas pequenas... éh... o que nós percebemos é assim... éh... uma coisa que é interessante que vocês saibam é que as cartas... elas... às vezes elas são editadas... por exemplo... você manda uma carta enorme... eles tiram só o pedaço que interessa e publicam... no máximo um parágrafo... vocês veem... é muito pequeno... é um parágrafo e é pequeno... ou então dois... se a carta for uma carta bem interessante... que não dê pra eles cortarem... eles publicam uma carta maior... mas é muito difícil... geralmente é só um parágrafo mesmo e bem pequeno... aqui a segunda pergunta já foi respondida né... “as cartas publicadas são curtas ou longas?”...

**VÁRIOS ALUNOS:** curtas...

**P1:** curtas... todas as cartas são bem curtas... são bem sucintas... como a gente colocou... são claras e objetivas... vão direto ao ponto (...)

Como se nota, os discentes conseguiram constatar que as Cartas estruturam-se, de forma geral, em no máximo dois parágrafos curtos. Para que esse entendimento fosse ampliado, informou-se que os textos, às vezes, são editados para que fiquem mais claros, sucintos e objetivos, sendo encontradas poucas Cartas extensas, nas quais é imprescindível um texto excelente para a sua publicação na íntegra. Como afirma Passos (2003:84), “a *carta do leitor* adquire características particulares ao ser editada para publicação, sofrendo modificações que podem implicar até mesmo em reformulação do texto original”. (grifos da autora)

Essas observações foram especialmente necessárias à grande parte dos alunos, os quais não se adequaram à forma de composição do gênero em suas produções iniciais, apresentando Cartas muito longas, o que não é admissível no gênero Carta do Leitor, o qual prima pela brevidade e objetividade.

Outra dificuldade quanto à composição do gênero na primeira produção foi verificada na ausência da identificação do leitor, a qual é exigida para que as Cartas sejam publicadas, posto que raramente são encontradas Cartas anônimas. Esse problema foi apresentado pela totalidade dos discentes.

Conseqüentemente, durante o módulo III foram trabalhadas as informações requeridas sobre o autor da carta, assim como o local em que são dispostas, conforme previsto no conteúdo da SD através da atividade proposta aos alunos (CA, p. 123), de acordo com o que pode ser visto nos seguintes trechos:

**P1:** (...) éh... a pergunta três... “quais informações sobre o leitor são colocadas geralmente nas cartas?”... sobre o autor da carta... quais as informações que são colocadas?...

**A2:** nome...

**A10:** nome... cidade...

**A6:** estado...

**P1:** nome cidade e estado... éh... em algumas cartas é colocada a profissão... colocam lá... Luiz Inácio Lula da Silva... vírgula... presidente do Brasil... acontece de colocarem assim... ou então às vezes só aparece o nome da pessoa e colocam vírgula... por e-mail... mas geralmente o que vem... é o nome... a cidade e o estado... a quatro... “em que local essas informações são colocadas?”...

**VÁRIOS ALUNOS:** no final... no fim da carta...

**P1:** isso (...)

Por fim, discutiu-se a última questão do exercício, na qual os alunos deveriam estabelecer as diferenças entre a Carta do Leitor e a Carta Pessoal. Para isso, poderiam recorrer ao material de apoio – as Cartas do Leitor selecionadas (CA, pp. 140-142) e o exemplo de Carta Pessoal exposto no Caderno do Aluno (p. 123). Solicitou-se que cada aluno expusesse suas respostas, as quais veremos a seguir:

**A1:** a carta do leitor... ela expressa uma ideia sobre um determinado assunto... no caso... vai incluir a tua opinião sobre o assunto... vai expor um pouco do teu conhecimento sobre o assunto... vai sugerir... vai opinar... vai criticar... a carta normal... aqui ela fala do que tá se passando na vida dela... no caso da mãe dela... como ela tá se sentindo... é isso... é uma carta pessoal...

**P1:** e quanto à estrutura?...

**A1:** a estrutura?... a carta pessoal é maior (...) tem data... “Macapá vinte e oito de abril de dois mil e oito”... tem mais termos coloquiais do que na carta do leitor (...)

**A10:** “a carta do leitor na maioria das vezes é formal e bem elaborada... já a pessoal é mais coloquial e existe um pouco mais de intimidade” (...)

**A9:** a carta do leitor tem críticas... aí a carta pessoal é mais sentimental...

**A6:** eu coloquei quase a mesma coisa... a carta pessoal é mais a intimidade da pessoa... a vida dela... a carta do leitor é mais opinião...

**A8:** a carta do leitor é destinada a um público... e a carta pessoal é para... é para... só uma pessoa... destinada só pra uma pessoa...

**A4:** as cartas do leitor elas destinam-se a várias pessoas... várias pessoas leem ela... e já é pra alguma revista... algum jornal né... já a carta pessoal é somente pra uma pessoa (...) pode mandar pra um amigo... um irmão... mas só aquela pessoa vai ler... mais ninguém... e a carta do leitor não (...)

**A12:** a carta do leitor todos podem ler... a carta pessoal não... só uma pessoa... tem que ter intimidade...

**A2:** a carta do leitor ela expressa opinião éh... e a carta pessoal ela expressa mais o sentimento dela... e o que ela escreve é pessoal... então fica entre ela e a pessoa pra quem ela mandar (...)

**P3:** éh... fora isso... vocês falaram muito quanto ao conteúdo né... da carta... mais uma perguntinha... quanto à estrutura... vocês não observaram mais nada?... éh... comparando por exemplo... a pessoal com a carta do leitor vocês não observaram nada?... nada mais?... aí vocês observaram também que na carta pessoal tem despedida?... coisa que não tem na carta do leitor... tem o vocativo... que é isso aqui ó... querida amiga... caro amigo... né... são coisas... são características próprias da carta pessoal... e na carta do leitor não tem...

Notou-se que os alunos conseguiram visualizar muitas características contrastantes entre os gêneros, referentes ao conteúdo (A1, A2 e A6), estilo (A10), destinatários (A4, A8 e A12) e forma de composição (A1). Todavia, como era enfatizada a análise deste último elemento, os discentes foram instigados a

apresentarem o que tinham encontrado com relação à estrutura das Cartas. Também foram apontadas algumas diferenças que não foram notadas por eles, conforme fica patente na fala da professora P3.

Vale ressaltar que os aspectos diferentes entre os gêneros apontados pelos discentes são coerentes com a seguinte afirmação de Passos (2003):

*A Carta do Leitor está inserida dentre as cartas de caráter pessoal, mas se diferencia por ser uma carta aberta que se dirige a alguém publicamente, através de jornais, revistas ou outro meio de comunicação impresso e de grande penetração, enquanto as cartas de caráter pessoal, em sua maioria, têm cunho privado, totalmente íntimo, pessoal (p. 83).*

Faz-se necessário explicar que a diferenciação entre a Carta Pessoal e a Carta do Leitor foi incluída na SD com base em uma oficina realizada sobre o gênero em questão e na qual houve interferência dos elementos do primeiro sobre o segundo, o que se pensava ser possível ocorrer novamente.

Entretanto, apesar de nenhum aluno ter incorporado em sua produção inicial elementos da Carta Pessoal, optou-se por manter esse exercício, pois através dessa análise comparativa os discentes seriam levados a compreender o fato de que os gêneros textuais são diferentes, auxiliando-os a entender a importância da aprendizagem das características do gênero para produzi-lo com eficácia.

#### **2.3.4 Módulo IV**

O quarto módulo foi o mais longo da SD, desenvolvido em quatro dias, nos quais foram trabalhados aspectos referentes à argumentação. Essa sequência tipológica é a mais recorrente nas Cartas do Leitor, apesar de que, em alguns casos, aparece mesclada com outras tipologias, como a narração e a descrição.

Nas produções iniciais dos alunos foi possível observar que todos, de alguma forma, tentaram argumentar em defesa de suas opiniões, mostrando, dessa maneira, que já haviam desenvolvido algumas capacidades argumentativas. Entretanto, muitos discentes tiveram dificuldades em organizar suas ideias, apresentando argumentos mal encadeados e por vezes confusos, em alguns casos pela não utilização dos operadores argumentativos necessários (ver capítulo 3).

Para auxiliar os aprendizes quanto a essas necessidades, iniciou-se o módulo com uma breve definição de argumentação (CA, p.124), demonstrando sua importância com relação ao gênero estudado e dando ênfase ao fato de que se trata

de algo que não exercemos somente em sala de aula, mas também em variadas situações do cotidiano:

**A8:** “para que se possa produzir bem o gênero carta do leitor deve-se sabe argumentar... já que as cartas como vimos apresentam opiniões pessoais de cada leitor... as quais muitas vezes são divergentes... portanto nesse momento aprenderemos mais sobre a arte de argumentar relacionada ao gênero carta do leitor”...

**P1:** alguém lê o próximo tópico “o que é argumentação?”...

**A6:** “a argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém... para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado... sempre que argumentamos temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós”...

**P1:** só por esse contexto a gente pode ver que a argumentação ela tá presente na nossa vida diária... (...) acredito que todos os dias vocês precisam argumentar...

**P3:** principalmente agora no Natal... as crianças vão usar todo o poder de argumentação pra convencer o Papai Noel... ((risos))

**A4:** meu irmão fala... mas eu fui bem na escola pai... o mesmo argumento ele usa todo ano...

**P1:** até as crianças né... elas já sabem argumentar...

**P2:** qual é... qual é o objetivo de querer argumentar?... aqui no texto tem...

**A4:** a gente argumenta quando quer alguma coisa...

**P2:** (...) aqui no texto diz que (...) a gente utiliza o argumento com o intuito de convencer alguém a pensar como nós... então o argumentar... o ato de argumentar... ele... o principal objetivo dele é fazer com que tu penses igual a mim ou pelo menos semelhante (...)

Após essa definição, foram conceituados e exemplificados os três tipos mais comuns de argumentação, começando pela argumentação por citação (CA, p.124), como podemos ver abaixo:

**P1:** (...) tu podes ler A12?...

**A12:** “às vezes para defender uma ideia procuramos pessoas consagradas... que pensam como nós acerca do tema em evidência... e apresentamos no corpo de nosso texto a menção de uma informação extraída de outra fonte... o trecho citado deve estar de acordo com as ideias do texto... assim tal estratégia poderá funcionar bem... esse tipo de argumentação é pouco utilizada... porém é de grande valor... desde que sejam respeitadas as características de objetividade presentes nas cartas... ou seja... as citações não podem ser muito extensas”...

**P1:** quem pode ler o exemplo?...

**A2:** “Mahatma Ghandi dizia que se tivermos de morrer então que a morte seja útil de alguma forma... se pudermos usar as pesquisas realizadas naquela época para auxiliar a humanidade hoje... que isso seja feito...”

**P1:** então a argumentação por citação ela é uma argumentação muito valorizada porque ela mostra que você tem conhecimento... é muito fácil você chegar e colocar uma ideia ali... mas chegar e dizer que algum autor tem uma ideia que parece com a minha... dá muita força a qualquer redação... qualquer texto...

**P2:** (...) mostra que tu buscaste... que tu tens outras bases pra falar aquilo... não surgiu do nada... entendeste (...)

**P1:** então... se você tiver... se vocês SOUBEREM utilizar uma citação... uma ideia de um autor que vocês tenham certeza... vocês utilizem... porque vale muito realmente pra redação de vocês...

**P3:** é isso mesmo (...) adequando realmente... (...) agora não adianta eu pegar... eu tenho um monte de citação legal... vou encher minha redação de citação... pelo contrário... aí causa um efeito totalmente contrário ao que tu queres (...)

**P1:** então vamos só verificar qual foi a pessoa consagrada citada na carta?...

**A2:** Mahatma Ghandi...

**P1:** Mahatma Ghandi... e o pensamento em comum entre ele e a leitora que enviou a carta?...

**A4:** que se tivermos de morrer... então que a morte seja útil de alguma forma...

**P1:** isso (...)

De acordo com o trecho do módulo apresentado acima, mostrou-se aos alunos a importância da argumentação por citação no contexto das Cartas do Leitor, colocando-se, porém, algumas ressalvas com relação a seu uso, expostas no texto lido pela aluna A12 e na fala da professora P3. Foram identificadas com facilidade pelos discentes as questões propostas sobre o exemplo desse tipo de argumentação, como se pode ver na última parte da transcrição.

Passou-se então para o estudo da argumentação por comprovação. Após a leitura da definição e do respectivo exemplo, contidos no Caderno do Aluno (p. 124 e 125), fez-se uma breve explicação sobre a validade desse tipo de argumentação, além de pedir-se aos alunos que o identificassem no exemplo dado, o que foi feito sem problemas.

Em seguida, foi abordada a argumentação por raciocínio lógico, seguindo os mesmos parâmetros das explicações dos tipos anteriores. Como nessa forma de argumentar prevalece a relação de causa e consequência, foram apresentadas aos discentes algumas expressões indicativas dessa relação (CA, p. 125):

**P1:** aqui nós temos algumas expressões indicadoras de causa e consequência (...) por exemplo... pra expressar causa vocês podem usar POR CAUSA DE... GRAÇAS A... EM VIRTUDE DE... EM VISTA DE... DEVIDO A... POR MOTIVO DE... por exemplo... por causa da poluição... a floresta está sendo destruída (...) aí... as expressões indicadoras de consequência... CONSEQUENTEMENTE né... tá

óbvio... EM DECORRÊNCIA... COMO RESULTADO... COMO EFEITO DE... então essas expressões que vocês vão utilizar nas cartas... quem utilizou a argumentação por raciocínio lógico utilizou alguma dessas expressões?... utilizou?... quais vocês utilizaram?...

**A2:** como resultado... efeito de...

**P1:** utilizou A10 alguma?... qual... quais foram?...

**A10:** por motivo de...

**P1:** hum... isso... éh... é importante que vocês utilizem essas expressões tá... que aí a argumentação de vocês vai ficar bem mais destacada...

Conforme se visualiza no trecho transcrito, perguntou-se aos alunos se haviam utilizado alguma das expressões estudadas em suas produções iniciais, o que também foi feito quanto aos tipos de argumentação vistos, como se percebe no trecho que segue:

**P1:** (...) vocês utilizaram algum desses três tipos de argumentação na redação de vocês... alguém utilizou? ( )... é importante que vocês utilizem na carta que vocês fizeram...

**A1:** na carta?...

**P1:** usou qual tipo?...

**A1:** sim essa por raciocínio lógico... e essa segunda por comprovação...

**P1:** por comprovação?... alguém mais utilizou algum tipo desses argumentos?... não?

**A10:** comprovação...

**P1:** comprovação...

**A10:** raciocínio lógico...

**P1:** raciocínio lógico... são os três tipos de argumentos mais importantes tá... que você pode utilizar nas cartas do leitor...

Esses questionamentos, feitos não só nesse módulo, mas também ao longo da SD, visavam que os alunos não perdessem de vista a íntima ligação entre o conteúdo dos módulos e o gênero produzido. Também por esse motivo, vale ressaltar, foram utilizadas Cartas do Leitor como exemplos dos tipos de argumentação.

Parece estranho ter que fazer essa relação, já que o gênero Carta do Leitor é o tema da SD. Porém, sem isso, muitos assuntos poderiam ser considerados como independentes, principalmente aqueles que, como no caso da argumentação, geralmente são vistos pelos alunos na escola sem nenhuma relação com um gênero textual discursivo.

O momento seguinte a essas questões teve como pauta a antecipação e refutação de posições contrárias (CA, p. 126), as quais também foram exemplificadas mediante uma Carta do Leitor:

**P1:** (...) quem pode ler?... o colega que ainda não leu...

**A9:** “esse tipo de argumentação é a mais utilizada nas cartas do leitor... apesar de poder gerar contestações... por isso... caso o leitor note que sua opinião será contestada... pode antecipar posições contrárias e refutá-las... como ocorre no exemplo abaixo... na edição de outubro... desabafa página catorze... uma leitora usou um adjetivo nada convencional para expressar seu carinho pela Super... sei o quanto vocês redatores são contra a censura... todavia penso que depois desse exemplo... muitos vão começar a entender que também têm o direito de ver suas opiniões serem publicadas na íntegra... só Deus sabe o que poderemos estar lendo daqui para a frente... sendo assim gostaria que vocês voltassem a triar melhor o que publicam...”

**P1:** (...) essa carta gente... ela tá fazendo referência... vocês já leram uma carta lá na seleção que falava ah a Super é PI:... tem aquele palavrão (...) então... a leitora... como ela não gostou... ela fez uma carta se referindo a outra carta do leitor... o que também é possível... a gente estudou... então éh... essa leitora ela previu que a sua... que a sua argumentação ia ser contestada... onde é que vocês podem ver isso?...

**A5:** “sei o quanto vocês redatores são contra a censura”...

**P1:** isso... ela pensou... ah com certeza eles vão dizer... ah nós somos contra a censura... então ela já antecipou... ela disse eu sei... eu já sei disso (...) e aí ela fez uma refutação... ela rebateu o argumento ou objeções do adversário... onde é que vocês podem verificar isso?...

**A7:** “só Deus sabe o que poderemos... o que poderemos estar lendo daqui para a frente...”

**P1:** isso (...) essa é a refutação dela... vocês podem também fazer isso... se vocês verificarem que vocês sabem que o argumento de vocês vai ser rebatido... você já refuta (...) é uma opção inteligente até (...)

Fica notório a partir do que disseram os alunos A5 e A7 que não houve problemas para identificar a antecipação e a refutação da leitora no exemplo utilizado. Com isso, foi encerrado o primeiro dia do módulo IV com um bom aproveitamento dos alunos, que não apresentaram dúvidas e demonstraram, através das atividades, que haviam entendido os primeiros temas apresentados sobre a argumentação.

No segundo dia, em continuação ao módulo, foram trabalhados os temas “contra-argumentação” e “operadores argumentativos”. No primeiro, os alunos tiveram dificuldades em identificar, no exemplo dado, a contra-argumentação do leitor, mesmo após a definição desse recurso argumentativo (CA, p.126), havendo a

necessidade de intervenções para que pudessem atingir o objetivo da atividade. Assim, os discentes foram auxiliados a encontrar a contra-argumentação na Carta, assim como o argumento que lhe serviu de base:

**P3:** (...) quem pode ler?...

**A2:** “além de argumentar em uma carta do leitor você pode contra-argumentar ou seja a partir de argumentos apresentados você pode contrapor seus argumentos” ...

**P4:** alguém pode ler o exemplo?...

**A7:** “troca-troca... numa época em que a indústria do entretenimento sobrevive de revivais e coletâneas por pura falta de criatividade é incrível o ato de apontarem a troca de arquivos pela internet como a responsável pela sua crise... André Brandão Melo... Uberaba”...

**P2:** aí nós temos uma carta... nessa carta nós temos uma contra-argumentação... a partir de um argumento que foi apontado (...) a gente consegue identificar qual foi o argumento que ele contra-argumentou?... às vezes o argumento... ele... não o encontramos tão explícito...

**A2:** troca de arquivos pela internet?...

**P4:** (...) éh::: é um ponto... mas é mais fechado... vamos fazer assim... primeiro analisar a contra-argumentação dele... alguém de vocês já encontrou?...

**A3:** “é incrível o ato de apontarem a troca de arquivos pela internet como a responsável pela sua crise”... contra-argumento...

**P1:** éh::: aí... olha só... o tema central da carta é a troca de arquivos pela internet... então qual foi o argumento utilizado?... que essa troca de arquivos pela internet estava causando a crise da indústria do entretenimento né?... então esse é o argumento... qual é a contra-argumentação que ele coloca?... qual é a causa segundo ele?... ele não concorda né?... ele dá uma outra hipótese... qual é a estratégia segundo o leitor?

**A1:** não tem criatividade...

**P1:** isso (...) a contra-argumentação dele é o seguinte... que a indústria de entretenimento na verdade tá despencando por falta de criatividade... que eles vivem fazendo revivais e coletâneas por pura falta de criatividade... então... o que seria isso... eles pegam.. ah... vamos pegar as melhores músicas de Roberto Carlos.. não que não sejam bonitas né?... as melhores de Adriana Calcanhoto... as melhores de Fábio Júnior... aí vão criando as coletâneas... nunca tem música nova... sempre coletânea... então o leitor ele aponta... ele dá uma contra-argumentação... a revista argumentou de uma forma que ele não concordou e ele contra-argumenta (...)

É interessante notar que, nas produções iniciais, parte significativa dos alunos utilizou a contra-argumentação, o que torna contraditório, de certa forma, o fato de não terem conseguido identificá-la, sem nossa ajuda, na Carta do Leitor que serviu como exemplo.

Isso mostra que, apesar de os discentes não conseguirem, em alguns casos, conceituar ou mesmo reconhecer certos elementos da língua, não é certo dizer que, por esse motivo, não sabem aplicá-los corretamente. Em muitos casos os aprendizes não têm consciência daquilo que sabem porque suas capacidades pouco são sondadas, e os assuntos são apresentados em sala de aula como se não tivessem conhecimento algum sobre eles.

Essa perspectiva é totalmente diversa da apresentada nas SD, pois, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004:101) estas permitem, através da produção inicial, “circunscrever as capacidades que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades”. Dessa forma, não obstante boa parte dos alunos ter usado a contra-argumentação, mostrando que essa era uma potencialidade que já possuíam, foi importante abordar esse tema para que aprendessem a reconhecê-lo e conceituá-lo.

Quanto aos operadores argumentativos, esses foram estudados de acordo com o conteúdo previsto no Caderno do Aluno (p. 127). Inicialmente, foi lido um conceito para esses operadores, e, em seguida, começaram a ser expostos seus tipos mais comuns.

Apesar de não estarem inclusos no material escrito exemplos para cada tipo de operador, foram utilizadas algumas Cartas selecionadas para análise dos elementos do gênero (pp. 140-142) com o fim de exemplificá-los, como se pode averiguar no trecho abaixo:

**A3:** “operadores que introduzem enunciados que exprimem conclusão ao que foi expresso anteriormente... LOGO... PORTANTO... ENTÃO... CONSEQUENTEMENTE e etc”...

**P1:** vamos só dar um exemplo de uma carta pra vocês... pra ficar mais claro... lá atrás na página trinta e dois na terceira fileira... a quarta carta de cima pra baixo... todos acharam?... pode ler?...

**A2:** “acreditar que só há vida fora da Terra em planetas iguais ao nosso é o mesmo que acreditar em Chapeuzinho Vermelho... a vida surgiu ao acaso aqui e pode surgir ao acaso em qualquer lugar... basta que o ser que viva em um lugar adverso se adapte a ele... Darwin mostrou que os mais preparados sobrevivem... então a vida pode existir não somente em condições iguais as nossas”...

**P1:** ele conclui com o ENTÃO... poderia ser ENTÃO... PORTANTO... CONSEQUENTEMENTE... tem também... POR CONSEQUINTE...

**P4:** LOGO...

**A1:** entretanto entra aqui?...

**P1:** não... entretanto indica argumentos opostos... a gente vai estudar... aqui são argumentos que você usa quando você vai encerrar a sua carta (...)

Isso foi feito para que os alunos apreendessem melhor o contexto de uso desses elementos da língua, especialmente em relação ao gênero estudado, posto que havia necessidade desse conhecimento para que os discentes pudessem encadear e organizar melhor seus argumentos, ou mesmo para dar-lhes coerência. Também tivemos bastante interesse em tirar as dúvidas que surgiram, como as expostas pelo aluno A1 quanto ao operador “entretanto”. Além disso, colocamos em foco a importância do uso correto dos operadores, ressaltando que apenas colocando-os em prática pode-se realmente saber se sua aprendizagem foi efetiva:

**P4:** (...) é importante pra não confundir né... utilizá-los corretamente pra que teu texto não fique confuso... não fique com falta de coerência...

**P1:** têm pessoas que usam de forma errada esses conectivos... às vezes usam como eu falei pra vocês naquele caso lá::... Maria é bonita no entanto ela tem olhos lindos... né... às vezes as pessoas usam sem saber o sentido... por isso que é importante vocês saberem o conceito e verem um exemplo pra vocês terem essa noção de como utilizar (...)

**P3:** gente alguém tem alguma dúvida quanto a esses operadores argumentativos?... alguém tem?...

**P2:** na verdade esses operadores eles parecem assim bem fáceis olhando eles soltos... a gente vai mesmo aprender a utilizá-los na prática... só quando a gente tiver exercitando mesmo pra ficar mais claro...

**P1:** tem uma atividade que a gente vai exercitar... mas vocês vão utilizar mesmo nas cartas de vocês (...)

Após o assunto explanado anteriormente, demos mais algumas orientações aos alunos acerca de uma boa argumentação, referentes, principalmente, à exposição e organização dos argumentos (CA, p. 127):

**P2:** (...) aqui tem algumas dicas pra melhor argumentar... P4 lê pra gente...

**P4:** “se você possui vários argumentos... organize-os... uma boa opção é abrir e fechar com os melhores argumentos... você pode também organizá-los de forma crescente ou decrescente se preferir... o mais importante é que você nunca esqueça de encadear os argumentos e produzir uma conclusão coerente com os argumentos apresentados”...

**P1:** às vezes você tem muitos argumentos mas não sabe como organizar... você tem que organizar... você não pode terminar com um argumento fraquinho... porque o último argumento ele vai fechar a sua carta... abre com argumento bom e fecha com argumento bom ou então em ordem crescente... coloca o mais fraco e vai colocando os mais fortes e termina com um bem forte... aí é uma tática pra você... chamar atenção pros teus argumentos na carta do leitor...

**P3:** (...) e nunca esquecer de encadeá-los né... você não pode ir largando argumentos por lá sem encadeá-los... como tá aqui né... colocar o apesar de... se forem argumentos contrários... se você for complementar colocar o também... o E... o além disso ( )...

**P2:** é nesse momento que esses conectivos entram porque eles servem de coesão e são eles que vão ligar o teu texto... então você tem que saber que operador utilizar que de repente você usa um elemento errado ele vai prejudicar muito o teu argumento...

**P1:** aqui tem outro ponto “se você tiver apenas um argumento não encha linguiça... lembre-se que mais vale um bom argumento do que vários ruins”... então se você tem só um argumento não fique inventando... coloque o seu argumentado defenda e continue sua carta porque não adianta você colocar um monte de coisa que você nem sabe o que é... que você nem tem certeza que tá correto... que você não sabe defender direito... então coloque um argumento... mas um bom argumento que saiba defender... é melhor do que colocar vários que você não vai saber utilizá-los de forma correta...

**P3:** “o que convence é a convicção... acredite no argumento que você está lançando... se você não acreditar você está perdido... a outra pessoa sentirá que está faltando alguma coisa e nenhum encadeamento racional não importando quão lógico elegante ou brilhante seja... irá ganhar o caso para você...”

**P1:** (...) às vezes você convence a pessoa porque você acredita no seu argumento... você acredita no que você escreveu e às vezes você acaba fazendo uma coisa boa (...)

Dessa forma, tais orientações foram ao encontro das necessidades de muitos alunos que, como foi dito no início desse módulo, não conseguiram organizar seus argumentos, assim como não obtiveram êxito em apresentá-los de forma objetiva em suas primeiras produções.

No terceiro dia referente ao módulo IV, após a devida explicação e tempo necessário para a resolução do exercício sobre a argumentação (CA, p. 128), houve a verificação das respostas. De acordo com a primeira questão, os discentes deveriam sublinhar os argumentos presentes nas Cartas do Leitor selecionadas para análise da argumentação (CA, p. 142). Porém, os discentes encontraram grande dificuldade em realizar essa atividade, conforme podemos visualizar neste trecho:

**P1:** “leia a seleção de cartas da página trinta e três e sublinhe os argumentos que encontrar”... então vamos lá pra página trinta e três verificar que argumentos vocês selecionaram... A12 quais foram os argumentos que tu encontraste na primeira carta?...

**A12:** ((balança a cabeça negativamente))

**P1:** não encontrou nenhum?... A4 encontrou algum?

**A4:** ((balança a cabeça negativamente))

**P1:** não?... não encontraste?... encontrou A10?... tu fizeste essa?...

**A10:** ((balança a cabeça negativamente))

**P1:** não?... A1...

**A1:** não...

**P1:** ninguém fez a seleção?... ou vocês não encontraram?...

**A2:** (...) nós tentamos mas...

**A4:** não é que eu não fiz... eu não achei...

**P1:** ah tá... alguém achou?... tu achaste A3?...

**P4:** o A8... o A8...

**P1:** A8 achou?... pode falar...

**A8:** MAS... QUE... MAS

**P1:** não são os operadores... são os argumentos...

**A8:** ah... os argumentos... (...) “graças à internet dividimos conhecimentos... ideias e informações”...

**P1:** isso... esse é um dos argumentos dessa carta né... (...) alguém achou mais um argumento?... na segunda carta... que vem logo abaixo...

**A4:** portanto...

**P1:** qual foi o argumento?...

**A4:** portanto...

**P1:** tem certeza?...

**A4:** “portanto devemos fazer do nosso hábito de vida o principal remédio a ser consumido”...

**P1:** isso... esse é o argumento conclusivo dele né... éh... na terceira carta... logo abaixo...

**A1:** “quanto à reportagem sobre as drogas”... sobre drogas...

**P1:** no caso aí ele tá só introduzindo a carta dele... inserindo num contexto né... ele tá falando da reportagem sobre as drogas... é só o início... mas ele ainda não começou a argumentar (...)

Como se verifica na transcrição acima, a maioria dos discentes não conseguiu identificar os argumentos nas Cartas. Além disso, os alunos A4 e A8 confundiram os operadores argumentativos com os argumentos em si. O aparecimento de dificuldades por parte dos alunos é natural durante a SD, especialmente quando se realizam atividades novas ou pouco comuns. Sobre isso, Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que

Com efeito, o simples fato de “fazer” – de realizar uma atividade delimitada de maneira precisa – constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem, sobretudo se o problema comunicativo a ser resolvido ultrapassa parcialmente as capacidades de linguagem dos alunos e confronta-os, assim, a seus próprios limites (p. 103).

Cabe nesses casos, segundo os autores, adaptar a sequência às necessidades dos alunos, o que requer por parte do professor “prever e elaborar para os casos de insucesso, um trabalho mais profundo e intervenções

diferenciadas no que diz respeito às dimensões mais problemáticas” (p. 111). Tendo em vista tais considerações, os discentes tiveram ajuda para encontrar os argumentos nas Cartas, além de dicas sobre a forma de identificá-los. Também foram diferenciados “operadores argumentativos” e “argumentos”:

**P2:** só há uma pequena confusão aí... o argumento ele não vai se dar apenas pelos conectivos... os conectivos... na maioria das vezes eles vão iniciar o argumento...

**P3:** vai anteceder o argumento (...)

**P1:** o importante é que vocês identifiquem qual é a opinião... identificando a opinião que o leitor quis colocar vocês vão identificar depois os argumentos dele... no caso dessa carta a opinião dele é o seguinte...

**A1:** ele é contra as drogas...

**P1:** é... ele opinou da seguinte forma... que a revista tratou de forma muito errada a questão das drogas porque ela não apontou os efeitos maléficos... aí o que ele vai argumentar com isso... ele diz que “um dos caminhos para o combate ao vício é discernir os seus efeitos maléficos”... se eu não identificar os efeitos maléficos da droga é capaz de eu acabar incentivando outros a consumir... então vocês têm que identificar a opinião do leitor... aí vocês vão identificar a justificativa dele... o que justifica essa opinião dele... não é pra confundir... os operadores que nós estudamos ontem... como a P2 falou e a P3... eles vão introduzir... eles não são os argumentos em si (...)

**P2:** é uma questão de leitura... só isso...

A partir dessas discussões, os discentes passaram a indicar corretamente os argumentos presentes nas Cartas, não os confundindo mais com os operadores argumentativos, como nos mostra o seguinte trecho:

**P1:** (...) na quarta... que argumentos vocês identificam... quem ainda não fez pode ler agora e tentar identificar tá...

**A1:** “ou será que a inteligência está ligada a um poder de cálculos inigualável?”...

**P1:** isso... é uma forma de argumentar também... no caso dele ele joga as perguntas... é uma questão de fazer a pessoa pensar né... ele pergunta assim... “uma pessoa culta não seria inteligente?” (...) aí é isso que o Leandro... o leitor... ele critica (...)

**P2:** ele questiona os parâmetros que foram utilizados pra definir os outros como inteligentes (...)  
vamos analisar a última tá... a quinta aqui...

**A4:** “agora acredito que alguns já nascem com boa vocação para algo e ser inteligente é uma delas”...

**P2:** isso (...)

Ao serem analisados, juntamente com os alunos, os argumentos das Cartas do Leitor, também se buscou demonstrar os mecanismos que os leitores utilizaram para argumentar, além de explicar-se que, pelo fato de as cartas serem editadas, muitas delas são, no seu todo, argumentos:

**P1:** nesse caso o que nós podemos perceber é que há uma forma atípica de argumentação... uma forma incomum... que são no caso as perguntas... ele joga as perguntas...

**A1:** ah eu fiz isso aqui... aqui eu fiz... coloquei a argumentação e as perguntas... eu fazia as perguntas mas dava as respostas automaticamente... bem sutil né (...)

**P1:** é uma forma de argumentar tá gente... éh... mas desde que vocês saibam no final colocar a opinião de vocês... não adianta colocar um monte de perguntas... tem que jogar as perguntas pra fazer refletir... e depois no final colocar sua opinião e outras argumentações... como foi colocado na carta (...)

**P1:** às vezes também toda a carta é uma argumentação (...)

**P2:** nas cartas do leitor eles retiram exatamente ali o argumento... porque se a gente for falar ali sobre algo a gente vai ainda dar umas voltas... vai introduzir... vai escrever como quiser... mas na carta eles pegam exatamente o argumento...

**P1:** a opinião e o argumento... as pessoas até enviam cartas com toda uma introdução... só que eles retiram essa parte... até porque na revista eles colocam lá um título né da reportagem tal... aí colocam as cartas referentes a essa reportagem... mas quando você for enviar você tem que esclarecer sobre o quê você está falando... mesmo que eles tirem depois... vocês tem que esclarecer (...)

Partiu-se então para a análise da segunda questão do exercício, em que os alunos foram instigados a argumentar acerca dos temas “aborto” e “desarmamento”. Foi explicado que a apresentação da argumentação poderia ser lida ou comentada. Essa atividade visava fazer com que os discentes utilizassem seu potencial argumentativo, possibilitando a obtenção de mais dados – além dos que foram adquiridos através da produção inicial – para que fosse possível auxiliar os alunos a argumentarem adequadamente nas Cartas do Leitor.

Os participantes da SD realizaram diálogos, às vezes breves debates sobre o tema em discussão. Foi permitido que eles se expressassem livremente para que as argumentações fossem surgindo, porque, dessa forma, objetivava-se que eles percebessem, na prática, que a razão para argumentar era convencer os outros sobre determinada opinião. Essa discussão foi bastante agradável, apesar de polêmica, sendo que mesmo os alunos que já haviam colocado seus pontos de vista quiseram manifestar-se.

As argumentações expostas pelos alunos, assim como algumas considerações acerca delas podem ser verificadas, em síntese, a seguir. Para isso, foi levado em consideração o primeiro argumento colocado por cada discente, visto que os comentários adicionais deles apenas corroboraram o posicionamento que já tinham em relação ao aborto. Os argumentos estão organizados de acordo com a ordem em que foram apresentados no módulo.

### **Argumentação 1**

- *Aluno (a)* : A12 (contra o aborto)
- *Argumentos* : “se elas não querem ter filho né... por que elas fazem isso né? ...é crime né... abortar uma criança...”
- *Operadores utilizados*: pelo fato de que; se. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação*: Baixo. Apresentou argumentos inconclusos e que, apesar de válidos, precisavam ser expostos de maneira mais clara.

### **Argumentação 2**

- *Aluno (a)*: A4 (contra o aborto)
- *Argumentos*: “... porque acho errado uma pessoa ter coragem de tirar a vida de uma criança... pois temos que parar para pensar que ela não lida com bichos mas também seres humanos... é horrível uma criança crescer sabendo que sua mãe tentou contra sua vida...”
- *Operadores utilizados*: porque; pois. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação*: Razoável. Apresentou argumentos claros e encadeados, apesar de comuns. O segundo argumento baseia-se na superioridade da vida humana sobre a dos demais seres vivos, o que nem sempre é aceito, e o último argumento necessita de uma explicação adicional, pois, nesse caso, é abordado o fato de a criança sobreviver à tentativa de aborto.

### **Argumentação 3**

- *Aluno (a)*: A10 (sem posição definida)
- *Argumentos*: “... hoje em dia temos muitos métodos para evitar uma gravidez... temos que ser conscientes ao tomarmos uma decisão de extrema responsabilidade ... porém cabe a cada um a responsabilidade de tomar a decisão... afinal temos livre arbítrio...”

- *Operadores utilizados:* porém; afinal. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Bom. O primeiro argumento da aluna indica uma tendência a ser contra o aborto, mas a aluna deixa claro em seu argumento final não ser a favor nem contra esse ato. Apesar disso, apresentou uma argumentação bem elaborada e coerente em defesa de sua opinião de que cada pessoa faz sua escolha, deixando implícito que não julga mal as pessoas que abortam.

#### **Argumentação 4**

- *Aluno (a):* A1 (contra o aborto)
- *Argumentos:* “o aborto provocado é um ato de extrema repugnância... pois ceifa a vida de um ser humano... no Brasil a vítima de estupro é amparada legalmente caso fique grávida... isto é... quando essa mãe insiste em fazer o aborto ela está passando de vítima para homicida... pois está matando a vida de um inocente que não pediu para vir ao mundo... porque eu acho que a partir do momento que existe uma vida... de uma maneira ou de outra sofre... então por isso eu sou totalmente contra...”
- *Operadores utilizados:* pois; isto é; porque; mas; então. O operador “isto é” seria melhor substituído por um conectivo adversativo. Os demais operadores foram utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Ótimo. Assim como a maioria dos discentes, o aluno A1 usou como argumentos o valor da vida humana e a fragilidade da vítima de um aborto. Porém, o aluno também suscitou a questão sobre o amparo legal que, no Brasil, é dado às vítimas de estupro, que, caso fiquem grávidas, podem abortar sem que isso seja configurado como crime. Quanto a esse fato, o aluno apresentou um argumento pouco comum e convincente, afirmando que quem aborta, nessas situações, deixa de ser vítima e passa a ser homicida. O discente tem um bom vocabulário e coerência textual.

#### **Argumentação 5**

- *Aluno (a):* A9 (a favor e contra – de acordo com a situação)
- *Argumentos:* “por causa que tem uma vida né... tem suas responsabilidades... suas éh... é uma vida né... de uma criança...”
- *Operadores utilizados:* por causa de. Utilizado corretamente.

- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. O aluno utilizou apenas uma argumentação, baseada no valor da vida de uma criança e em suas responsabilidades. Trata-se de um argumento que, apesar de ser válido, já se tornou um clichê no que se refere ao aborto, o que torna o argumento pouco convincente.

### **Argumentação 6**

- *Aluno (a):* A8 (contra)
- *Argumentos:* "... porque não há coisa pior no mundo do que matar uma criança... um indefeso... não há coisa pior... no caso a pessoa tá lá... já é uma pessoa... é indefeso... não sabe o que está... não sabe o que faz... não sabe o que está acontecendo..."
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. Argumenta que é uma coisa horrível matar uma criança, mostrando a agravante de ser a vítima um indefeso. É uma argumentação fraca por ser óbvia demais nas discussões contra o aborto.

### **Argumentação 7**

- *Aluno (a):* A2 (a favor do aborto)
- *Argumentos:* "... não seria pior... pior pecado se tivesse... tu acabar com a vida de uma pessoa pouco a pouco... assim tu criando... maltratando... xingando... éh... éh de tudo quanto fosse... as piores formas possíveis... eu acho assim... essa seria pior... porque o fruto de um aborto... a mãe com certeza ia tratar o filho desse jeito... seria o pior jeito da criança ser rejeitada... já a adoção... a gente não sabe ao certo pra onde a criança vai... tem muito caso aí de tráfico de órgãos humanos de criança... como a gente viu aquela criança... não sei se foi em Brasília... a mãe deu ela pra outra pessoa criar porque tinha condições melhores... só que essa que tinha condições melhores trancava a criança dentro de um banheiro (...) então isso não é pior?... isso não martiriza a vida da pessoa pra sempre?... nunca ela vai esquecer... nunca... pode pagar os melhores psicólogos... éh tudo... nunca ela vai esquecer... então eu acho que isso é pior... mas antes é poupar o sofrimento..."
- *Operadores utilizados:* porque; então; já; mas. Utilizados corretamente.

- *Nível de convencimento da argumentação:* Ótimo. Em resumo, o que o aluno afirma é que, nos casos de estupro, é muito melhor abortar do que ter o filho e matá-lo aos poucos, através de maus tratos. Além disso, o aluno é contra entregar a criança para adoção, pois, segundo ele, há muitas pessoas mal intencionadas. Para tentar comprovar essas afirmações, foram apresentados exemplos reais. Dessa forma, a argumentação apresentada pelo aluno A2 superou os clichês que a maioria dos alunos apresentou, defendendo de forma bastante válida uma posição contrária a de seus colegas.

### **Argumentação 8**

- *Aluno (a):* A6 (contra o aborto)
- *Argumentos:* “... porque é o seguinte... quando a mulher né... aborta o filho... até porque também quando ela faz isso ela leva um peso na consciência dela a vida toda...”
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. O aluno deixou incompleta sua primeira tentativa de argumentar; após, ponderou os resultados psicológicos maléficos do aborto para a mãe. Tal argumento é fraco e facilmente contestável, pois não há garantia de que sempre haverá remorso por parte de quem comete um aborto.

### **Argumentação 9**

- *Aluno (a):* A11 (contra o aborto)
- *Argumentos:* “... ah... porque é uma vida...”
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. A aluna foi extremamente lacônica em seu argumento, o que prejudicou sua argumentação, a qual seguiu a ideia da maioria dos alunos sobre a importância da vida, o que, como já afirmamos, é muito previsível para o tema em questão.

### **Argumentação 10**

- *Aluno (a):* A3 (contra e a favor – dependendo das circunstâncias)
- *Argumentos:* “... quando a mulher toma aqueles remédios... às vezes a criança absorve aqueles remédios aí... vem pelo cordão umbilical... a criança nasce com problema (...) aí sem falar que a mulher ela sofre

muito quando ela tem um aborto... aí aquele negócio fica lá... ela vai lá passar por toda uma limpeza... aí é horrível isso (...) tem casos que aparece que a criança nasce... tá sem o cérebro... aí... aí eu acho que... porque a criança ia ser vegetativo mesmo né... não ia prestar pra nada... no caso de estupro também eu sou a favor do aborto... por causa que... da mãe engravidar por uma coisa... uma coisa tão terrível né (...)"

- *Operadores utilizados:* por causa de; porque; e/também. Utilizados corretamente.
- Nível de convencimento da argumentação: Razoável. Em sua argumentação contrária ao ato de abortar, o aluno abordou as consequências físicas para a criança que sobrevive a uma tentativa de aborto e para a mulher no “pós-aborto”, o que foi um diferencial em relação às demais argumentações. Já na argumentação a favor do aborto, o aluno pecou ao afirmar que as crianças que nascem sem o cérebro ficam vegetativas, quando, na verdade, estas sobrevivem apenas alguns minutos após o parto. Falta também ao aluno organizar melhor seus argumentos.

De acordo com os dados supracitados, todos os alunos tentaram defender suas opiniões acerca do aborto. Porém, metade dos que participaram dessa tentativa não obtiveram um bom rendimento. Apenas dois discentes conseguiram alcançar um ótimo nível de convencimento em suas argumentações. Como o maior problema nas argumentações dos alunos foi relacionado ao uso de argumentos fracos e comuns, foram feitas as seguintes observações para ajudá-los a aprimorar suas capacidades argumentativas:

**P1:** (...) não adianta você colocar argumentos que todo mundo coloca... não é tão válido... é aqueles argumentos... ah... eu sou contra o desarmamento porque a violência é muito grande no país... é uma coisa assim... pode ser a tua opinião... mas aborda de uma forma mais profunda... porque até a sociedade tá cansada de ouvir isso...

**P3:** já viraram jargões né?... fica uma coisa assim que todo mundo já sabe (...)

Vale dizer que o bom desempenho dos alunos A1 e A2, os quais apresentaram opiniões divergentes (A1 contra o aborto e A2 a favor), foi muito significativo para tentar alcançar o objetivo do módulo, pois a partir dos posicionamentos e suas respectivas defesas os demais discentes puderam ver a importância de uma boa argumentação para sustentar determinada opinião, mesmo que ela não seja acatada pela maioria (caso de A2), o que é essencial nas Cartas do Leitor.

Antes de passar para as discussões sobre o desarmamento, há a necessidade de fazer uma observação importante. Como vimos, a aluna A11 não expôs uma boa argumentação contra o aborto. Ressalta-se que durante a SD essa aluna mostrou-se extremamente tímida, e como a exposição da argumentação acerca do aborto transformou-se em um diálogo, ela não leu o que havia escrito e resolveu expor oralmente seu argumento. Porém, analisando a argumentação escrita de A11, percebeu-se que ela apresentou uma argumentação razoável, apesar de que ainda havia deficiências a corrigir, conforme podemos verificar abaixo:

“Eu sou contra porque é uma vida que está se gerando. Se não queria ter o filho ela não devia abortar a criança, pois ela não tem culpa do que aconteceu, ela não pediu pra nascer, mas ela também quer vir ao mundo.”

O contrário aconteceu com o aluno A2, o qual, oralmente, fez uma ótima defesa de seu ponto de vista, porém, na escrita, contraditoriamente, colocou-se contra o aborto, apresentando argumentos que, apesar de serem bons, foram bem menos originais do que aqueles que lhe garantiram a ótima sustentação de sua opinião a favor do aborto:

“Não é certo uma pessoa tirar a vida de outra por motivos torpes. A vida é algo sagrado, é divino e pra quem acredita em Deus sabe que não é dever nosso determinar quem vive e quem morre.”

Isso reflete a heterogeneidade das formas de aprendizagem dos alunos. Enquanto alguns conseguem expressar-se melhor na escrita, outros o conseguem através da fala. E há ainda os que possuem a capacidade de expressar-se bem das

duas formas. Por esse motivo, foram propostas aos alunos atividades variadas, alternando entre o oral e o escrito, pois Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que

em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso (p. 105).

Dessa forma, além da argumentação escrita, foi permitido aos alunos que também argumentassem oralmente nas discussões sobre o aborto. No entanto, deixou-se claro que deveriam ser desenvolvidas suas argumentações escritas, pois era dessa maneira que estariam nas Cartas do Leitor:

**P2:** “(...) agora eu queria que vocês organizassem bonitinho escrito... porque a gente quer ver esse escrito... porque o que vai contar na hora é o escrito... nas cartas do leitor os argumentos vão estar o quê?...escritos... você não vai estar lá pra estar debatendo... pra estar falando... expressando... vai contar o que está escrito... e aí a gente vai ver os outros aspectos da gramática... a gente vai ver a coesão... a coerência... vai ver os conectivos... todos esses aspectos que a gente tá trabalhando aqui...”

No último dia do módulo IV os alunos expuseram suas argumentações sobre o desarmamento. Como na discussão do primeiro tema enfatizou-se a exposição oral, nas abordagens sobre o desarmamento deu-se ênfase ao escrito, pedindo-se que os alunos apenas lessem as argumentações que haviam feito. Os resultados das argumentações sobre o desarmamento serão analisados do mesmo modo que o foram os argumentos sobre o aborto:

### **Argumentação 1**

- *Aluno (a):* A3 (contra o desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque na medida em que nós não podemos comprar armas o ladrão fica com mais poder sobre nós... porque ele tem armas e nós não temos...”
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Razoável. Apresentou uma justificativa plausível, baseada na segurança pessoal, através de uma

argumentação concisa e clara. Porém, é um argumento contestável porque o desarmamento visaria principalmente tirar as armas dos ladrões; portanto, o argumento de A3 ficaria completo se ele explicasse que os ladrões teriam armas porque as conseguiriam ilegalmente.

### **Argumentação 2**

- *Aluno (a):* A7 ( a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque muitos adolescentes e crianças morrem através das armas... e ao mesmo tempo adolescentes e crianças estão matando... e isso acontece frequentemente...”
- *Operadores utilizados:* porque; e. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Bom. A aluna deu ênfase à influência das armas para as crianças e adolescentes, tanto as tornando vítimas quanto autoras de crimes. Dessa forma, a argumentação de A7 ficou convincente.

### **Argumentação 3**

- *Aluno (a):* A2 (a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque a gente não vive numa terra sem lei... a gente tem polícia é pra isso... ela que tem o poder de ter armas... tá certo que algumas situações acontecem no nosso cotidiano que fazem pensar que vivemos em uma terra sem lei... mas devemos deixar tudo em nome da justiça...”
- *Operadores utilizados:* porque; mas. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Ótimo. Assim como em sua argumentação sobre o aborto, o aluno utilizou argumentos convincentes e originais, desta vez a favor do desarmamento. Além disso, foi utilizada a refutação, pois o aluno antecipou uma possível contra-argumentação e a rebateu, reafirmando seu ponto de vista.

### **Argumentação 4**

- *Aluno (a):* A1 (a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... o desarmamento com certeza acabaria com as mortes provocadas por arma de fogo... embora o que adianta?... pois até mesmo a polícia é fornecedora do armamento... prova é o que não falta para comprovar essa corruptividade... um exemplo que posso citar é em presídios... que é um local onde hoje com as medidas de

segurança que o visitante passa é impossível de entrar com algum armamento... sendo assim quem fornece as armas?... essa é a grande pergunta...”

- *Operadores utilizados:* embora; pois; sendo assim. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Ótimo. O aluno mostrou-se a favor do desarmamento, porém não acredita em sua eficácia devido aos meios ilícitos que são usados para conseguir armamentos. Como exemplo, A1 citou a facilidade com que os presidiários conseguem armas, mesmo com as medidas de segurança que são adotadas nos presídios. Dessa forma, os argumentos do aluno foram bastante válidos para defender sua opinião acerca do desarmamento.

#### **Argumentação 5**

- *Aluno (a):* A5 (a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... muitas vezes alguns tipos de armas são favoráveis às pessoas como defesa pessoal... mas nem sempre é assim... isto é... as armas caem em mãos erradas e por isso o mundo está como hoje...”
- *Operadores utilizados:* mas; isto é; por isso. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Bom. A aluna apresentou uma argumentação válida, ponderando que apesar da utilidade das armas essas geralmente não são utilizadas para um fim pacífico, sendo assim, foi antecipada uma possível contestação, a qual foi devidamente contra-argumentada.

#### **Argumentação 6**

- *Aluno (a):* A11 (contra o desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque existem muitos marginais que atacam as pessoas e se elas não tiverem portando uma arma elas não podem se defender de forma alguma... os mais prejudicados em tudo isso são os pobres vigilantes que arriscam a vida para seu sustento...”
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. A aluna também baseou seu argumento contra o desarmamento na defesa pessoal, apresentando como mais prejudicados os vigilantes, o que

empobreceu seu argumento, uma vez que esses profissionais podem ter posse legal de armas. Nesse caso, faltou à aluna um conhecimento prévio sobre o assunto, o que é essencial para uma boa argumentação.

### **Argumentação 7**

- *Aluno (a):* A10 (contra o desarmamento)
- *Argumentos:* “... armar ou desarmar?... eis a questão... o domínio das armas leva-nos a crer que a melhor opção seria uma proibição total do uso de armas... mas haveria de fato uma total proteção contra o crime?... sendo assim... na sociedade violentíssima em que vivemos não termos acesso à defesa é o mesmo que abrimos mão de nossa paz...”
- *Operadores utilizados:* mas; sendo assim. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Ótimo. A aluna iniciou seu texto parodiando Shakespeare em sua célebre frase, trazendo, dessa forma, um elemento inusitado para iniciar sua argumentação. Além disso, foi utilizada a antecipação e a contra-argumentação, pois a aluna expôs que apesar de sermos levados a crer que não devemos ter armas, isso não significa que realmente teremos a paz que desejamos.

### **Argumentação 8**

- *Aluno (a):* A9 (a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque tirariam a maioria das armas de circulação... o que vem prejudicando a maioria da sociedade... causa desentendimentos e leva à violência...”
- *Operadores utilizados:* porque. Utilizado corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Baixo. O aluno utilizou um argumento muito geral e comum, o que tornou sua argumentação pouco convincente.

### **Argumentação 9**

- *Aluno (a):* A6 (a favor do desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque a maioria dos jovens andam com armas nas mãos... portanto devemos acabar com o crime... isto é... quem pode acabar com a paz é você...”

- *Operadores utilizados:* porque; portanto; isto é. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Razoável. O aluno enfatizou a influência das armas para os jovens e salientou que cabe a cada um de nós acabar com o crime ou com a paz. Faltou ao aluno desenvolver seu argumento antes de partir para a conclusão de sua argumentação. Mesmo assim, o argumento utilizado foi válido.

### **Argumentação 10**

- *Aluno (a):* A12 (contra o desarmamento)
- *Argumentos:* “... porque do que adianta ter campanha de desarmamento se mais tarde os bandidos voltam a ter armas de novo...”
- *Operadores utilizados:* porque; se. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Razoável. A aluna apresentou uma argumentação clara e breve, mostrando seu descrédito para com o desarmamento porque os bandidos conseguem armas novamente. A aluna poderia ter incluído detalhes de como essa aquisição ocorre, o que enriqueceria seu argumento.

### **Argumentação 11**

- *Aluno (a):* A4 (contra o desarmamento)
- *Argumentos:* “... é uma questão que deve ser muito discutida porque muitos precisam delas... mas o que adianta desarmar quem deve ser desarmado se logo mais terão como conseguir essas armas?... aí sim a população ficará desprotegida...”
- *Operadores utilizados:* porque; porém; se. Utilizados corretamente.
- *Nível de convencimento da argumentação:* Razoável. Essa aluna também se mostrou contra o desarmamento devido às formas ilegais de conseguir armas e também pela necessidade que algumas pessoas têm delas para se proteger. Assim como no caso da aluna A12, a apresentação de exemplos dessa ilegalidade tornaria o argumento mais convincente.

Pode-se notar claramente que, relativamente à argumentação sobre o aborto, houve vários avanços por parte dos alunos na tentativa de argumentar a favor ou

contra o desarmamento. Em primeiro lugar, a variedade de argumentos e posições a favor e contra foram bem maiores. Enquanto nas argumentações sobre o aborto apenas um aluno posicionou-se contra, quanto ao desarmamento cinco alunos tomaram essa posição, sendo que seis se colocaram a favor.

Quanto ao nível de convencimento da argumentação os resultados também foram melhores do que os apresentados em relação ao aborto. Nesse, metade dos discentes teve conceito “baixo”, apenas dois alunos tiveram conceito “ótimo”, somente um teve conceito “bom” e dois alcançaram um nível “razoável”. Já nas discussões acerca do desarmamento, três discentes alcançaram conceito “ótimo”, dois obtiveram um nível “bom”, quatro tiveram conceito “razoável” e apenas dois apresentaram um baixo nível de convencimento em suas argumentações.

Além disso, foi possível perceber que a maioria dos alunos procurou aprofundar-se em seus argumentos, tanto que alguns apresentaram antecipações, refutações e contra-argumentações, valendo-se também de perguntas para causar reflexão acerca de suas opiniões, o que mostra que procuraram colocar em prática o conteúdo visto no módulo IV.

Dessa forma, não obstante alguns discentes ainda terem apresentado dificuldades ao argumentar – as quais necessitaram de intervenções individuais – as argumentações sobre o aborto e o desarmamento foram muito importantes para que os alunos tivessem noção de suas dificuldades e capacidades argumentativas, ajudando-os na obtenção de instrumentos para que pudessem aprimorar os argumentos utilizados nas Cartas do Leitor.

A terceira e última questão do exercício sobre a argumentação solicitava que fossem utilizados nos espaços tracejados os operadores argumentativos que conviessem (CA, p. 128). Em alguns casos os alunos apresentaram dificuldades em colocar o conectivo correto, causadas, principalmente, pela falta de compreensão das frases, o que refletia uma leitura superficial feita pelos discentes. Por esse motivo, foi relatada a eles a importância de analisar o sentido das frases para que pudessem fazer o uso adequado dos conectivos de acordo com o contexto:

**P1:** A3 responde a letra A pra gente...

**A3:** “nós mulheres possuímos tanta capacidade quanto os homens... pois temos mais expectativas de vida... portanto devemos ganhar tanto quanto eles”...

**P1:** vocês concordam com a resposta do A3?...

**A1:** eu coloquei pois e ou seja...

**P3:** prestem atenção... leiam... “nós mulheres possuímos tanta capacidade quanto os homens” aí vocês colocaram um operador aí explicativo não foi?... foi ...“pois temos mais expectativa de vida”... vocês tem certeza que isso justifica o que foi dito anteriormente?...

**P1:** no caso... as mulheres terem mais capacidade que os homens está ligado a expectativa de vida?... porque se não tiver eu não posso justificar... então eu não posso utilizar o pois entendeu?... caberia o além disso...

**P3:** é isso que é importante... essa leitura...

**P1:** tem que analisar o significado da frase... por isso que a P2 até falou antes de vocês fazerem... analise o contexto... analise a frase pra vocês utilizarem os conectivos corretos... por isso que às vezes as pessoas erram nos textos... elas utilizam conectivos que não tem a relação correta...

**P3:** (...) todo mundo entendeu?... isso que é interessante... que todo mundo entenda o sentido... porque... o que a gente percebeu aqui... quando você não entende o sentido da frase ali... aí você coloca o conectivo inadequado (...)

Dessa forma, foi encerrado o módulo IV, no qual, apesar das diversas dificuldades expostas pelos alunos quanto à argumentação, foi possível observar, ainda durante as atividades dessa etapa da SD, os avanços dos discentes no desenvolvimento de suas capacidades argumentativas.

### 2.3.5 Módulo V

Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que as atividades desenvolvidas nos módulos só têm sentido completo se “(...) forem determinadas pelas dificuldades encontradas pelos alunos na realização da tarefa proposta” (p. 127). Sendo assim, o quinto módulo foi consagrado aos temas coesão e coerência, os quais se fizeram presentes na SD pelo fato de a maioria dos discentes ter apresentado, em suas produções iniciais, trechos incoerentes e/ou pouco coesos (ver capítulo 3). Antes de iniciar o conteúdo do módulo, explicou-se aos alunos sua importância e a necessidade de que as dúvidas fossem expostas para que não houvesse prejuízo na compreensão dos temas que seriam apresentados:

**P1:** bem... agora nós vamos passar pra um assunto muito importante... requer muita atenção de vocês... acredito que vocês já estudaram em sala de aula... mas esse assunto ele é muito amplo... sempre tem um pouco a mais pra vocês aprenderem... então eu gostaria que vocês se tivessem alguma dúvida tirassem... porque é um assunto que vocês utilizam nos textos... nas cartas do leitor... no vestibular cai muito... então se vocês tiverem alguma dúvida... podem perguntar... não tenham vergonha (...)

Logo depois, foi exposta a definição de coerência (CA, p. 129). Procurou-se trabalhar esse conceito de forma mais simples e clara possível, apresentando-se exemplos que levassem os alunos a compreendê-lo:

**A10:** “(...) ao ler uma frase como no verão passado quando estivemos na capital do Ceará... Fortaleza... não pudemos aproveitar a praia... pois o frio era tanto que chegou a nevar... percebemos que ela é incoerente em decorrência da incompatibilidade entre um conhecimento prévio que temos da realidade com o que se relata... sabemos que considerando uma realidade normal... em Fortaleza não neva... ainda mais no verão”...

**P1:** “(...) então vocês veem que tem algum erro gramatical nessa frase?... não tem né?... mas ela é incoerente por quê?... porque nós sabemos que em Fortaleza não neva... ainda mais no verão né... então... se uma pessoa não conhece Fortaleza... não conhece porque vem de fora por exemplo... ela não iria achar esse texto incoerente... porque gramaticalmente ele tá perfeito... as vírgulas no lugar certo... as palavras estão com sentido correto... só que ele... ele usa um conhecimento que pra nós é incoerente né... então é isso que vocês precisam perceber... a incoerência não depende só da organização das frases... depende também do conhecimento de mundo que a gente tem... então... um resumo mesmo do que é coerência é algo que faça sentido tanto pra quem fala... pra quem escuta... pra quem lê...”

Em seguida, após verificar-se insistentemente se os alunos tinham dúvidas, os quais não as apresentaram, passamos para o estudo acerca da coesão, tema que está imbricado com o apresentado anteriormente. Pode-se acompanhar através das transcrições abaixo o conceito de coesão dado aos participantes da SD (CA, p. 129):

**P3:** tem uma escritora... que ela diz assim... que a coesão é a parte visível da coerência... éh... você pode ver por meio dos conectivos... desses operadores né... por isso que eu disse... é a linha que vai costurando as ideias...

**P1:** (...) pode ler o conceito A2... só o primeiro parágrafo...

**A2:** “uma definição bem simplificada de coesão é amarrar as idéias... trata-se da ligação... da relação... da conexão entre as palavras de um texto... através de elementos... elementos formais que assinalam vínculo entre os seus componentes (...)”.

Posteriormente, foram apresentadas, através de exemplos, formas lexicais e gramaticais de realizar a coesão (CA, pp. 129 e 130). Apesar de ter sido exposta uma lista grande de exemplos, esses foram essenciais não só para auxiliar os alunos a efetuarem uma coesão adequada em suas Cartas, mas também para que

obtivessem meios para eliminar um problema apresentado por grande parte deles nas produções iniciais: a repetição desnecessária de palavras (ver capítulo 3). Por esse motivo, aproveitaram-se as explicações sobre a coesão para alertá-los das consequências do uso repetitivo de uma palavra em um texto, já que muitos elementos coesivos servem também para substituir palavras ou expressões, evitando que se repitam exacerbadamente ao longo de uma produção textual:

**P2:** na verdade essa lista aqui sobre coesão... vocês podem usar tudo isso aqui... vocês podem usar perífrase... nominalizações... palavras e expressões sinônimas... tudo isso vocês podem utilizar... isso que vai ajudar o teu texto ficar mais diverso... mais rico... (...) não tem porque eu ficar repetindo... se torna até cansativo... então eu vou trocar... eu sabendo essas regrinhas aqui... algumas noções... pronto... (...) se eu tenho conhecimento que automóvel... carro... veículo... tem o mesmo sentido dentro desse contexto eu uso qualquer um desses três... eu não vou ficar repetindo automóvel automóvel automóvel... porque vai ficar uma coisa enfadonha...

**P1:** (...) você até pode usar uma repetição... mas desde que ela esteja afastada na tua redação... e desde que ela seja o tema central... porque às vezes quando nós vamos trabalhar um tema a gente tem que usar ele várias vezes... e nem sempre a gente vai ter um sinônimo pra cada vez que a gente for falar ou escrever...

**P2:** às vezes é importante também pra ficar claro... porque senão pode ocorrer aí uma ambiguidade... desde que seja um pouco longe... não vai retomar também na mesma linha...

**P1:** (...) olha... também esse tema dos pronomes é importante... porque muitas vezes nós acabamos repetindo demais uma palavra por nós não substituímos por pronomes... olha... “vitaminas fazem bem à saúde mas não devemos tomá-las”... uma palavrinha tão pequena que ele colocou e nem foi preciso repetir vitaminas... então é importante vocês utilizarem os pronomes (...).

Para finalizar as atividades desse módulo, foi apresentado aos alunos um exercício visando consolidar a aprendizagem dos temas trabalhados (CA, p. 132). Nessa atividade, os alunos foram instigados a colocar em ordem as frases de dois textos, marcando a alternativa correspondente à organização correta desses, com base nos elementos sobre a coesão e a coerência vistos durante o módulo V. Apesar de tratar-se de um exercício com certo nível de dificuldade, a maioria dos discentes conseguiu organizar os textos de modo a torná-los coerentes e coesos, conforme o comando da atividade, assinalando a alternativa certa em cada um dos casos.

Levando-se em conta o desempenho dos alunos nesse módulo e nas produções finais da Carta do Leitor (ver capítulo 3) pode-se concluir que a fase da

SD descrita anteriormente mostrou-se bastante relevante para o aprimoramento das produções iniciais dos aprendizes no que diz respeito à coesão e à coerência, dotando os discentes de possibilidades para superar as incoerências e, principalmente, a ausência de coesão em alguns trechos de suas primeiras Cartas.

### 2.3.6 Módulo VI

No sexto e último módulo da SD foram abordados alguns tópicos de ortografia e pontuação, de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos nas produções iniciais. Foi verificado, nas primeiras tentativas de produção do gênero Carta do Leitor, que sete dos onze alunos apresentaram dificuldades relacionadas ao uso da vírgula. Portanto, esse foi o primeiro tema trabalhado nesse módulo da SD. A primeira informação repassada aos discentes foi que o uso da vírgula não está relacionado às pausas para respirar, como alguns alunos acreditavam que fosse. Para isso, foi lido o texto do Caderno do Aluno (p. 133):

**A9:** “como usar a vírgula... seu uso está relacionado à respiração?”... não... a vírgula depende da estrutura sintática da oração... a pausa que fazemos na fala nem sempre corresponde à pausa na escrita... veja o exemplo abaixo... o diretor de recursos humanos da empresa brasileira de correios e telégrafos declarou que não haverá demissões neste mês”...

**P1:** vocês verificam né que é uma frase enorme... porém ela não tem vírgula né... às vezes a gente pensa ah é uma frase muito grande... eu vou colocar uma vírgula aqui... uma vírgula aqui e uma vírgula ali... não é assim... muita gente fala... ah na fala eu parei aqui vou colocar a vírgula aqui...

**A1:** eu pensei que era assim...

**P1:** não é assim... tem professor que ensina isso mas não é...

**A2:** tinha um professor que ensinava que... era pausa... pausa pra respirar...

**P1:** é... mas não é assim... a pessoa que... que tem leitura ela percebe quando ela deve colocar uma vírgula... mas algumas vezes a gente precisa ter esse auxílio da gramática... como... como nessa frase... é uma frase enorme... olha só o que diz aqui... “não há vírgula na frase acima... apesar de ser uma frase extensa... isso ocorre porque entre sujeito verbo e complemento não há vírgula”...

A partir desses esclarecimentos, elencaram-se vários exemplos de uso da vírgula (CA, pp. 134 e 135), dando atenção especial às dúvidas apresentadas pelos aprendizes quanto ao conteúdo exposto, como comprova o fragmento abaixo:

**A3:** “antes de mas... com sentido de porém... porém... contudo... entretanto... todavia... portanto... por isso... etecétera...”

**P1:** lê o exemplo...

**A3:** “jogou bem... mas perdeu”...

**P1:** isso é muito importante pras cartas do leitor... porque vocês usam esses... esses éh... esses... essas conjunções né... MAS... PORÉM... CONTUDO... ENTRETANTO... vai ter uma vírgula antes tá... éh... ele jogou... ele jogou bem... contudo perdeu... aí ele jogou bem... vírgula... contudo perdeu... a vírgula vai vir antes... (...) só que éh... quando éh... quando... quando essas conjunções elas iniciarem uma frase... por exemplo... vocês terminaram o período e deram um ponto... aí vocês colocam CONTUDO... aí a vírgula já vem depois tá...

**A1:** ah vem antes e depois?...

**P1:** é... nesse caso aqui...

**A1:** perai... para tudo... volta a fita...

**P1:** presta atenção... nessa frase aqui “jogou bem mas perdeu”... a conjunção vem no meio da frase né?... então a vírgula vem antes... agora se essas conjunções iniciarem a frase... por exemplo... você deu um ponto ali... você vai iniciar uma outra... uma outra oração... PORÉM eu não gostei dela... aí essa vírgula já vem depois... porém... vírgula... eu não gostei dela... entendeu?...

**A1:** ah tá...

Conforme mostra o trecho acima, buscava-se mostrar a importância do tema que estávamos estudando para as Cartas do Leitor. Além disso, apresentou-se aos alunos um texto sobre o poder da vírgula (CA, p. 135), a fim de salientar a necessidade de seu uso correto para a compreensão correta de qualquer texto:

**P1:** (...) então a gente vai ver um texto sobre o poder da vírgula... éh que fala justamente sobre a questão de como a vírgula pode mudar o sentido de uma frase... olha só... “na Inglaterra... certa vez... um oficial foi condenado à morte... seu pedido de perdão recebeu a seguinte sentença do rei... perdoar impossível... mandar para a forca... antes de a mensagem ser enviada ao verdugo... passou pelas mãos da generosa rainha... que compadecida da sorte do oficial... tomou de uma caneta e alterando a posição da vírgula... simplesmente mudou o significado da mensagem... perdoar... impossível mandar para a forca”... então vocês podem ver como uma vírgula pode mudar o sentido de um texto...

**P2:** (...) isso... por isso que você tem que saber utilizar... porque a vírgula ela vai influenciar na coerência do texto...

Após essas explicações, os discentes colocaram em prática os conhecimentos acerca da vírgula através de um exercício (CA, p. 135), o que possibilitou verificar o grau de assimilação do assunto explanado. Apesar de os alunos ainda terem apresentado dificuldades na resolução do exercício, aproveitou-se essa oportunidade para dirimir as dúvidas que surgiram, ajudando-os a

compreender sobre a utilização adequada da vírgula, conforme se observa no seguinte trecho:

**P1:** vamos lá... éh... A2 como foi que tu pontuaste pra ficar com sentido de que não vai morrer?...

**A2:** irás voltarás vírgula... não morrerás...

**A1:** a vírgula foi em voltarás que tu colocaste?...

**P1:** a vírgula... a vírgula ficou só depois de voltarás?...

**A2:** uhn uhn...

**P1:** tá... ficou com sentido de que não vai morrer... só que aí teria que ter colocado uma vírgula depois de irás também... porque são orações diferentes... irás vírgula... voltarás vírgula... não morrerás...

Os outros assuntos ortográficos abordados foram o uso dos *porquês* e dos vocábulos *mas/mais/ más*, os quais foram apresentados através de um quadro com conceitos e exemplos claros e breves (CA, pp. 136 e 137). O conhecimento acerca desses tópicos foi intensificado com exercícios que foram resolvidos pelos alunos e compartilhados com toda a turma, como aconteceu durante toda a SD. A partir da apresentação das respostas, foram feitos comentários para reforçar o aprendizado sobre os temas estudados, o que pode ser visualizado, em resumo, no excerto abaixo:

**P1:** vamos começar a correção... letra A... A5...

**A5:** eu coloquei o porquê separado sem acento...

**P1:** sem acento...

**A5:** porque é uma pergunta...

**P1:** porque é uma pergunta que está no início... usa o porquê separado sem acento... letra bê... A6...

**A6:** porque junto...

**P1:** com acento ou sem acento?

**A6:** sem acento...

**P1:** porquê junto sem acento?... nesse caso aqui ele é com acento porque ele está tendo a função de um substantivo... quando tem o artigo na frente...

(...)

**P3:** A9...vai lá... “eu compreendo”...

**A9:** mais com i...

**P3:** sem i...

**P3:** por que tu usaste mais com i?...

**A9:** eu coloquei aqui sem i... eu confundi... tá aqui olha...

**P3:** ah sim... tá... tá bom... MAS conjunção... MAS conjunção adversativa né?...

**P1:** é só substituir por porém... eu compreendo porém criança é criança... na primeira também... eu sabia disto... porém não tinha autoridade para avisá-los...

**A1:** ah tá... porém...

O fato de esses assuntos terem sido abordados apenas no último módulo da SD não foi por acaso, já que refletia a seguinte orientação de Dolz e Schneuwly (2004):

Sem querer negar a importância da ortografia, é necessário atribuir-lhe seu devido lugar: um problema de escrita, sem dúvida, mas que, como tal, deve ser tratado, de preferência, no final do percurso, após o aperfeiçoamento de outros níveis textuais (p. 118).

Quanto à organização desse módulo também vale dizer que não foram trabalhados todos os problemas apresentados pelos discentes no que se refere à ortografia e à pontuação, pois, como afirmam Dolz e Schneuwly (2004: 117), “em função da frequência de erros, alguns pontos deverão ser abordados com todos os alunos; outros, apenas com um pequeno grupo; e outros, ainda, com alunos que necessitam de atenção individual”.

Dessa forma, os temas abordados nesse módulo foram reflexos das necessidades da maioria dos discentes. As demais dificuldades quanto aos aspectos ortográficos e acerca da pontuação – encontradas nas produções iniciais da Carta do Leitor – foram trabalhadas em intervenções individuais.

## **2.4 Produção Final**

Após o estudo pormenorizado do gênero Carta do Leitor realizado nos módulos da SD, os quais visavam dar aos alunos meios para compreender e produzir melhor esse gênero, pediu-se aos discentes que refizessem suas produções textuais, escrevendo-as no espaço correspondente (CA, p. 139), as quais constituiriam as produções finais.

Inicialmente, falou-se novamente sobre o projeto de classe parcialmente fictício apresentado no início da SD, através do qual as três melhores Cartas seriam publicadas em um jornal local e, conforme feito em todos os módulos, ressaltamos que deveriam utilizar os conhecimentos adquiridos durante a SD para melhorar suas Cartas.

Deixou-se que os aprendizes modificassem livremente suas produções iniciais, pois, dessa forma, objetivava-se verificar o nível de compreensão obtido através dos módulos, visto que Dolz e Schneuwly expõem que “No momento da *produção final*, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados.” (pp. 98 e 99, grifos do autor). Além disso, foi possível observar em algumas Cartas que muitos erros poderiam ser evitados se os alunos apenas relessem suas produções (ver capítulo 3).

Por essa razão, nossa participação no aprimoramento das Cartas foi a menor possível e posterior à correção dos próprios discentes, geralmente voltada para a correção de erros ortográficos que não foram trabalhados no módulo VI, devido terem sido apresentados por um ou poucos participantes da SD.

As análises das produções iniciais e finais dos alunos proporcionaram meios de verificar a efetividade da aprendizagem dos conteúdos que foram construídos nos seis módulos da SD, e, conseqüentemente, permitiram mensurar o progresso alcançado pelos discentes ao produzir o gênero Carta do Leitor. Esse progresso poderá ser visualizado também no capítulo 3.

### 3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES INICIAIS E FINAIS

A seguir, poderão ser visualizadas as produções iniciais e finais das Cartas do Leitor dos participantes da SD, bem como suas respectivas análises comparativas apresentadas nas tabelas ao longo desse capítulo.

Figura 2 – Produção Inicial – Aluno A1

Mark Bauerlen foi infeliz ao dizer "A internet nos deixa estúpidos", mas foi extremamente objetivo ao relatar qual a consequência do excesso da internet utilizando-a para os sites de relacionamentos. Um grande avanço da globalização foi a possibilidade de todos terem acesso a internet e os sites de relacionamentos é uma parte positiva nesse aspecto pois tem possibilidade a comunicação e a interatividade de opiniões, pensamentos e experiências de pessoas jovens de um lado do planeta ao outro. Porém o uso inadequado desse meios sem dúvida alguma tem deixado a deixar e tem cada vez mais transformado não só a mente dos jovens como das demais pessoas em um lixo cultural.

Figura 3 – Produção Final – Aluno A1

"A internet nos deixa estúpidos". Um título que Mark Bauerlen usa para generalizar o uso de uma das ferramentas que facilita a vida de milhares de pessoas em todo o mundo. Um grande avanço da globalização foi a possibilidade das pessoas poderem interagir à longa distância e isso é possível através dos sites de relacionamentos que não servem somente para "bólagens virtuais", mas sim para troca de experiências, conhecimentos, notícias e até mesmo para manifestar a livre expressão. Porém, o uso inadequado da internet, sem dúvida alguma traz consequências que, com certeza, merecem ser abordadas de maneira menos pejorativa:

Fernando Oliveira, Macapá, AP.

Tabela 01 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A1

<b>Aluno A1</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	O aluno expressou-se adequadamente na Carta, apresentando sua opinião e a respectiva argumentação, conforme as exigências do gênero. Foi transcrito corretamente um pequeno trecho da entrevista, fazendo-se corretamente o uso de aspas.	O aluno fez modificações na Carta, enfatizando sua crítica ao entrevistado Bauerlein por dizer que a internet nos deixa estúpidos.
<b>ESTILO</b>	O aluno fez uso de termos apreciativos e depreciativos, como “infeliz”, “objetivo”; foi utilizada a linguagem formal. - Tipo de Carta: crítica.	Foram retirados os termos “infeliz” e “objetivo”. A linguagem continuou formal. - Tipo de Carta: crítica.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta do aluno foi de tamanho razoável para o gênero; não foi colocada a identificação do leitor no final da Carta.	A Carta ficou mais concisa e o aluno identificou-se.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	O aluno argumentou de forma válida, apresentando argumentos baseados no raciocínio lógico, com demonstrações dos efeitos do uso adequado e inadequado da internet. Foram utilizados os operadores argumentativos “mas”, “pois” e “porém”, os quais auxiliaram na coesão dos argumentos. O aluno	Apesar de a primeira argumentação ter sido boa, o aluno conseguiu superar-se e apresentar uma argumentação ainda melhor, mantendo os aspectos positivos da produção inicial e colocando um desfecho muito bom, concluindo de maneira eficaz sua crítica ao modo como o entrevistado abordou

	mencionou a globalização, o que demonstrou conhecimento e deu força à argumentação apresentada.	o uso da internet.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	A Carta ficou coerente e coesa devido à boa organização das ideias e correta utilização dos conectivos.	A Carta, na produção final, continuou coerente e coesa.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	O aluno apresentou algumas dificuldades quanto à: <ul style="list-style-type: none"> <li>- regência nominal e concordância verbal (“foi infeliz <i>no</i> dizer” / “os saites... <i>é</i> uma parte”);</li> <li>- “saites”;</li> <li>- “<i>pessoas e jovens</i>”: jovens não são pessoas?;</li> <li>- falta de crase;</li> <li>- <i>tem</i> em lugar de têm;</li> <li>- alguns usos inadequados da vírgula.</li> </ul>	Foram eliminados os erros ortográficos e de pontuação, assim como os de regência nominal e concordância verbal, conforme o trabalho feito individualmente e, de forma geral, nos módulos.

Tabela 01 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A1

Figura 4 – Produção Inicial – Aluno A2

O ponto de vista dos autores são bem relativos a nova realidade. A maioria dos jovens estão mais "ligados" em passar horas no MSN e Orkut, "teclando" suas mensagens nas mensagens. Outros, quando vão fazer uma pesquisa escolar, apenas copiam o que tem no site, colam e imprimem, sem ler para ver se o que fizeram está certo.

Neste caso, hipocritamente, concordo com a ideia que o autor da primeira entrevista, Mark Bauerlein, coloca em sua matéria. Porque ao mesmo tempo em que critica a forma inútil que os jovens usa a "net" eu matico uma forma preguiçosa de usá-la.

Acho que a internet tem mais a oferecer do que sites de relacionamento e chat. Ela é na verdade uma "faca de dois gumes", tem seu lado bom e seu lado ruim também. Portanto, concordo com as ideias de David Weinberger. A internet é um infinito acervo de informações atualizadas e às vezes bem mais úteis do que livros antigos que temos em casa. O segredo é saber aproveitar o máximo das coisas boas que ela nos proporciona.

A internet não é um bicho ruim que o homem inventou. É só saber usar.

Figura 5 – Produção Final – Aluno A2

O ponto de vista dos autores são bem relativos a nova realidade atual. A maioria dos jovens estão mais "ligados" em passar horas no MSN e Orkut, "teclando" suas mensagens nas mensagens. Outros, quando vão fazer uma pesquisa escolar, apenas copiam o que tem no site, colam e imprimem, sem ler para ver se o que fizeram está certo.

Neste caso, hipocritamente, concordo com a ideia que o autor da primeira entrevista, Mark Bauerlein, coloca em sua matéria. Porque ao mesmo tempo em que critica a forma inútil que os jovens usa a "net" eu matico uma forma preguiçosa de usá-la.

Acho que a internet tem mais a oferecer do que sites de relacionamento e chat. Ela é na verdade uma "faca de dois gumes", tem seu lado bom e seu lado ruim também. Portanto, concordo com as ideias de David Weinberger. A internet é um infinito acervo de informações atualizadas e às vezes bem mais úteis do que livros antigos que temos em casa. O segredo é saber aproveitar o máximo das coisas boas que ela nos proporciona.

Rafael Lima, Macapá, AP.

Tabela 02 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A2

<b>Aluno A2</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	O aluno expressou sua opinião, concordando em parte com cada entrevistado e apontando os fatos que endossam seu ponto de vista.	A Carta foi resumida, mas o aluno manteve suas ideias principais.
<b>ESTILO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Presença de termos típicos das Cartas do Leitor: “concordo” e “acho”;</li> <li>- O aluno, ao apresentar termos coloquiais (“ligados” e “teclando”), colocou-os entre aspas, o que foi correto, pois o aluno optou pela linguagem formal.</li> <li>- Tipo de Carta: crítica e elogio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permaneceram os termos utilizados na primeira Carta. Entre os termos coloquiais entre aspas o aluno incluiu “net”, como redução de internet.</li> <li>- Manteve-se a linguagem formal.</li> <li>- Tipo de Carta: crítica e elogio.</li> </ul>
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta ficou muito longa para o gênero, pois o aluno valeu-se de muitos exemplos para mostrar o uso inadequado da internet. Não foi colocada a identificação no final da Carta.	O aluno sintetizou a Carta, tornando-a de tamanho mais adequado ao gênero. Houve a identificação do leitor.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	O aluno fez uma boa argumentação, apresentando fatos para demonstrar o mau uso da internet, utilizando, dessa forma, a argumentação por comprovação. Uso apenas do operador “porque”.	Inclusão do operador “portanto”, visto nos módulos, além do operador “porque”, usado na primeira produção. A demonstração de hipocrisia do aluno deu um diferencial à Carta.

<p><b>COERÊNCIA E COESÃO</b></p>	<p>Apesar de apresentar um período longo no início da Carta (“A maioria dos jovens... se tudo está certo”), não houve problemas com a coerência e a coesão na Carta do aluno.</p>	<p>A Carta continuou coerente e o período que havia ficado longo foi reduzido.</p>
<p><b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alguns problemas com acentuação e vírgulas;</li> <li>- muitas repetições de palavras: “internet”, “pesquisa” (três vezes no mesmo parágrafo);</li> <li>- período longo no início da Carta.</li> </ul>	<p>Eliminados os problemas apresentados na primeira Carta; as repetições foram eliminadas pelo uso de pronomes e sinônimos, conforme visto nos módulos.</p>

*Tabela 02 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A2*

Figura 6 – Produção Inicial – Aluno A3

Eu não gostei o que o Mark falou, pois eu leio livros, revistas, converso com os meus pais, acesso a internet, tenho orkut, MSN, e não sou estúpido como ele chamou a nossa geração. Tem jovens como ele falou que não sabem fazer nada além de ficar no orkut e MSN, isso se torna uma dependência pois atrapalham e atrasam a maturação.

A maturação de uma pessoa nem em 1º lugar dela mesma e depois de que a redeia como amigos, internet, livros, meios de comunicação e etc. As pessoas que são "esnovas" da internet devem se desligar dela para elas poderem fazer os seus valores.

Figura 7 – Produção Final – Aluno A3

Eu não gostei do que o Mark falou, pois ele chamou a nossa geração de estúpidos, porém não são todos que ficam horas e horas na internet vendo Orkut e MSN. As pessoas usam a internet também como meio de interagir, fazer pesquisas e até mesmo trabalhar. Nem todos os jovens que ficam no orkut e MSN são estúpidos como ele disse. Portanto, ele tem que fazer pesquisas antes de falar as suas bobagens.

Tiago Augusto Santos Nascimento  
Macapá - AP

Tabela 03 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A3

<b>Aluno A3</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	O aluno expressou sua discordância para com um dos entrevistados, justificando-a. Portanto, o aluno compreendeu o que se deve abordar em uma Carta do Leitor.	O aluno manteve suas ideias, apresentando-as de forma mais reduzida.
<b>ESTILO</b>	Houve a utilização da expressão “Eu não gostei”, para indicar discordância. Foi utilizada a linguagem formal. - Tipo de Carta: crítica	Foi utilizada novamente a expressão “Eu não gostei”, assim como o uso da linguagem formal. - Tipo de Carta: crítica
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta do aluno A3 apresentou-se concisa, de acordo com as exigências do gênero, mas o aluno não se identificou.	A produção final do aluno ficou mais concisa ainda, sem prejuízo do conteúdo. O aluno colocou sua identificação na Carta.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A argumentação ficou um pouco confusa, pois apesar do aluno crer que a internet não deixa os jovens estúpidos, apresenta alguns argumentos que denotam o contrário. Uso apenas do operador “pois”.	Dessa vez, a argumentação ficou de acordo com a opinião do aluno, o que tornou a argumentação válida. O aluno utilizou corretamente os operadores argumentativos “pois”, “porém” e “portanto”, garantindo um bom encadeamento dos argumentos.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	Devido à argumentação, a Carta ficou, em parte, incoerente e a conclusão ficou confusa, pois o aluno abordou a maturação sem	O texto tornou-se coerente e coeso, já que o aluno retirou os temas que haviam gerado

	<p>muito conhecimento do assunto, abordando, em seguida, os valores de uma pessoa, sem fazer uma conexão lógica entre os dois temas.</p>	<p>estranhamento em sua primeira Carta. A última frase da Carta ficou bem ousada, típica de Cartas do Leitor que envolvem críticas, o que é possível, pois a opinião do leitor é livre.</p>
<p><b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b></p>	<p>O aluno não apresentou grandes problemas com a ortografia e a pontuação.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Eu não gostei o que o Mark falou...” (regência verbal);</li> <li>- “dependencia”.</li> </ul>	<p>Não houve problemas com a pontuação e a ortografia.</p>

*Tabela 03 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A3*

Figura 8 – Produção Inicial – Aluna A4

Não concordo MARK BAUERLEN, porque nem todos que me-  
 xem em internet podem ser chamados de estúpidos, a maio-  
 ria que tem ORKUT ou MSN, vai sim em uma LANHOUSE, para  
 mexer somente em seus e-MAILS, mas outros também vão  
 para ler trechos de livros outros para ler resumos de textos  
 para ter um conhecimento maior. Hoje a maioria dos jovens  
 tem um conhecimento mais ampliado, por que na internet  
 se encontra coisas mas explicativas do que em um livro.  
 Concordo com as ideias DAVID WEINBERG, hoje o conheci-  
 mento de um jovem está mas evoluído do que antigamente,  
 por que quando se lia um livro vai só entendia o que es-  
 tara escrito em um pequeno trecho, já na internet você  
 pode buscar mas sobre o assunto. Quando um professor para  
 um livro pra se leva mais em conta buscar na internet  
 do que ter que comprar o livro, porque muitos não tem  
 condições de comprá-lo, então acha na internet uma ma-  
 neira melhor de ler ou imprimir o que precisa.

Figura 9 – Produção Final – Aluna A4

Não concordo com Mark Bauerlin, pois nem todos que uti-  
 lizam a internet podem ser chamados de estúpidos. Quase  
 a maioria que tem ORKUT ou MSN procuram a internet para  
 mexer em seus e-mails, porém, outros também procuram para ler  
 trechos de livros ou resumos de textos para ter um conheci-  
 mento maior. Em outras palavras, muitos jovens têm  
 seus conhecimentos ampliados porque ao recorrer a este meio  
 encontram conteúdos mais acessíveis.

Michelly Dayane de Luz Santos, Itacaré, AP.

Tabela 04 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A4

<b>Aluno A4</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	A aluna mostrou sua concordância com Weinberger e sua discordância com Bauerlein, apresentando sua justificativa nos dois casos.	A aluna optou por manter apenas sua discordância com Mark Bauerlein, juntamente com a argumentação.
<b>ESTILO</b>	A aluna utilizou termos de concordância e discordância (“não concordo” / “concordo”). Foi utilizada a linguagem formal e a Carta foi mesclada entre elogio e crítica.	A aluna manteve o termo “não concordo”. Foi utilizada a linguagem formal e a Carta configurou-se em uma crítica.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta ficou um pouco longa para o gênero e a aluna não se identificou ao final da Carta.	A Carta ficou em bom tamanho para o gênero, sendo que a aluna colocou sua identificação na Carta.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A aluna utilizou um forte argumento a favor da internet: a facilidade de encontrar livros que não podem ser comprados pelos alunos, entretanto, foi prolixa em sua argumentação, apesar de serem argumentos plausíveis. Isso aconteceu porque foram usados muitos exemplos, inclusive repetitivos. Foram utilizados os marcadores argumentativos “porque”, “mas” e “então”.	A aluna manteve o foco de sua argumentação a favor do uso da internet, apresentando-a, porém, de forma mais concisa, o que garantiu melhor adequação ao gênero em relação à primeira Carta. Foram utilizados os marcadores argumentativos “pois”, “porém” e “porque”.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	Não houve problemas para compreender as ideias da aluna.	A aluna apresentou uma Carta coesa e coerente.

<p style="text-align: center;"><b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b></p>	<p>A aluna não apresentou grandes problemas com a ortografia e a pontuação;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- utilização inadequada de “mas” (adversidade) em lugar de “mais” (intensidade), o que ocorreu três vezes na carta;</li> <li>- por que em vez de porque;</li> <li>- repetição de palavras: “internet” e “livro”.</li> </ul>	<p>Foram corrigidos os poucos problemas apresentados em ortografia e pontuação.</p>
--	--	---

*Tabela 04 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A4*

Figura 10 – Produção Inicial – Aluna A5

A primeira carta foi muito interessante mais na verdade Mark foi equivoocado não apenas em afirmar que a internet é um desperdício para os jovens mais em concordância em algumas afirmações colocadas que os jovens deixem por alguns momentos essas tecnologias para se interagirem em assuntos mais importantes, família e leituras. Apesar de ideias totalmente opostas David considera que a internet é um meio de que a pessoa principalmente o jovem se coloque diante do mundo lá fora, do que acontece no dia-a-dia e que depois possa discutir e repassar para os demais o ocorrido. É a internet é muito importante e bastante precisa dentro de todos os aspectos e principalmente dentro das atualidades do mundo.

Figura 11 – Produção Final – Aluna A5

Achei bastante interessante a posição dos dois entrevistados, pois Mark coloca que a internet está afastando os jovens de assuntos importantes, enquanto David afirma que por esse meio os adolescentes estão adquirindo mais conhecimentos. Portanto, os dois entrevistados estão em parte certos, ou seja, a internet é um meio pelo qual a pessoa pode aprimorar seus conhecimentos, não deixando, porém, de interagir com os acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia e também sem deixar de estar em contato com assuntos familiares, políticos, conhecimentos históricos e científicos, colocando em foco o hábito da leitura, que ainda é o principal e o mais importante meio de acesso ao conhecimento.

Periany Farias Guryão  
Mocapá - Ap

Tabela 05 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A5

<b>Aluna A5</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	A aluna compreendeu o objetivo da Carta do Leitor, expressando sua opinião e tentando argumentar sobre o uso da internet.	A aluna modificou sua Carta, apresentando suas opiniões e argumentos de forma clara.
<b>ESTILO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Foram utilizados termos apreciativos e depreciativos, como “muito interessante” e “equivocado”.</li> <li>- Foi utilizada a linguagem formal.</li> <li>- Tipo de Carta: elogio e crítica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Foram utilizados termos apreciativos: “bastante interessante” e “corretos”. Além disso, a aluna incluiu o verbo de opinião “achei”.</li> <li>- Foi utilizada a linguagem formal.</li> <li>- Tipo de Carta: elogio.</li> </ul>
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta não ficou tão longa, mas a aluna poderia ter se expressado de forma mais breve. Não houve a identificação da leitora.	A Carta ficou mais concisa e objetiva, adequando-se melhor à forma de composição do gênero; a aluna colocou sua identificação na Carta.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A argumentação da aluna ficou confusa, tanto pela falta de organização das ideias quanto pelo uso inadequado de certas expressões. Uso do operador argumentativo “apesar de”.	Houve a organização das ideias, em que a aluna pôde mostrar-se de acordo, em parte, com cada entrevistado. Foram incluídos corretamente alguns operadores argumentativos vistos no módulo IV e que não estavam presentes na produção inicial, como “pois”, “portanto”, “ou seja” e “porém”.
<b>COERÊNCIA E</b>	O texto ficou um pouco incoerente no início, pois a	A Carta ficou coerente e coesa em seu todo, visto que a aluna

<b>COESÃO</b>	aluna apresentou dificuldades em expressar-se de forma clara, deixando ideias incompletas.	soube organizar seu texto, dotando-o de clareza, mediante o uso correto das palavras e expressões.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	A aluna não apresentou muitos problemas ortográficos: - Utilizou o “mais” em lugar de “mas” (duas vezes); - muitas omissões de vírgulas; - “internet” (talvez falta de revisão do texto, pois a aluna escreveu a palavra outras vezes no texto de forma correta).	A aluna dirimiu os problemas de ortografia e pontuação apresentados, utilizando corretamente as vírgulas.

*Tabela 05 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A5*

Figura 12 – Produção Inicial – Aluno A6

Eu não concordo com a ideia de Mark Bauerlin, porque hoje em dia a maioria dos jovens fazem as duas coisas mais dizem que não se importamos de ver assuntos como história política mais se alguns se distrai mais a maioria deles vão para mais fazer pesquisas ou acessar, nós não somos tão estúpido para se distrai só com a internet mais sabemos que ter conhecimento pelos menos um pouco da internet, porque a maioria das vezes produzimo mensagem e aprendemos coisas tipo ponto, sinais, já David Weinberg eu achei muito interessante porque com o acesso a internet as jovens estão adquirindo e muito mais conhecimento. A web não deixa os jovens mais porque hoje em dia nem todos os jovens são inteligente por que ela mostra e que somos e também faz que as pessoas se defazem de alguns dos nossos profundos mais entendidos.

Figura 13 – Produção Final – Aluno A6

Achei muito interessante o que o filósofo David Weinberger aborda em sua entrevista, isto é, hoje a maioria dos jovens e adultos procuram obter mais conhecimento através de sites e pesquisas na web. Portanto, isso vai fazendo com que as pessoas tenham um crescimento de experiências e informações, não só pela acesso a internet, mas também relacionando com o seu aprendizado escolar.

André Barbosa da Silva, Macapá, A.P.

Tabela 06 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A6

<b>Aluno A6</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	O aluno expressou seu ponto de vista, concordando com um dos entrevistados e discordando do outro, apresentando as respectivas justificativas.	Houve alterações, pois o aluno não mais criticou o entrevistado Bauerlein, apenas elogiando Weinberger, com o qual concordou, expondo os argumentos que comprovavam sua opinião.
<b>ESTILO</b>	Foram utilizadas expressões típicas das Cartas do Leitor, como “eu não concordo”, “achei muito interessante”. - Houve a tentativa de utilização da linguagem formal. - Tipo de Carta: elogio e crítica.	O aluno utilizou a linguagem formal, mantendo a expressão apreciativa “achei muito interessante”. - Tipo de Carta: elogio
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta ficou longa para o gênero, necessitando ser resumida, além de que não houve a identificação do leitor.	A Carta ficou em tamanho ideal e o aluno identificou-se.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	O aluno mostrou-se contra Bauerlein e a favor de Weinberger, porém sua argumentação ficou comprometida, pois os argumentos ficaram muito confusos, pouco encadeados e mal	A Carta final apresenta melhora bastante satisfatória quanto à argumentação, com argumentos claros e consistentes na defesa dos benefícios atuais da internet. Foram incluídos os operadores argumentativos

	organizados. Foram utilizados repetidamente os operadores argumentativos “porque” e “mais” (em lugar de “mas”).	“isto é”, “portanto”, “não só/mas também”.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	O aluno apresentou dificuldade em expressar por escrito sua opinião, apesar de ser possível entender suas ideias principais, o que foi ocasionado pela ausência de certos esclarecimentos referentes às entrevistas lidas, assim como pela omissão de palavras, utilização incorreta de conectivos, entre outros aspectos, o que afetou a coerência e a coesão textuais.	A Carta ficou bem organizada, coerente e coesa, havendo uma grande evolução na expressão escrita das opiniões do aluno, o qual eliminou a falta de clareza apresentada na produção inicial.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	O aluno teve muitos problemas com a ortografia e a pontuação: <ul style="list-style-type: none"> <li>- “não se importamos”, “a maioria dos <i>jovem</i>”;</li> <li>- falta de vírgulas;</li> <li>- utilização equivocada do conectivo “mais” com sentido adversativo (quatro vezes);</li> <li>- “por que” em vez de “porque”;</li> </ul>	O aluno não apresentou os problemas de ortografia e pontuação da primeira produção.

	<ul style="list-style-type: none"><li>- repetição exagerada de palavras: “mais”, “porque”, “jovens”, “a maioria”;</li><li>- utilização inadequada de letras maiúsculas;</li><li>- Falta de acentuação de algumas palavras: “historia”, “politica”. “tambem”.</li></ul>	
--	--	--

*Tabela 06 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A6*

Figura 14 – Produção Inicial – Aluna A7

Posso dizer que concordo em parte com Mark Bauerlein e em outra com David Weinberg.

É verdade que alguns jovens passam horas em frente ao computador, acessando sites de relacionamentos e jogos, mas não necessariamente todos, muitos mesmo, utilizando esses sites possuem um bom desempenho familiar e escolar.

Os pais muitas vezes por estarem muito ocupados não dão a atenção necessária a seus filhos que precisam ter controle, disciplina para poderem acessar e não ficarem viciados.

Muitos jovens mesmo tendo acesso à internet não a utilizam somente para sites de relacionamentos e jogos, ou mesmo para fazer uma pesquisa, olhar e colar. Além da rapidez muitos canalizam o que estão pesquisando para depois repassar ao professor e muitos têm diversos livros e não necessariamente se focalizam somente em qualquer site.

Figura 15 – Produção Final – Aluna A7

Concordo com David Weinberger, somos "It". É verdade que alguns jovens passam o dia na internet vendo sites de relacionamentos, mas não podemos radicalizar, esses estípidos são uma pequena parcela, porque muitos jovens, mesmo utilizando esses sites, possuem um bom desempenho escolar, familiar e têm bons livros. Entretanto, essa má utilização da internet ocorre várias vezes por causa dos pais que estão muito ocupados, não dando a atenção necessária a seus filhos, que precisam de controle e disciplina para poderem acessar e não ficarem viciados.

Dessa forma, existem sites úteis e inúteis. Então, a internet deve ser utilizada com inteligência e prudência.

Vane Cardoso  
Macapá, AP

Tabela 07 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A7

<b>Aluno A7</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	Houve a expressão da opinião da aluna, a qual demonstrou concordar em parte com cada um dos entrevistados, demorando-se mais em sua concordância com Weinberger e seus respectivos argumentos.	Na segunda versão, a aluna expressou apenas sua concordância com Weinberger, com a respectiva argumentação.
<b>ESTILO</b>	A aluna valeu-se da palavra “concordo” para marcar seu ponto de vista relativo às entrevistas. - Tipo de linguagem: formal - Tipo de Carta: elogio e crítica.	A aluna manteve a palavra “concordo” e incluiu o termo “D+” (redução de “demais”), típico da linguagem informal, porém, como foram utilizadas devidamente as aspas e na ausência de outros elementos da linguagem coloquial, o texto continuou formal. O uso do termo em questão garantiu certa jovialidade à carta e foi coerente com o argumento da aluna a favor da internet, já que as abreviações são amplamente utilizadas pelos internautas. - Tipo de Carta: elogio e crítica.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A Carta ficou muito longa para o gênero, além de repetitiva, devido ao uso de exemplos muito parecidos; a aluna não se identificou.	Foi feita a adequação do tamanho da Carta, sem prejuízo das ideias da aluna, já que a primeira Carta havia sido repetitiva em alguns

		pontos; a aluna identificou-se.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	Argumentação baseada em fatos que sustentam a posição da aluna. Apesar de utilizar um bom argumento (a importância dos pais no controle dos filhos em relação à internet), a discente foi muito prolixa ao apresentar seu argumento de que os jovens não usam a internet somente para coisas fúteis. A aluna utilizou os operadores “mas” e “além de”.	A argumentação da aluna ficou bem melhor, mais clara e objetiva, o que ocorreu pela eliminação das repetições de ideias e palavras, assim como pela inclusão de outros operadores argumentativos: “porque”, “entretanto”, “dessa forma”, “então”. A aluna manteve o bom argumento apresentado em sua primeira produção e encerrou sua Carta com um argumento bastante plausível, apesar de comum.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	O texto ficou coerente, no entanto faltou coesão em alguns trechos, como no início do segundo parágrafo, sendo necessário o uso de conectivos para que a Carta ficasse mais coesa.	A inclusão dos operadores garantiu melhor encadeamento dos argumentos e maior coesão à Carta.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	Pela extensão do texto, a aluna não possui muitos problemas gramaticais: - Falta de ponto final (três vezes); - vírgulas mal/não colocadas; - “focalizam” em vez de focam; - repetição exagerada de palavras: “muito(s)”, “e”, “site(s)”.	Foram eliminados os problemas gramaticais apresentados, de acordo com os conteúdos apresentados nos módulos e nas orientações individuais.

Tabela 07 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A7

Figura 16 – Produção Inicial – Aluno A8

Olhou-se que abas as entrevista falam sobre a internet. Foram chamados para a entrevista Mark Bauerlein e David Weinberger que responderam as perguntas da revista Superinteressante.

Abas os entrevistados tem ideias diferentes sobre o assunto, já Mark acha que a internet deixa não só os jovens mais sim as pessoas em geral estupidas, ele não fala da internet ao todo mais seu foco e os rates de relacionamento, de acordo com ele e na minha opinião as pessoas passam mais tempo vendo sites de relacionamento do que procurando curiosidades, notícias, etc. tem também que haver o questionamento dos pais neste meio.

Já David discorda acha que a internet e uma modo de pessoas se conectarem e e uma maquina de conhecimento, na opinião que tenho sobre David e que não devemos restringir as rates mais sim ter o auto controle de nós mesmos, mais também David nos meus pensamentos leva a internet como um brinquedo, nos não abas nos focar de que a internet e um brinquedo, temos que ver que a internet e coisa seria.

No meu modo de pensar e que não devemos nos ligar em abas das entrevistas, devemos sim ler e criar nossas proprias criticas.

Figura 17 – Produção Final – Aluno A8

Em minha opinião não acho que devemos deixar de lado a rede, mas sim não exagerar no uso dela e achar um tempo para que possamos utilizá-la com segurança. Também encontrando tempo para estudar e ficar com a família. Quanto já pesquisas na internet, tenho uma opinião contrária. Podemos ter acesso, mas nunca devemos deixar a leitura de lado. Como já nos acostumamos com as coisas rápidas e fáceis a leitura e a última opção. Dessa forma, podemos usar a internet, porém com moderação.

Genatas Trindade da Costa, Maripó - AP

Tabela 08 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A8

<b>Aluno A8</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	Apesar de o aluno apresentar sua opinião ao longo da Carta, essa ficou mais parecida com uma resenha crítica, pois o aluno abordou as entrevistas, descrevendo-as e analisando-as e, a partir disso, emitiu suas opiniões sobre elas, o que descaracteriza uma Carta do Leitor, em que são expostos, na maioria das vezes, apenas opiniões e argumentos, sem longas descrições sobre o que foi lido.	Na produção final o aluno expôs somente sua opinião, como melhor convém em uma Carta do Leitor, eliminando as descrições que havia feito sobre as entrevistas.
<b>ESTILO</b>	Foram usados alguns termos pertinentes ao gênero Carta do Leitor: “na minha opinião”, “no meu modo de pensar”. - Tipo de linguagem: formal - Tipo de Carta: elogio e crítica	Mantiveram-se os termos indicativos de opinião, como “em minha opinião”, “acho”, “tenho uma opinião contrária”. - Tipo de linguagem: formal - Tipo de Carta: crítica
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	Como o aluno distanciou-se do gênero, devido à explanação que fez antes de emitir suas opiniões, sua Carta ficou muito longa; o aluno não se identificou.	Ao contrário da primeira Carta, o aluno adequou-se à forma de composição do gênero, apresentando uma Carta breve e devidamente identificada.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A argumentação do aluno pode ser melhor visualizada na última parte da Carta, em que há sua opinião sobre a	Houve evolução em relação à argumentação inicial, pois o aluno utilizou argumentos mais convincentes,

	<p>entrevista de Weinberger, na qual enfatiza o autocontrole como aliado ao acessar a internet e não somente restringir o uso dela. O aluno argumentou de forma válida, falhando ao enfatizar a descrição das entrevistas em vez de sua argumentação.</p> <p>- Operadores utilizados: “mais” (sic), “já”.</p>	<p>encadeando-os mediante o uso dos operadores argumentativos “mas”, “dessa forma” e “porém”, além de outros elementos coesivos, conforme vistos nos módulos. O aluno deu ênfase à leitura e destacou o comodismo das pessoas diante das facilidades da internet. Houve um bom desfecho da Carta, onde o aluno abordou a moderação no uso da rede.</p>
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	<p>O aluno não apresenta dificuldades em expor seus pensamentos. Seu texto, apesar de ser longo, ficou claro e coeso, em sua maioria.</p>	<p>O aluno soube organizar as ideias de forma que seu texto ficou coerente e coeso, assim como foi verificado em sua primeira produção.</p>
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	<p>Foram apresentados muitos erros gramaticais pelo aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “abos”, “abas” em lugar de ambos/as;</li> <li>- falta de vírgulas;</li> <li>- mais em lugar de mas (quatro ocorrências);</li> <li>- falta de acentuação em algumas palavras: “estupidas”, “noticias”, “maquina”, “e” (verbo);</li> <li>- redundância: “auto controle de nós mesmo”;</li> <li>- falta de concordância nominal: “as entrevista”;</li> </ul>	<p>Ao contrário do que ocorreu na primeira tentativa de produção do gênero, o aluno não apresentou erros gramaticais, eliminando aqueles apresentados na produção inicial, de acordo com os conteúdos vistos nos módulos, assim como nas orientações individuais.</p>

	<ul style="list-style-type: none"><li>- muitas repetições da palavra “internet”;</li><li>- uso inadequado do operador “já” sem que houvesse um enunciado pressuposto: “já Mark...”.</li></ul>	
--	---	--

*Tabela 08 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A8*

Figura 18 – Produção Inicial – Aluno A9

Eu vejo que o mundo de hoje está mais atualizado, tendo opções de estudos com a era digital, "Internet", compreendemos que muitos possuem geração discussões com um excesso de uso. Pais que limitam seus filhos por um excesso.

A internet trouxe uma facilidade e um entendimento menor de vários conteúdos; aprendendo e melhorando o conhecimento contido nela. O caso é usar, mas não extremamente com os jovens de hoje.

Figura 19 – Produção Final – Aluno A9

Os jovens de hoje têm muitas opções de pesquisa como os livros e a internet, no entanto Mark Bauerlein diz que essa geração é a mais estúpida da história. Não concordo com ele, pois a internet prova o quanto é importante por conter informações de qualidade, e são publicados os livros antigos, tendo mais facilidade de pesquisas e conteúdos. Por isso, concordo com David Weinberger quando diz: "Os jovens na verdade nunca foram tão inteligentes como agora".

Robson Diego C. da Silva, Macapá, AP

Tabela 09 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A9

<b>Aluno A9</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	O aluno A9 expressou sua opinião, assim como sua argumentação. Dessa forma, o aluno compreendeu o que é “dizível” através do gênero.	Apesar de ter mantido sua posição a favor da internet e também o foco de sua argumentação, o aluno fez modificações que trouxeram melhorias para sua Carta.
<b>ESTILO</b>	Foi usada a expressão de opinião “Eu vejo” para iniciar a Carta. O aluno tentou utilizar a linguagem formal. - Tipo de Carta: elogio e crítica.	O aluno fez uso das expressões “não concordo” e “concordo”, as quais não foram utilizadas na primeira produção e são importantes para identificar a opinião do leitor, conforme visto no módulo II. - Tipo de linguagem: formal. - Tipo de Carta: elogio e crítica.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A produção inicial foi breve, assim como exige o gênero, no entanto, o aluno não se identificou ao final da Carta.	A produção final manteve-se breve e o aluno colocou ao final da Carta seu nome e a cidade onde mora, conforme visto no módulo III sobre a identificação do leitor.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	O aluno apontou como pontos positivos a favor da internet a facilidade de pesquisa e a variedade de opções, apresentando, dessa forma, argumentos válidos a favor da internet. Porém, devido à ausência de certos operadores	Na produção final o aluno manteve o cerne de sua argumentação, porém fez algumas alterações, incluindo os pontos principais das opiniões dos entrevistados. Em relação à primeira produção, houve uma

	argumentativos e pontuação incorreta, entre outros aspectos, sua argumentação ficou desorganizada e mal encadeada. O aluno utilizou apenas o conectivo “mas”.	melhora significativa no encadeamento dos argumentos, sendo que para isso o aluno utilizou alguns operadores argumentativos vistos no módulo IV, como “no entanto”, “pois”, “por isso”.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	A Carta ficou pouco coesa, e, por isso, incoerente em certos trechos. O aluno iniciou-a de modo razoável e o desfecho ficou bom, contudo as ideias apresentadas entre o início e o fim ficaram pouco interligadas, causando, juntamente com a má construção de algumas frases, falta de clareza.	O texto final ficou coerente e coeso, devido, em parte, à utilização correta dos operadores argumentativos e à melhor organização do conteúdo da Carta.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	O aluno apresentou muitos erros gramaticais: - Muitos erros ortográficos: “internet”, “excesso”, “menhor”, “opcoes”, “compriedemos”, “discusões”, “filhoes” “exsessivo”, “trou-se”. - erros de acentuação: “esta” (verbo), “jovéns”; - erros de pontuação: uso inadequado do ponto e vírgula. - “gerão” em vez de “geram”; - “com” em vez de “como”; Percebe-se que alguns erros do aluno poderiam ser	A pontuação correta também ajudou na coerência. O aluno eliminou os erros gramaticais da primeira produção.

	eliminados pela simples releitura do texto, por serem típicos de falta de atenção, como trocar ou omitir letras.	
--	--	--

*Tabela 09 – Análise das produções iniciais e finais – aluno A9*

Figura 20 – Produção Inicial – Aluna A10

Quero parabenizá-les pelas entrevistas bem elaboradas com o professor Mark Bauerlein e o filósofo David Weinberger. Ambos defenderam perfeitamente suas opiniões de forma que os leitores podem tirar suas próprias conclusões e assim, podendo aproveitar um pouco das duas.

sendo assim conforme as opiniões defendidas, estou plenamente de acordo com o professor David Weinberger, se não houver limites entre a juventude e a tecnologia a geração dos "mais burros" tende a piorar.

Figura 21 – Produção Final – Aluna A10

Quero parabenizá-los pelas entrevistas bem elaboradas com o professor Mark Bauerlein e o filósofo David Weinberger. Ambos defenderam perfeitamente suas opiniões de forma que os leitores fizeram bom proveito das duas ideias, conseguindo formar suas próprias conclusões.

sendo assim, conforme as ideias defendidas, estou plenamente de acordo com o professor David Weinberger. Se não houver limites entre a juventude e a tecnologia a geração dos "mais burros" tende a piorar.

Keiko Soares, Macapá-AP.

Tabela 10 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A10

<b>Aluna A10</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	A aluna A10 iniciou sua Carta elogiando as entrevistas realizadas e, em seguida, apresentou sua opinião, o que é perfeitamente possível através do gênero Carta do Leitor. Entre as Cartas produzidas pelos alunos, foi a que apresentou melhor os elementos do gênero desde a primeira produção.	Visto que na produção inicial a aluna conseguiu apresentar bem os componentes do gênero Carta do Leitor, não houve grandes modificações na produção final.
<b>ESTILO</b>	Para elogiar, a aluna usou a expressão “quero parabenizálos (sic)”. Para expor sua opinião, utilizou “estou plenamente de acordo”. A aluna optou pela linguagem formal. - Tipo de Carta: elogio.	Sem alterações.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A aluna expressou de forma breve sua opinião, porém não se identificou no final da produção.	A aluna incluiu sua identificação no final da Carta.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A aluna argumentou brevemente em concordância com Weinberger, destacando o limite entre a tecnologia e a juventude como essencial para que a geração dos “mais burros” diminua. Foram utilizados os operadores	Sem alterações.

	argumentativos “sendo assim”, “conforme” e “se”.	
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	A carta ficou coesa e coerente, pois a aluna soube organizar seu texto, utilizando corretamente os operadores argumentativos e a pontuação.	Sem alterações.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	A aluna teve pouquíssimos erros ortográficos e de pontuação: - “parabenizálos” e “os leitores <i>poderam</i> ”.	Foram corrigidos os poucos erros ortográficos que a aluna apresentou em sua produção inicial.

Tabela 10 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A10

Figura 22 – Produção Inicial – Aluna A11

Internet nos deixa mais Inteligentes

É muito importante o fato que o senhor David Weinberger fala sobre a internet ele comenta que quanto mais contato com a rede melhor.

Primeiramente porque hoje em dia devemos ficar bem informados sobre o que acontece na face da terra, e a internet conta tudo sobre o que realmente precisamos. Como por exemplo os alunos eles precisam muito da rede de internet para fazer os seus trabalhos, suas pesquisas e suas dúvidas.

A internet também fala sobre jogos, sobre acontecimentos, sobre sites e em fim tudo mais.

David Weinberger diz que os jovens podem explorar a internet para personalizar os seus conhecimentos. David Weinberger diz também que a internet melhora a inteligência dos jovens e que essa tecnologia é um mundo totalmente de pura conexão, livre para qualquer discussão de assunto, ela está nos mostrando quem realmente somos.

Figura 21 – Produção Final – Aluna A11

É muito importante o que David Weinberger fala sobre a internet, pois comenta que quanto mais contato com a rede, melhor.

Primeiramente, porque hoje em dia devemos ficar bem informados sobre o que acontece na face da terra e a internet contém tudo sobre o que realmente precisamos, como por exemplo, os alunos precisam muito desse meio para fazer seus trabalhos, suas pesquisas e tirar suas dúvidas.

Portanto, a internet nos ajuda em muitas coisas no que acontece no dia-a-dia. Eu sou extremamente de acordo com a sua utilização.

Suellen das Santas Piresa  
Macapá, AP

Tabela 11 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A11

<b>Aluno A11</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>CONTEÚDO</b>	A aluna expressou sua opinião, porém pecou ao colocar demasiadamente a posição do entrevistado, transcrevendo algumas partes da entrevista, o que não é necessário, já que se subentende que os leitores já saibam. Dessa forma, a aluna fez com que sua Carta ficasse parecida com uma dissertação. Nas Cartas do Leitor a ênfase está na opinião do leitor, de forma mais breve possível.	A aluna deu mais espaço para seus argumentos e para sua opinião, mantendo apenas um comentário de Weinberger para embasar sua opinião, o que garantiu adequação ao conteúdo do gênero Carta do Leitor.
<b>ESTILO</b>	No texto pouco foi possível identificar o estilo de uma Carta do Leitor, não contendo, por exemplo, verbos de opinião, termos de concordância ou discordância, entre outros elementos do estilo do gênero em questão. - Tipo de linguagem: formal. - Tipo de Carta: elogio.	A aluna utilizou a expressão “sou extremamente de acordo”, a qual endossou sua opinião a favor da internet, no desfecho da Carta. A linguagem manteve-se formal e o tipo de Carta continuou de elogio.
<b>FORMA DE COMPOSIÇÃO</b>	A aluna utilizou um título para sua Carta, o que não é comum para o gênero, apesar de não ser proibido, o que demonstra a “invasão” de características de outros gêneros textuais, como a dissertação, a qual é	Foi retirado o título e a Carta foi resumida para ficar de acordo com a característica da brevidade presente no gênero, sem alteração das ideias principais da aluna, a qual,

	mais conhecida pelos alunos. Além disso, a Carta ficou muito longa e não houve a identificação da leitora.	inclusive, colocou sua identificação na Carta.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A aluna, apesar de expor mais as ideias do entrevistado com o qual concordou, apresentou sua argumentação no segundo e no terceiro parágrafo de sua Carta, apresentando fatos a favor da internet, os quais, apesar de serem comuns, são pertinentes para justificar a opinião da discente. Os operadores argumentativos utilizados foram “por que” (sic) e “também”.	A aluna manteve sua argumentação inicial, apenas resumindo-a, além de incluir alguns operadores argumentativos, conforme estudado nos módulos, como “pois”, “porque” e “portanto”.
<b>COERÊNCIA E COESÃO</b>	O texto não ficou incoerente, apesar da expressão “livre para qualquer restrição de assunto”, a qual não coaduna com o sentido geral do texto. A aluna deveria ter utilizado mais elementos coesivos, o que garantiria menos repetições de palavras e mais ligação entre os parágrafos e as orações. Apesar disso, pode-se entender o objetivo da aluna em defender o uso da internet.	O texto ficou bem mais coeso e claro, pois a aluna “enxugou” as ideias, tornando sua Carta mais interessante de ler.
<b>ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO</b>	Apresenta alguns erros que a própria releitura poderia corrigir, como a repetição de	A aluna substituiu algumas palavras repetidas por sinônimos ou pronomes, de

	<p>palavras lado a lado e ao longo da Carta.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A palavra “internet”, apesar de ser o tema, ficou muito repetida, o que torna o texto cansativo;</li> <li>- utiliza muito mal as vírgulas, colocando-as onde não devem estar e deixando de colocar onde deveria;</li> <li>- “por que” no lugar de “porque” e “em fim” em vez de “enfim”;</li> <li>- Utilização de pronomes juntamente com os termos que deveriam substituir: “os alunos <i>eles</i> precisam...”.</li> </ul>	<p>acordo com o que vimos nos módulos. Também houve a correta utilização das vírgulas e a eliminação dos demais problemas apresentados na primeira produção.</p>
--	--	--

Tabela 11 – Análise das produções iniciais e finais – aluna A11

### 3.1 Discussão dos Resultados

A partir das produções iniciais e finais apresentadas e de suas respectivas análises, foi possível notar que:

1) Nas produções iniciais, excetuando os alunos A8 e A11, todos os discentes conseguiram adequar-se à proposta de produção do gênero Carta do Leitor exposta no início da SD, o que mostra que os dados apresentados na apresentação da situação foram compreendidos por eles. Quanto a isso, Dolz e Schneuwly (2004) dizem que

se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado (p. 101).

2) Apesar de nas produções iniciais ter sido predominante a tentativa de utilização da linguagem formal, nas produções finais alguns alunos incluíram termos da linguagem coloquial – já que a Carta tinha como destinatário fictício a revista Superinteressante – o que demonstra que os discentes compreenderam a possibilidade de utilizar esse tipo de linguagem nas Cartas do Leitor, dependendo do perfil da revista/jornal ao qual a Carta será enviada, conforme visto no módulo II.

3) Quanto à forma de composição do gênero, os alunos que apresentaram Cartas muito longas demonstraram ter compreendido a necessidade de resumí-las, tornando-as sucintas. Além disso, no módulo III os discentes puderam verificar quais dados sobre o leitor são colocados nas Cartas, ao final dessas. Com isso, ao contrário do que ocorreu na produção inicial, na produção final os alunos identificaram-se, colocando o nome, cidade e estado, como ocorre na maioria das Cartas do Leitor.

4) Foi possível ver que o ensino sobre os operadores argumentativos atingiu o objetivo almejado, pois, na produção final, nove dos onze alunos incluíram algum operador visto no módulo IV e, dos nove, sete utilizaram pelo menos três novos conectivos que aprenderam nessa etapa da SD, sendo que todos foram utilizados corretamente. Também foram eliminados os problemas quanto à falta de clareza e organização dos argumentos. Dessa maneira o módulo IV teve uma influência bastante positiva para o aperfeiçoamento das argumentações dos alunos nas produções finais das Cartas do Leitor, garantindo-lhes a superação das dificuldades apresentadas nas produções iniciais referentes à argumentação.

5) Também foram superadas as incoerências e as ausências de elementos coesivos, o que mostra a eficácia do módulo V em atingir o objetivo a que se propôs.

6) Os próprios alunos identificaram e corrigiram, nas produções finais, os erros referentes ao uso da vírgula, dos porquês e dos vocábulos mas/mais. Dessa forma, acreditamos que o módulo VI surtiu o efeito desejado. Além disso, os discentes perceberam os demais erros ortográficos e de pontuação, através da releitura ou de nossas intervenções individuais. Isso demonstra que os alunos são capazes de identificar seus erros quando lhes são dados os instrumentos para isso,

não havendo necessidade de o professor sempre apontar o erro e corrigi-lo diretamente nas produções textuais dos alunos, como a maioria dos discentes declarou que seus professores de LP fazem (ver entrevistas, apêndice B).

7) De forma geral, o progresso alcançado pelos alunos foi notável, principalmente levando-se em consideração que o gênero Carta do Leitor não era dominado nem conhecido por nenhum deles, pois os discentes foram proficientes em detectar e corrigir a maioria dos erros contidos em suas produções, utilizando os instrumentos capitalizados nos módulos da SD, de acordo com o que foi descrito nos itens anteriores.

Ao final da SD, as Cartas do Leitor dos alunos A1, A2 e A10 – produções finais – foram publicadas no Jornal do Dia (CARTAS dos leitores, alunos do ensino médio. Jornal do Dia, Macapá, 29 nov. 2008. Caderno de Opiniões, p. A2.), concretizando o projeto de classe idealizado no princípio da SD, na apresentação da situação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da Sequência Didática com o gênero Carta do Leitor esteve de acordo com as orientações dos PCNEM (2000) – como foi exposto no decorrer dessa pesquisa – e apresentou vários aspectos positivos no que se refere aos objetivos pretendidos com o trabalho.

Foi possível verificar que em uma perspectiva de SD os alunos *não* são considerados como tábula rasa, visto que se supõe inicialmente que eles possuem capacidades e conhecimentos acerca do gênero estudado, pelo menos em parte. Por esse motivo, durante toda a SD deixou-se espaço para que os discentes se expressassem, e, mesmo que nem sempre estivessem corretos, muitas vezes expuseram ótimas opiniões referentes aos temas apresentados.

Além disso, notou-se que o docente tem autonomia para avaliar e escolher o que deve ser ensinado em razão das necessidades de seus alunos, posto que, ao analisar as produções iniciais, o professor pode incluir em seu planejamento os aspectos nos quais os discentes apresentaram dificuldades, podendo também retirar ou deixar para depois os conteúdos nos quais tiveram bom desempenho. Igualmente, esse diagnóstico inicial possibilita que se leve em conta a heterogeneidade dos alunos e das turmas entre si, o que é essencial no ambiente escolar brasileiro, no qual há turmas com uma média de 40 alunos.

O trabalho com SD também favorece a interdisciplinaridade, pois os gêneros do discurso circulam em diversas esferas de comunicação. Assim, podem ser alvo de estudo em sala de aula gêneros textuais nos quais estarão presentes assuntos de história, geografia, ciências, artes, língua estrangeira, entre outras disciplinas.

Outro fator importante observado quanto a esse procedimento é que ele permite a aprendizagem contextualizada da gramática, como se viu especificamente no módulo VI. O conteúdo gramatical não deixará de ser ensinado, mas terá em vista um objetivo maior: aprimorar a comunicação oral ou escrita, de acordo com o gênero estudado.

Outrossim, a variedade de atividades pressupostas pela SD dota a aula de dinamicidade. Para os discentes, essa característica é essencial, pois nas entrevistas realizadas com eles (apêndice B), sete dos onze alunos entrevistados

utilizaram a palavra “dinâmica” para descrever a forma como desejavam que a matéria que menos gostam fosse ensinada.

Sendo assim, a SD foi aprovada por unanimidade pelos discentes, como é possível verificar nas avaliações deles sobre a estratégia de ensino em questão (apêndice C). Coincidentemente, os alunos justificaram a aprovação da SD classificando-a como dinâmica, afirmando que se esse procedimento fosse utilizado nas aulas de LP estas seriam mais interessantes e os conteúdos mais fáceis de aprender.

Ressalta-se ainda que, durante a SD, os discentes puderam refletir criticamente sobre a língua, especialmente acerca das variantes linguísticas, havendo relação entre o conteúdo estudado e a realidade social. O gênero Carta do Leitor também foi esmiuçado tendo em vista seu contexto de produção e circulação, o que difere da apresentação de textos isolados amplamente utilizada – infelizmente – nas aulas de LP.

Valida ainda mais o procedimento notar que, apesar de a maioria dos discentes ter demonstrado não escrever nada além do que o conteúdo que os professores passam em sala de aula (ver apêndice B), todos os alunos conseguiram, em suas produções finais, produzir Cartas do Leitor de acordo com as exigências do gênero, mesmo não apresentando nenhuma afinidade com esse antes da SD. Logo, verifica-se que a SD está centrada em fazer com que o aluno realmente aprenda a comunicar-se, na oralidade e/ou na escrita, atendendo ao principal objetivo do estudo da LP, o qual deve nortear as práticas em sala de aula.

Portanto, de acordo com os resultados apresentados, acredita-se que a aplicação das Sequências Didáticas em sala de aula pode auxiliar na formação do aluno enquanto leitor e produtor de textos, propiciando o domínio dos gêneros textuais/discursivos e ensejando um ensino reflexivo da língua portuguesa, considerando a realidade de seus usos e minimizando as lacunas que a tradição essencialmente gramatical causou – e continua causando – ao ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa em nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (1952-53/1979) Os gêneros do discurso. IN: *Estética da Criação Verbal*, pp. 277-326. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BONINI, Adair (2005) A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L. et al. (orgs). (2005) *Gêneros: teorias, métodos, debates*, pp. 208-236. São Paulo: Parábola.

CARETTA, Álvaro Antônio. Generosos gêneros. *Discutindo língua portuguesa*, São Paulo, Ano 2, nº. 7, p. 26 – 31, junho, 2007.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. (2004) Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (2004) *Gêneros Orais e Escritos na Escola*, pp 95-128. São Paulo: Mercado de Letras.

INEP (2008) *Resultados nacionais – Pisa 2006: Programa Internacional de Avaliação de Alunos*, 153 p. Brasília: O Instituto.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça (2003). Os gêneros do discurso. In: *Desvendando os segredos do texto*, pp. 53-60. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2002) Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). (2002) *Gêneros textuais e ensino*, pp. 19-36. Rio de Janeiro: Lucerna.

PASSOS, Cleide Maria Teixeira Veloso dos (2002) As Cartas do Leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: Dionísio, ÂNGELA Paiva; BESERRA, Normanda da Silva (orgs) (2003) *Tecendo textos, Construindo Experiências*, pp. 81-107. Rio de Janeiro: Lucerna.

ROJO, Roxane (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L. et al. (Orgs.). (2005) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas (2004) Gêneros textuais em jornal e revista. In: SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas (2004) *Português: literatura, gramática, produção de texto*, pp. 411-415. São Paulo: Moderna.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Caderno do Aluno <sup>8</sup>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



#### Limite máximo

• Havia desde o início uma esperança, ainda que remota, na ação firme e decidida do secretário de Segurança José Beltrame no combate à violência no Rio. Mas na última semana, após ele ter declarado que "não vamos terminar com a violência, mas não vamos deixar que ela aumente", ela acabou de vez. Para a população da cidade, a violência já está no seu limite máximo há muito tempo, secretários e é insustentável para nós que ela ainda aumentou! Ou será que é possível haver atos mais bárbaros ainda do que a execução totalitária imotivada dos dois pobres mortais padecer em um dia de trânsito na Barra com Rio de Janeiro?  
MARCO ANTONIO COSTA DE JESUS  
(por e-mail, 5/30, Rio)



## SEQÜÊNCIA DIDÁTICA: CARTA DO LEITOR CADERNO DO ALUNO

ORIENTADORA:

PROF<sup>ª</sup> DR<sup>ª</sup> ADELMA BARROS MENDES

ACADÊMICAS RESPONSÁVEIS:

ANA CLÁUDIA OLIVEIRA SOARES  
CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMÁCIO  
MARESSA MARA REIS CORDEIRO  
ROBERTA SANTOS DO NASCIMENTO

ALUNO: - - - - -

<sup>8</sup> O Caderno do Aluno foi entregue aos discentes antes de entrar em vigor o Novo Acordo Ortográfico.

## 1- APRESENTANDO O GÊNERO CARTA DO LEITOR

**Caro aluno (a),**

Nesta Seqüência Didática abordaremos o gênero textual *Carta do Leitor*. Nosso objetivo é que você domine esse gênero, bem como as capacidades de linguagem necessárias para produzi-lo. Durante a Sequência estudaremos detalhadamente o gênero mediante diversas atividades, para que, ao final, você seja capaz de produzir uma Carta do Leitor de forma adequada, levando em consideração o contexto em que o gênero está inserido. A escolha do gênero Carta do Leitor deu-se pelo fato de o mesmo proporcionar o desenvolvimento de capacidades argumentativas, as quais são essenciais para um bom desempenho no ambiente escolar e fora dele.

### ➤ Mas, afinal, o que é uma Carta do Leitor?

A Carta do Leitor é um gênero textual que nasce do espaço que a maioria dos jornais, revistas e outros meios de comunicação destinam ao leitor para que ele elogie, critique, reflita ou faça sugestões a partir de uma matéria publicada. Os comentários podem referir-se às idéias de um texto, com as quais o Leitor concorda ou não; à maneira como o assunto foi abordado; à qualidade do texto ou da revista em si. É possível também fazer alusão a outras cartas de leitores para concordar ou não com o ponto de vista expresso nelas. O tipo de linguagem da Carta costuma variar conforme o perfil dos leitores da revista ou jornal. Para serem publicadas, as cartas passam por uma seleção baseada em critérios que variam de acordo com o perfil da revista/jornal e precisam ser claras e objetivas, pois o espaço destinado a elas geralmente é pequeno. É muito importante também que as cartas possuam boa argumentação a partir das ideias apresentadas pelo leitor. As Cartas podem ter destinatários diversos: a revista, o autor da reportagem/artigo, os demais leitores, etc. Lembrando que apesar disso, a Carta pode ser lida por qualquer pessoa que entre em contato com a revista/jornal, já que a carta é pública, por isso também denominada de *Carta aberta*.

### ➤ Leia abaixo exemplos de Cartas do Leitor:

Incrivelmente bem escrita a reportagem de capa. Gostei de saber que basta ler um texto com a descrição de uma ação para que as células do cérebro disparem, como se estivéssemos executando o que está escrito. Talvez seja por isso que a leitura é uma atividade tão mágica. É como se a gente fosse um pouquinho de cada personagem do livro. A propósito, obrigada por fazerem uma revista que dá gosto de ler, numa época com tanto lixo cultural nas bancas.

**GABRIELA BLANCO PEREZ**

Muito infeliz a declaração do senhor José Serra quanto ao funcionamento das ONGs no Brasil. Em primeiro lugar, nem todo presidente de ONG compactua com corrupção. Em segundo, nem todos são incompetentes.

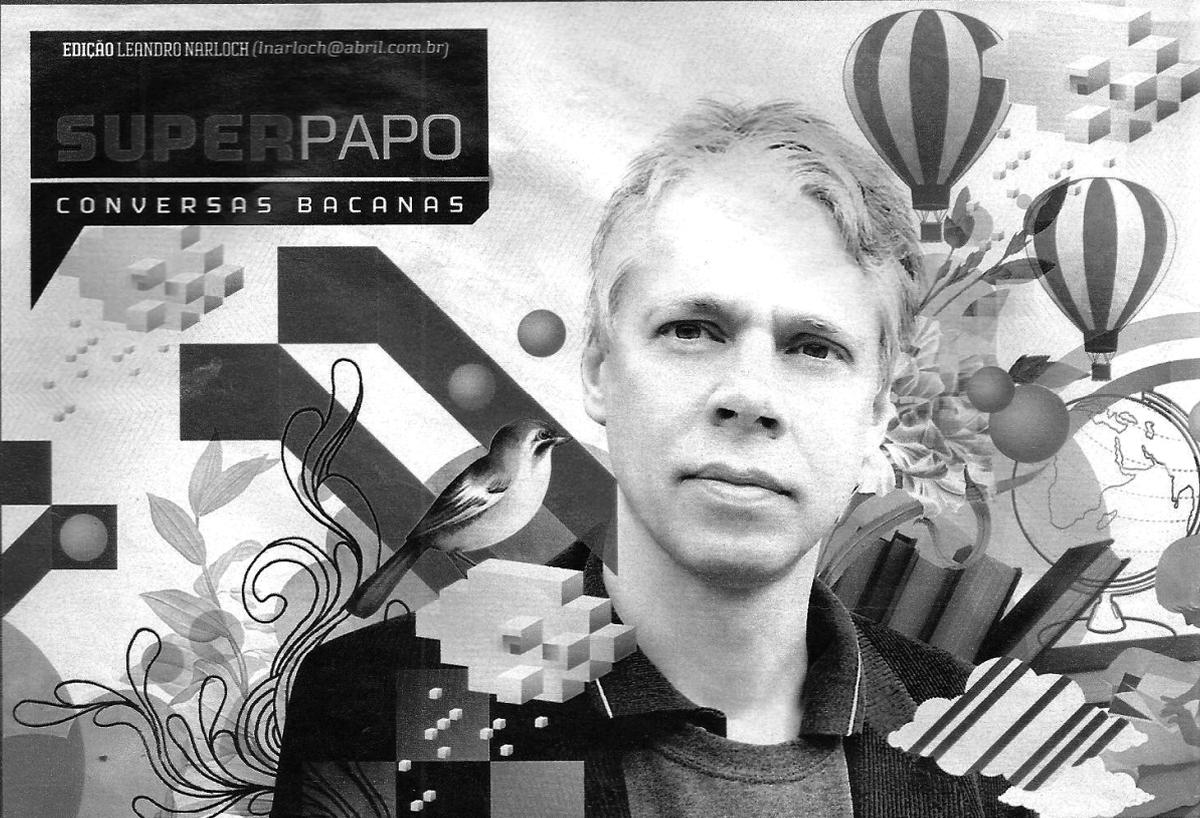
*Anderson Freire*  
Recife, PE

Sou leitor da revista desde 2003, quando ganhei uma assinatura de presente de Natal. Escrevo para sugerir uma seção *Quem Foi?* com o americano Claude Elwood Shannon. O cara simplesmente revolucionou a literatura matemática de sua época ao criar um ramo da probabilidade que lida com a criptografia e a codificação.

**LEONARDO ARAUJO, ARARAS, SP**

## 2- PREPARANDO-SE PARA PRODUZIR

Para produzirmos nossa primeira Carta do Leitor leia as entrevistas abaixo, publicadas na revista Superinteressante (set/2008, p.26-29):



EDIÇÃO LEANDRO NARLOCH ([lnarloch@abril.com.br](mailto:lnarloch@abril.com.br))

**SUPERPAPO**  
CONVERSAS BACANAS

## A INTERNET NOS DEIXA ESTÚPIDOS

PARA O AMERICANO MARK BAUERLEIN, É PRECISO TIRAR OS JOVENS DA REDE PARA QUE PASSEM MAIS TEMPO COM OS PAIS – E, ASSIM, FIQUEM MAIS INTELIGENTES. POR EDUARDO SZKLARZ

Será que a era digital faz bem aos nossos neurônios? Para o professor americano Mark Bauerlein, a resposta é não: se você tiver menos de 30 anos, considere-se membro da geração mais estúpida da história. É desse jeito, sem meias palavras e com altas doses de provocação, que ele descreve os estragos gerados pela era digital, em seu livro *The Dumbest Generation* (“A Geração Mais Burra”, inédito no Brasil). Bauerlein diz que os jovens andam tão distraídos com celulares, MSN e *orkut* que deixam de prestar atenção em assuntos importantes, como história e política. Encerrados em seu casulo tecnológico, onde só falam com pessoas da mesma idade, os jovens estão vivendo como Peter Pan – numa eterna adolescência alienada dos conhecimentos mais elementares. Professor de inglês da Universidade Emory, nos EUA, Bauerlein analisa essa transformação citando dados: em 2001, 52% dos *teens* americanos não sabiam que a União Soviética foi aliada dos EUA na 2ª Guerra Mundial. Ou: os jovens de 15 a 24 anos lêem só 8 minutos por dia, mas passam quase 4 horas vendo TV. “Nenhum grupo na história abriu tamanha fissura entre suas condições materiais e suas realizações intelectuais”, diz.

**Como a internet piora a inteligência dos jovens?**  
Eu me refiro principalmente a 4 elementos: curiosidade intelectual, conhecimento histórico, consciência cívica e hábitos de leitura. Os jovens têm lido cada vez menos nos EUA. E estou dizendo livros, jornais e revistas, que ainda são o principal e o mais importante acesso ao conhecimento.

**Mas a web não pode ser útil para o conhecimento?**  
Poderia, mas os garotos não se importam com essas coisas. Eles não visitam um site de um grande museu para ver as pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer upload das fotos da última festa, ou escrever em seu blog como odeiam a escola. Segundo o instituto Nielsen Media Research, 9 entre os 10 sites mais populares entre os adolescentes são redes de relacionamento. É isso que as ferramentas significam para eles: um meio social.

26 SUPER | SETEMBRO | 2008 Ilustração Firmorama

### Como a internet está mudando nossa sociedade?

Para ser saudável, qualquer sociedade precisa ter uma forte interação entre jovens e adultos. Uma relação em que os adultos possam criticar os garotos por serem ignorantes, inexperientes e egoístas. Quando eu era adolescente, ia à escola, jogava basquete com meus amigos, evitava meus inimigos e, ao voltar para casa, a vida social terminava. Durante o resto do dia, eu tinha de estar junto dos meus pais e escutá-los conversar sobre dinheiro, responsabilidades da casa, a Guerra do Vietnã... Hoje, um garoto de 15 anos vai para casa e se fecha no quarto para falar pelo celular, entrar no blog e mandar mensagens de texto. Os adolescentes estão formando seu próprio universo, longe da realidade adulta.

### Essa falta de convivência é falha dos pais?

Pais e professores deram muita liberdade e responsabilidade aos jovens. Muitos pais gostam de internet, TV e videogames porque eles servem de babás. Por isso, os adolescentes só se preocupam com eles mesmos. Se os pais não forem ativos e vigilantes, os garotos vão basear toda a sua realidade – suas idéias, valores e gostos – uns nos outros.

### E qual seria a solução? Proibir a internet?

De forma nenhuma. O problema não é a tecnologia, e sim como a pessoa a utiliza. O desafio é quebrar o domínio de redes de relacionamento.

### É possível tirar os jovens da internet?

É possível estabelecer um momento em que eles desliguem o celular, apaguem o computador e leiam um jornal, uma revista ou um livro. Nessa “hora da leitura”, os meninos podem ler o que quiserem. Não têm que ler Jorge Luis Borges ou *Moby Dick*. O importante é que possam ficar sentados, sem interrupção, e focar-se no texto. Depois disso, podem voltar a jogar videogame! A idéia é colocar um muro entre eles e os amigos durante uma pequena parte do dia.

### Acha que isso vai dar certo?

Já vem dando certo com alunos meus. Quando lhes digo que precisam passar um tempo desplugados, ou não fazer o dever com a TV ligada, vejo que eles relaxam. Acho que muitos jovens já estão cheios de tantas conexões, celulares e e-mails. Realmente gostariam de dar um tempo. Mas pense no que aconteceria. Imagine que você está na faculdade e não tem orkut. Você está fora! A pressão é enorme. É como se tivesse 5 anos e ninguém quisesse brincar com você.

“**PRECISAMOS MOSTRAR AOS JOVENS QUE ELES NÃO SÃO TÃO ESPECIAIS, TÃO DIFERENTES E NEM TÃO BRILHANTES ASSIM.**”

### O filósofo David Weinberger diz que a internet incentiva o conhecimento compartilhado. Concorda?

Essa idéia de conhecimento como um processo coletivo é interessante, mas ainda existem muitas incertezas sobre ela. Por exemplo, no caso do conhecimento histórico. Muitos se perguntam qual o sentido de saber sobre dom Pedro 2º quando dá para procurá-lo na *Wikipédia*. Mas a questão é: estudamos dom Pedro 2º só para saber quando ele nasceu, as coisas que ele fez e o ano em que morreu? Ou estudamos figuras históricas como essa para desenvolver idéias sobre caráter, honra, inteligência e moral?

### Como assim?

As informações devem remeter a algo mais profundo, que faça você pensar sobre quem é ou nas coisas em que acredita. Quem são os seus heróis? E os seus vilões? Portanto, as pessoas que defendem a idéia de conhecimento coletivo talvez não entendam o quanto é importante essa formação individual.

### Weinberger também diz que mais importante do que o conhecimento é a compreensão dos fatos...

Sim, concordo, mas a compreensão é um processo bastante lento. E a internet agita tanto os garotos que muitos professores nos EUA já acham difícil mandar os alunos ler um livro com mais de 200 páginas. Os adolescentes não conseguem se concentrar por muito tempo. Um argumento complexo ou um poema difícil viraram coisas irritantes para ser assimiladas.

### Na Antiguidade grega, as velhas gerações já criticavam o comportamento das mais novas. Há algo de novo nessa história?

É realmente uma história velha, mas acho que precisa ser repetida. Os adolescentes nunca cresceram com tanto dinheiro nem com tanto acesso a livrarias, museus, faculdades e entretenimento. Muitos deles pensam: “Nós somos os maiores!” Precisamos botar um freio nisso e mostrar que eles não são tão especiais, tão diferentes nem tão brilhantes assim. É natural que pensem dessa forma, faz parte da natureza humana – e a internet inclusive cultiva essa atitude. ■

### MARK BAUERLEIN

Tem 49 anos e vive com a família em Atlanta, EUA.

Gosta de romances policiais de Raymond Chandler, John MacDonald e Jim Thompson. Para leitura “séria”, prefere Dostoiévski e Dante.

Tem ficado mais tempo na internet do que gostaria, respondendo a e-mails de pessoas revoltadas com seu livro *The Dumbest Generation*. Mas ele leva o debate com humor. “Isso mostra que os jovens se importam”, diz.

Está voltando a praticar artes marciais, depois de machucar o joelho treinando chutes de caratê.



## A INTERNET NOS DEIXA INTELIGENTES

QUANTO MAIS CONTATO COM A REDE, MELHOR. PARA O FILÓSOFO DAVID WEINBERGER, JOVENS LUCRAM (E MUITO) COM COMUNIDADES VIRTUAIS E PESQUISAS NA WEB. POR EDUARDO SZKLARZ

A discussão sobre os efeitos da internet no nosso cérebro continua. Se você ficou achando que a web pode estar deixando os adolescentes mais burros, não se preocupe. De acordo com um dos filósofos mais festejados da atualidade, os jovens na verdade nunca foram tão inteligentes – e o mérito é da rede. Para o americano David Weinberger, a era digital está quebrando a noção do conhecimento monopolizado por especialistas. Através do diálogo global, os adolescentes estão conseguindo interpretar e discutir esse conhecimento, e realmente entender o que acontece ao seu redor. Weinberger é professor do Centro Berkman para Internet e Sociedade, da Universidade Harvard, onde mestres, alunos, empreendedores, advogados e arquitetos virtuais se dedicam a explorar a internet. “A web, um mundo de pura conexão, livre de qualquer restrição de assunto, está nos mostrando quem somos – e desfazendo alguns de nossos mais profundos mal-entendidos sobre o que significa ser humano no mundo real”, diz. Nesta entrevista, Weinberger descreve o que são esses enganos e explica por que a desordem do mundo digital é altamente positiva para a nossa massa cinzenta.

### **Como a internet melhora a inteligência dos jovens?**

A grande mudança da era digital é fazer com que os meios, o conhecimento e a autoridade agora sejam de todos. Estamos produzindo conhecimento juntos, não de forma individual, e não precisamos mais carregar os fatos conosco. Em vez de memorizar o PIB da Índia, podemos consultá-lo na *Wikipédia*. A compreensão não é tão simples como o conhecimento; ela é sempre objeto de novas interpretações e discussões. E é justamente nesse ponto que a internet é melhor do que os outros meios. Ela permite que as pessoas discutam e, assim, compreendam melhor o mundo.

### **Como a internet está mudando nossa sociedade?**

Primeiro, é preciso compará-la com a cultura da qual viemos, dominada pelos meios de comunicação de massa. Nela, existia a relação “um para muitos”, onde apenas uma pessoa falava e todas as demais escuta-

vam. A TV, o rádio e as publicações impressas operam numa economia de escassez, já que poucos falam. Como esses meios falam com um grande número de pessoas, o resultado é que as mensagens precisam ser simplificadas o máximo possível.

**O escritor Mark Bauerlein diz que a internet está emburrecendo os jovens, porque substituiu as relações verticais (entre jovens e adultos) pelas horizontais (entre pares). O que acha?**

Não é assim! Esse é o argumento da *echochamber* ["câmara de eco", termo usado nos EUA para descrever negativamente grupos que pensam parecido e que repetem seus pensamentos entre si]. Por trás dessa noção existe uma profunda falta de entendimento sobre a natureza da conversa. As pessoas sempre conversam com quem concordam, de um jeito ou de outro. Não há nada de errado nisso. É assim que avançamos.

**Por exemplo?**

Quando queremos debater algum assunto, procuramos pessoas com quem temos coisas em comum. Se há divergências grandes demais, não levamos o papo adiante. Quantas vezes você conseguiu discutir política com um neonazista? Não dá, porque não há nada em comum. Você pode tentar, mas não vai convencê-lo de que o nazismo é ruim. Não é confrontando diferenças radicais que a compreensão humana avança. Nós avançamos, e mudamos nossas crenças, conversando com pessoas com quem basicamente concordamos. Qual o problema de garotos falando entre si?

**Bauerlein diz que os jovens não estão crescendo, e sim criando um universo longe dos adultos.**

Talvez ele pense que crescer é tornar-se como ele, não sei. A noção de "crescer" muda a cada geração.

**Ele também fala da necessidade que temos de tempo e espaço, coisas que estão se perdendo com a velocidade da internet. Concorda?**

Concordo que precisamos de tempo e espaço, mas discordo de que a internet seja apenas velocidade. Há sites que as pessoas visitam rapidamente, mas também há blogs onde as pessoas escrevem uma vez por ano e deixam textos maravilhosos. Sempre podemos escolher entre entabular uma conversa rápida ou dar uma caminhada lenta. É assim também na web.

**O que a web tem mostrado sobre nós?**

Se você viesse de outro planeta e entrasse na internet, pensaria que somos uma espécie cheia de contradi-

**“NÓS AVANÇAMOS QUANDO CONVERSAMOS COM PESSOAS COM QUEM CONCORDAMOS.”**

ções e difícil de caracterizar. Provavelmente, você observaria duas coisas em particular: o quanto estamos desesperados por nos conectar uns com os outros, o quanto curtimos a companhia alheia; e o tanto que estamos entusiasmados com a possibilidade de criar coisas. Veria um racismo impressionante mas também atos de generosidade. Até podemos ficar chocados ao ver tanta coisa, mas não deveríamos. Porque simplesmente é assim que somos.

**Por que você costuma dizer que a internet é apenas um “meio” que possibilita enviar e receber dados entre uma pessoa e outra?**

A internet tem um comportamento próprio e, se nos convenceremos de que ele é prejudicial, podemos tentar mudá-lo. Isso é improvável, e ela deixaria de ser a internet. Mas, acima de tudo, penso que a web está permitindo a humanização do conhecimento ao refletir quem nós realmente somos. Com a ajuda dela, podemos fazer uma imagem de nós mesmos melhor, do que poderíamos fazer com qualquer outro meio. A *Wikipédia* expressa melhor nossos interesses do que a *Enciclopédia Britannica* por motivos óbvios: a *Britannica* tem um número de tópicos determinado pelo custo da impressão e pelo setor de vendas. A *Wikipédia* reflete os assuntos que nos importam.

**Qual é o papel de pais e professores na era digital?**

Nos EUA, muitos professores deixam os alunos usar só 2 ou 3 fontes da internet para seus trabalhos. Acho que é um erro. A internet é mais importante do que tudo: ela contém maior quantidade de informações e idéias, tanto boas como ruins.

**Então o certo é aproximar os jovens da internet?**

Os professores precisam estimular os alunos a sair da sala e voltar com fontes para serem debatidas, para concluir quais são confiáveis. Não devem ensiná-los a trabalhar individualmente, mas treiná-los para fazer o que nós, adultos, fazemos: consultar a informação na internet e avaliá-la com outras pessoas. Atualmente, temos que entender coisas demais para confiar apenas em um indivíduo. Só podemos cumprir essa tarefa juntos – e é para isso que a internet serve. **S**

**DAVID WEINBERGER**

- É um dos gurus do mundo virtual.
- Costumava escrever piadas para o cineasta Woody Allen nos anos 60 e 70. O material saía em tirinhas de jornal.
- Há quem diga que ele tem mesmo um jeitão de Woody Allen. “Talvez não haja nada divertido sobre mim. Sou tímido no mundo real, mas bem menos quando estou online”, afirma.
- Tem 57 anos. Passou os últimos 30 sem comer carne.

### 3- DISCUTINDO AS ENTREVISTAS

#### Ficha de análise das Entrevistas

1) Qual o tema central das entrevistas?

---

2) Quem são os entrevistados e suas profissões?

---

---

---

3) Qual a posição de cada entrevistado sobre a internet?

---

---

---

4) Que argumentos Mark Bauerlein apresenta para afirmar que a internet nos deixa mais estúpidos?

---

---

---

---

5) Que argumentos David Weinberg apresenta para afirmar que a internet nos deixa mais inteligentes?

---

---

---

---

**4- PRODUZINDO**

Agora produza uma Carta do Leitor, com base nas entrevistas que já lemos e discutimos. Imagine que a Carta será enviada à revista Superinteressante. Caso necessário retorne à definição inicial do gênero na página 2. Após terminar sua produção textual, faça uma auto-avaliação a partir do quadro exposto na próxima página.

**Minha primeira produção de uma Carta do Leitor**

A large rectangular box with a dashed border, containing horizontal dashed lines for writing. The box is intended for the student to write their first letter to the editor.

## 5- AVALIANDO-ME

### FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

#### Orientações:

- Leia sua Carta do Leitor.
- Leia com atenção este quadro de auto-avaliação.
- Preencha o quadro marcando um X conforme sua avaliação. Coloque observações se achar necessário.

	SIM	NÃO	EM PARTE	OBSERVAÇÕES
1-Percebe-se a quem se endereça sua Carta?				
2-Percebe-se o tema de sua Carta?				
3-percebe-se quem escreveu a carta?				
4-Aparece claramente sua opinião na Carta?				
5-Aparece(m) argumento(s) que sustenta(m) sua opinião?				
6-Você acredita que esse(s) argumento(s) é/são suficiente(s) para justificar sua opinião?				
7-O(s) argumento(s) utilizado(s) é/são antecedido(s) de palavras que o(s) destaquem?				
8-O nível de linguagem (formal/informal) que você usou é adequado ao perfil da revista?				
9-Seu texto está claro e objetivo?				
10-O texto tem um bom desfecho?				
11-Você acha que sua carta poderia ser publicada?				

*Produzido por Adelma Barros Mendes- (Adaptado)*

## 6- CONHECENDO MELHOR O GÊNERO

Passaremos agora para um estudo mais aprofundado das Cartas do Leitor. Estudaremos detalhadamente os aspectos que foram explanados de forma breve no início da sequência. Além disso, a partir das primeiras Cartas produzidas, ajustaremos os conteúdos para que os assuntos abordados estejam em conexão com as necessidades da turma como um todo e de cada aluno, em especial. Para isso, pedimos que você reúna-se em dupla, abra a revista que recebeu na seção onde estão publicadas as Cartas do Leitor e responda aos questionamentos a seguir sobre o contexto de produção/circulação das Cartas:

1-A seção onde são publicadas as Cartas de Leitor fica em que parte da revista (início, meio, final)?

---

2- A seção tem um título? Qual?

---

3- A revista publica o número total de Cartas que foram enviadas?

---

4-Quantas Cartas foram publicadas na seção?

---

6-As Cartas publicadas são apenas de elogios? Que outros tipos de Cartas você identifica? Há cartas em que os tipos mesclam-se (elogio e crítica, por exemplo)?

---

7-As Cartas destinam-se somente à revista/jornal em geral, ou há destinatários mais específicos? Quais?

---

8-Há presença de opiniões divergentes nas Cartas publicadas?

---

9-Você identifica Cartas que foram publicadas por terem algo criativo?

---

10-Como você classifica a linguagem apresentada pela maioria das Cartas publicadas? Formal ou informal? O tipo de linguagem das Cartas “combina” com o perfil da revista?

---

11-Em sua opinião, por qual motivo a grande maioria dos jornais e revistas destina um espaço para publicar as opiniões dos leitores?

---



---

12- Que motivos você aponta para o fato de essas Cartas, e não outras, terem sido publicadas?

---



---

## 7- TRAÇANDO PERFIS

A partir das suas respostas e das de seus colegas, vamos traçar o perfil das revistas selecionadas, listando após as principais características do contexto de produção/circulação das Cartas do Leitor.

<b>Revista Superinteressante</b>	<b>Revista Veja</b>
1)	1)
2)	2)
3)	3)
4)	4)
5)	5)
6)	6)
7)	7)
8)	8)
9)	9)
10)	10)

**Principais características do contexto de produção/circulação das Cartas do Leitor:**

1-

2-

3-

4-

5-

6-

7-

8-

9-

10-

11-

## 9- ANALISANDO O VOCABULÁRIO

Cada gênero textual possui um vocabulário específico. Isso não quer dizer que todas as Cartas são escritas de forma igual, mas que há certas expressões, tipos de linguagem e classes de palavras que são mais presentes em um gênero do que em outro. Vamos analisar nesse momento o vocabulário específico do gênero Carta do Leitor. Nessa etapa, também aprenderemos a adequar o tipo de linguagem às situações de comunicação.

### FICHA DE ANÁLISE DO VOCABULÁRIO DAS CARTAS DO LEITOR

Orientações:

- Leia a Seleção de Cartas do Leitor para análise do vocabulário (p.31) e preencha a tabela abaixo, de acordo com o que se pede em cada item:

1- Expressões elogiosas	
2- Expressões de Críticas	
3- Expressões sugestivas	
4- Expressões de discordância	
5- Expressões de concordância	
6- Termos apreciativos	
7- Termos depreciativos	
8- Verbos de opinião	

## 10- REFLETINDO: QUE LINGUAGEM UTILIZAR?

- Agora que já sabemos os tipos de expressões utilizados nas Cartas do Leitor, vamos analisar como usar a Linguagem Formal e a Linguagem Coloquial nesse gênero textual. Mas, antes disso, vamos lembrar rapidamente o conceito desses tipos de linguagem:

**Linguagem formal:** caracterizada pela correção gramatical, ausência de certos termos regionais ou gírias, bem como pela riqueza de vocabulário e frases bem elaboradas. Salvo raras exceções, é a linguagem dos livros, jornais, revistas. Ex.: *Tu és uma excelente pessoa!*

**Obs.:** Apesar do nome que a designa, usar a linguagem culta não significa estritamente usar palavras difíceis ou vocabulário pomposo. Pode-se usar a linguagem culta utilizando vocabulário simples, contudo deve-se atentar para as regras gramaticais.

**Linguagem informal ou coloquial:** é aquela que usamos no dia-a-dia, nas conversas informais com amigos ou familiares, no bate-papo. Descontraída, dispensa formalidades e aceita gírias, diminutivos afetivos e termos regionais. Ex.: *Égua, cara, tu é muito legal!*

- **Que tipo de linguagem utilizarei nas Cartas do Leitor: formal ou coloquial?**

Antes de escolher que tipo de linguagem utilizar em sua Carta, você precisa responder a algumas perguntas: 1- A qual tipo de público a revista/jornal é destinada? A todos os públicos? Jovens? Adultos? Mulheres? Homens? Pessoas de classe média, alta ou baixa? 2- As cartas que são publicadas nessa revista/jornal apresentam, em sua maioria, linguagem culta ou coloquial? Admite gírias? Palavrões? Expressões regionais? Por exemplo, se uma revista é destinada a adolescentes, provavelmente admitirá Cartas com gírias. Porém, se for destinada a adultos de classe média, dificilmente gírias aparecerão nas Cartas do Leitor dessa publicação. Portanto, o gênero Carta do Leitor possui a singularidade de poder ser escrito com linguagem culta ou coloquial. Porém, deve-se analisar bem o perfil da publicação à qual sua Carta será enviada, pois caso a linguagem não esteja adequada, sua Carta não será de forma alguma publicada.

- **Exercitando:** Leia novamente a seleção de cartas da página 31. Dessa vez, procure as seguintes informações:

-Expressões formais:

-Expressões coloquiais:

-Expressões regionais:

-Gírias/palavrões

## 11- ANALISANDO A FORMA DE COMPOSIÇÃO DO GÊNERO

➤ Leia a seleção de Cartas da página 32 para responder às perguntas que seguem:

1- As Cartas do Leitor são formados geralmente por quantos parágrafos?

2- As Cartas publicadas são curtas ou longas?

3- Quais informações sobre o leitor são colocadas, geralmente, nas Cartas?

4- Em que local essas informações são colocadas?

5- Que diferenças você consegue estabelecer entre a Carta do Leitor em comparação com a Carta Pessoal, especialmente quanto à forma de composição? Para facilitar, leia o exemplo de Carta Pessoal abaixo.

*Macapá, 28 de abril de 2008*

*Querida Mamãe,*

*Não quero que a senhora fique preocupada comigo, pois estou muito bem. Consegui arrumar um emprego numa loja de calçados, o trabalho é cansativo, mas eu estou gostando de lá. Até já fiz vários amigos! Ah, e arrumei um namorado também. Ele é muito legal, também trabalha na loja. Ontem eu pensei bastante sobre a sua proposta de voltar pra casa, mas pensei bem e resolvi que vou ficar por aqui mesmo. Não é por causa do namorado, nem do emprego, nem dos amigos. É porque eu quero amadurecer, e estando perto da senhora nunca conseguirei, pois a senhora me protege muito. Além disso, o papai não me deixa sair de casa e a senhora sabe que eu não suporto estar trancafiada num quarto. Gosto de sair, me divertir...*

*Mãezinha, sinto muito sua falta e também dos meus irmãos. Por favor, escreve mandando notícias do pessoal aí de casa. Desculpa a preocupação que estou lhe dando, mas a senhora também já foi jovem como eu e sabe como são as coisas nessa idade.*

*Beijos de sua filhota,*

*Walkíria.*

## 12- ARGUMENTANDO

*"Sê senhor do argumento, e as palavras virão." (Catão)*

Para que se possa produzir bem o gênero Carta do Leitor, deve-se saber argumentar, já que as Cartas, como vimos, apresentam opiniões pessoais de cada leitor, as quais muitas vezes são divergentes. Portanto, nesse momento, aprenderemos mais sobre a arte de argumentar relacionada ao gênero Carta do Leitor.

### ➤ O que é argumentação?

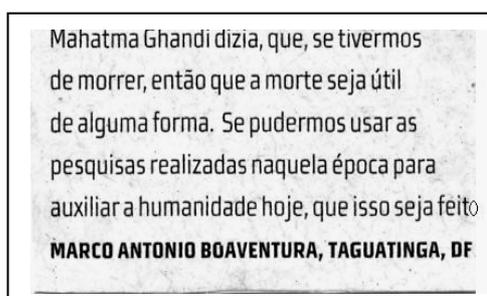
A argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado. Sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós.

### ➤ Quais os tipos de argumentação existentes? Vejamos os mais comuns:

#### a) Argumentação por citação

Às vezes, para defender uma idéia, procuramos pessoas 'consagradas', que pensam como nós acerca do tema em evidência e apresentamos no corpo de nosso texto a menção de uma informação extraída de outra fonte. O trecho citado deve estar de acordo com as ideias do texto, assim tal estratégia poderá funcionar bem. Esse tipo de argumentação é pouco utilizado, porém é de grande valor, desde que sejam respeitadas as características de objetividade presentes nas Cartas, ou seja, as citações não podem ser muito extensas.

Observe o exemplo abaixo:



Superinteressante, maio de 2006, p. 10.

- Pessoa "consagrada" citada:

- Pensamento em comum:

#### b) Argumentação por comprovação

A sustentação da argumentação se dará a partir das informações apresentadas (dados, estatísticas, percentuais) que o acompanham. Nesse tipo de argumentação o leitor precisa de dados que demonstrem sua tese. Assim como a argumentação por citação, também é pouco utilizada, mas possui grande prestígio por demonstrar conhecimento por parte de quem a utiliza. Veja:

Sobre a reportagem “A poluição que vem da mata” (18 de janeiro), o efeito estufa é um fenômeno natural indispensável à vida no planeta e anterior às ações antrópicas. O aumento das concentrações de dióxido de carbono, clorofluorcarbonetos e outros gases tóxicos provenientes da atividade humana acentua sobremaneira o aquecimento proporcionado pelo fenômeno, mas não é a sua causa. Faz muito tempo que as florestas tropicais, em especial a Amazônica, não são consideradas os pulmões do planeta; é o fitoplâncton que exerce essa função, respondendo por quase 90% do oxigênio produzido no processo de fotossíntese.

Walter de Souza Silva  
Belo Horizonte, MG

Veja, 1º de fevereiro de 2006, p.33.

- Tese:

- Dados que comprovam a tese:

### c) Argumentação por raciocínio lógico

É realizada com base na criação de relações de causa e consequência. É um recurso utilizado para demonstrar que uma conclusão (afirmada no texto) é necessária, e não fruto de uma interpretação pessoal que pode ser contestada.

Veja o exemplo abaixo:

A decisão do ministro Nilson Naves, de “se eximir de aplicar a Lei de Crimes Hediondos”, afirmando “que não concorda com ela”, deve ser examinada e punida pelo Conselho Nacional de Justiça, pois coloca em liberdade, no regime semi-aberto, seqüestradores perigosos e cruéis, condenados por crime de extorsão mediante seqüestro. Afrontando, abertamente, a lei em vigor, o STJ deixa a sociedade em total insegurança (“Boa notícia. Mas para os bandidos”, 28 de dezembro).

Edson Antonio Velano  
Reitor da Unifenas  
Alfenas, MG

Veja, 11 de janeiro de 2006, p. 28.

- Causa:

- Conseqüências:

### Algumas expressões indicadoras de causa e consequência:

<b>Causa</b>	Por causa de, graças a, em virtude de, em vista de, devido a, por motivo de.
<b>Conseqüência</b>	Conseqüentemente, em decorrência, como resultado, efeito de.

Esse tipo de argumentação é a mais utilizada nas Cartas do Leitor, apesar de poder gerar contestações. Por isso, caso o leitor note que sua opinião será contestada, pode antecipar posições contrárias e refutá-las, como ocorre no exemplo abaixo:

Na edição de outubro (*Desafaba*, página 14), uma leitora usou um adjetivo nada convencional para expressar seu carinho pela SUPER. Sei o quanto vocês redatores são contra a censura, todavia penso que depois desse exemplo, muitos vão começar a entender que também têm o direito de ver suas opiniões serem publicadas na íntegra. Só Deus sabe o que poderemos estar lendo daqui para a frente. Sendo assim, gostaria que vocês voltassem a trijar melhor o que publicam.

**EDMUNDO DIONÍSIO DE CARVALHO JÚNIOR,**  
**RUI BARBOSA, BA**

Superinteressante, dezembro de 2006, p.11.

-Antecipação (prever os argumentos ou objeções do adversário):

- Refutação (Rebater os argumentos ou objeções do adversário):

### ➤ **Contra-argumentação**

Além de argumentar, em uma Carta do Leitor você pode contra-argumentar, ou seja, a partir de argumentos apresentados você pode contrapor seus argumentos, conforme o exemplo abaixo:

**Troca-troca**

Numa época em que a indústria do entretenimento sobrevive de revivais e coletâneas por pura falta de criatividade, é incrível o ato de apontarem a troca de arquivos pela internet ("Troca-troca", fevereiro, pág. 58) como a responsável pela sua crise.

**ANDRÉ BRANDÃO MELO, UBERABA, MG**

Superinteressante, março de 2007, p. 12.

- Argumento:

- Contra-argumentação:

**Obs.:** Para contra-argumentar é necessário utilizar certos marcadores conforme será visto no tópico a seguir: "operadores argumentativos".

## ➤ OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

São certos elementos da língua, explícitos na própria estrutura gramatical da frase cuja finalidade é a de indicar a argumentatividade dos enunciados. Introduzem variados tipos de argumentos. As palavras que funcionam como operadores argumentativos são os conectivos, os advérbios e outras palavras que, dependendo do contexto, não se enquadram em nenhuma das dez categorias gramaticais.

### ➤ Tipos de operadores argumentativos

Os operadores argumentativos são utilizados para introduzir vários tipos de argumentos. Os mais comuns são:

- Operadores que introduzem argumentos que se somam a outro, tendo em vista a mesma conclusão: **e, nem, também, não só... mas também, além disso, etc.**
- Operadores que introduzem enunciados que exprimem conclusão ao que foi expresso anteriormente: **logo, portanto, então, conseqüentemente, etc.**
- Operadores que introduzem argumentos que se contrapõe a outro (contra-argumentação) visando a uma conclusão contrária: **mas, porém, todavia, embora, ainda que, apesar de, etc.** (utilizados na contra-argumentação)
- Operadores que introduzem argumentos alternativos: **ou...ou, quer...quer, seja... seja, etc.**
- Operadores que estabelecem relações de comparação: **mais que, menos que, tão... quanto, tão... como, etc.**
- Operadores que estabelecem relação de justificativa, explicação em relação a enunciado anterior: **pois, porque, que, etc.**
- Operadores cuja função é introduzir enunciados pressupostos: **agora, ainda, já, até, etc.**
- Operadores cuja função é introduzir enunciados, que visam esclarecer um enunciado anterior: **isto é, em outras palavras, seja, etc.**
- Operadores cuja função é orientar a conclusão para uma afirmação ou negação: **quase, apenas, só, somente, etc.**

### ➤ Algumas dicas para melhor argumentar:

- Se você possui vários argumentos, organize-os. Uma boa opção é abrir e fechar com os melhores argumentos. Você pode também organizá-los de forma crescente ou decrescente, se preferir. O mais importante é que você nunca esqueça de encadear os argumentos e produzir uma conclusão coerente com os argumentos apresentados.
- Se você tiver apenas um argumento, não "encha lingüiça". Lembre-se: mais vale um bom argumento do que vários argumentos ruins.
- "O que convence é a convicção. Acredite no argumento que você está lançando. Se você não acreditar, você está perdido. A outra pessoa sentirá que está faltando alguma coisa, e nenhum encadeamento racional, não importando quão lógico, elegante, ou brilhante seja, irá ganhar o caso para você." (Lyndon B. Johnson).

## EXERCITANDO A ARGUMENTAÇÃO

1- Leia a seleção de cartas da página 33 e sublinhe os argumentos que encontrar.

2- A partir dos temas apresentados abaixo, tente argumentar de forma breve a favor ou contra:

a) Aborto

-----  
 -----  
 -----  
 -----  
 -----  
 -----

b) Desarmamento

-----  
 -----  
 -----  
 -----  
 -----  
 -----

3- Utilize nas frases abaixo os operadores argumentativos que convêm:

a) Nós mulheres possuímos tanta capacidade quanto os homens. -----, temos mais expectativa de vida. -----, devemos ganhar tanto quanto eles.

b) O autor da reportagem escreve de forma excelente. -----, não gostei quando ele diz que somos todos mentirosos.

c) Estou super contente com a revista, ----- ela está com um ótimo conteúdo e um visual belíssimo. Parabéns!

d) ----- estejamos bem, ----- estejamos mal, devemos lembrar que temos um Deus.

e) O governo de nosso país é ----- eficiente ----- um guarda-chuva quebrado.

f) ----- a educação pode salvar nosso povo.

### 13- COERÊNCIA E COESÃO

Muitos estudantes se atormentam com essas duas palavras. Mas é necessário defini-las, pois sua compreensão ajuda os discentes a elaborar um bom texto.

#### ➤ O que é coerência?

Assim como a frase não é uma simples sucessão de palavras, o texto também não é uma simples sucessão de frases, mas um todo organizado capaz de estabelecer contato com nossos interlocutores, influenciando sobre eles. Quando isso ocorre, temos um texto em que há coerência.

A coerência é a unidade de sentido do texto. Para um texto ser coerente, é necessário que haja argumentação estruturada, ausência de contradições e corpo sistemático de enunciados bem deduzidos. Assim é que a coerência pode ser entendida como o fenômeno da harmonia entre as idéias, opiniões. A coerência é também resultante da adequação do que se diz ao contexto extra verbal, ou seja, àquilo a que o texto faz referência, que precisa ser conhecido pelo receptor. Ao ler uma frase como "*No verão passado, quando estivemos na capital do Ceará Fortaleza, não pudemos aproveitar a praia, pois o frio era tanto que chegou a nevar*", percebemos que ela é incoerente em decorrência da incompatibilidade entre um conhecimento prévio que temos da realidade com o que se relata. Sabemos que, considerando uma realidade "normal", em Fortaleza não neva (ainda mais no verão!).

Dessa forma, a coerência não é independente do contexto no qual o texto está inscrito, isto é, não podemos ignorar fatores como o autor, o leitor, o espaço, a história, o tempo. Por isso, para construir um texto coerente, é preciso saber administrar habilidades textuais e contextuais. Pode-se concluir, então, que texto coerente é aquele do qual é possível estabelecer sentido.

#### ➤ O que é coesão?

Uma definição bem simplificada de coesão é "amarrar as idéias". Trata-se da ligação, da relação, da conexão entre as palavras de um texto, através de elementos formais, que assinalam o vínculo entre os seus componentes. Mas, como fazer a coesão?

Existem, em Língua Portuguesa, vários tipos de coesão, entre elas a lexical e a gramatical.

A *coesão lexical* é obtida pelas relações de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e formas elididas. Já a *coesão gramatical* é conseguida a partir do emprego adequado de artigo, pronome, adjetivo, determinados advérbios e expressões adverbiais, conjunções e numerais.

Seguem alguns exemplos de coesão:

1. **Perífrase ou antonomásia** - expressão que caracteriza o lugar, a coisa ou a pessoa a que se faz referência.

Ex.: O Rio de Janeiro é uma das cidades mais importantes do Brasil. A cidade maravilhosa é conhecida mundialmente por suas belezas naturais, hospitalidade e carnaval.

2. **Nominalizações** - uso de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente. Também pode ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado.

Ex.: A moça foi declarar-se culpada do crime. Essa declaração, entretanto, não foi aceita pelo juiz responsável pelo caso. / O testemunho do rapaz desencadeou uma ação conjunta dos moradores para testemunhar contra o réu.

3. **Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas** - ainda que se considere a inexistência de sinônimos perfeitos, algumas substituições favorecem a não repetição de palavras.

Ex.: Os automóveis colocados à venda durante a exposição não obtiveram muito sucesso. Isso talvez tenha ocorrido porque os carros não estavam em um lugar de destaque no evento.

4. **Repetição vocabular** - ainda que não seja o ideal, algumas vezes há a necessidade de repetir uma palavra, principalmente se ela representar a temática central a ser abordada. Deve-se evitar ao máximo esse tipo de procedimento ou, ao menos, afastar as duas ocorrências o mais possível, embora esse seja um dos vários recursos para garantir a coesão textual.

Ex.: A fome é uma mazela social que vem se agravando no mundo moderno. São vários os fatores causadores desse problema, por isso a fome tem sido uma preocupação constante dos governantes mundiais.

5. **Um termo síntese** - usa-se, eventualmente, um termo que faz uma espécie de resumo de vários outros termos precedentes, como uma retomada.

Ex.: O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher uma enorme quantidade de formulários, que devem receber assinaturas e carimbos. Depois de tudo isso, ainda falta a emissão dos boletos para o pagamento bancário. Todas essas limitações acabam prejudicando as relações comerciais com o Brasil.

6. **Pronomes** - todos os tipos de pronomes podem funcionar como recurso de referência a termos ou expressões anteriormente empregados. Para o emprego adequado, convém rever os princípios que regem o uso dos pronomes.

Ex.: Vitaminas fazem bem à saúde, mas não devemos tomá-las sem a devida orientação. / A instituição é uma das mais famosas da localidade. Seus funcionários trabalham lá há anos e conhecem bem sua estrutura de funcionamento. / A mãe amava o filho e a filha, queria muito tanto a um quanto à outra.

7. **Numerais** - as expressões quantitativas, em algumas circunstâncias, retomam dados anteriores numa relação de coesão.

Ex.: Foram divulgados dois avisos: o primeiro era para os alunos e o segundo cabia à administração do colégio. / As crianças comemoravam juntas a vitória do time do bairro, mas duas lamentavam não terem sido aceitas no time campeão.

8. **Advérbios pronominais (classificação de Rocha Lima e outros)** - expressões adverbiais como aqui, ali, lá, acolá, aí servem como referência espacial para personagens e leitor.

Ex.: Querido primo, como vão as coisas na sua terra - Aí todos vão bem - / Ele não podia deixar de visitar o Corcovado. Lá demorou mais de duas horas admirando as belezas do Rio.

9. **Elipse** - essa figura de linguagem consiste na omissão de um termo ou expressão que pode ser facilmente depreendida em seu sentido pelas referências do contexto.

Ex.: O diretor foi o primeiro a chegar à sala. *(Ele)* Abriu as janelas e começou a arrumar tudo para a assembléia com os acionistas.

10. **Repetição de parte do nome próprio** - Ex.: Machado de Assis revelou-se como um dos maiores contistas da literatura brasileira. A vasta produção de Machado garante a diversidade temática e a oferta de variados títulos.

11. **Metonímia** - outra figura de linguagem que é bastante usada como elo coesivo, por substituir uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contigüidade semântica.

Ex.: O governo tem demonstrado preocupação com os índices de inflação. O Planalto não revelou ainda a taxa deste mês.

➤ **EXERCÍCIOS DE COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAL**

- Nas questões abaixo, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a seqüência numérica correta.

**01-** ( ) Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.

( ) Durante décadas, Friedman - que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago - foi visto como uma espécie de pária brilhante.

( ) Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do status de John Maynard Keynes (1883-1945) como o economista mais importante do século.

( ) Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial.

( ) Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.' (Baseado em Robert J. Samuelson, Exame, 1/7/1998)

**a)** 4, 2, 5, 1, 3

**b)** 1, 2, 5, 3, 4

**c)** 3, 1, 5, 2, 4

**d)** 5, 2, 4, 1, 3

**e)** 2, 5, 4, 3, 1

**03-** ( ) Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.

( ) Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.

( ) A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.

( ) No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.

( ) Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.

( ) Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado. (Exame, 1/7/1998).

**a)** 1, 5, 3, 4, 2, 6

**b)** 3, 1, 4, 5, 6, 2

**c)** 2, 4, 5, 3, 6, 1

**d)** 4, 2, 1, 3, 6, 5

**e)** 1, 3, 2, 6, 5, 4

## 14- ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO

Para escrever qualquer gênero textual é importante também atentar para os aspectos ortográficos e de pontuação. Por esse motivo, escolhemos alguns tópicos, com base nas observações que fizemos em outra ocasião sobre as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos na produção de Cartas do Leitor, no que diz respeito à ortografia e pontuação.

### ➤ USO DA VÍRGULA

Como usar a vírgula? Seu uso está relacionado à respiração? Não, a vírgula depende da estrutura sintática da oração. A pausa que fazemos na fala nem sempre corresponde à pausa na escrita. Veja o exemplo abaixo:

O diretor de Recursos Humanos da Empresa Brasileira de Correios  
e Telégrafos declarou que não haverá demissões neste mês.

Não há vírgula na frase acima, apesar de ser uma frase extensa. Isso ocorre porque **entre sujeito, verbo e complementos não há vírgula**. "O diretor de Recursos Humanos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos" é o **sujeito** do verbo "**declarar**". Foi ele, o diretor, que **declarou**. Na seqüência temos "... que não haverá demissões neste mês". Trata-se de objeto direto em forma de oração. Ele complementa o verbo "declarar" — declarou o quê? Que não haverá demissões.

Vejamos mais exemplos sobre o uso da vírgula:

**Antes de mas (com sentido de porém), porém, contudo, entretanto, todavia, portanto, por isso etc:** Ex: Jogou bem, mas perdeu

**Isolar vocativo.** Ex: - E agora, meu marido, aceito ou não o emprego?

**Isolar aposto.** Ex: Macapá, capital do Amapá, é uma cidade que tem belas mulheres.

**Isolar complemento verbal ou nominal antecipados.** Ex: De cobra, eu morro de medo!  
(inversão do complemento nominal)

**Isolar adjunto adverbial antecipado.** Ex: "Dizem muito que, no Brasil, os corruptos ficam soltos enquanto os ladrões de galinha vão para a cadeia."

**Isolar nome de lugar, quando se transcrevem datas.** Ex: Macapá, 23 de agosto de 2008.

**Isolar conjunções intercaladas.** Ex: A ferida já foi tratada. É preciso, porém, cuidar para que não infeccione.

**Intercalar expressões como "em suma", "isto é", "ou seja", "vale dizer", "a**

**propósito**". Ex: Preciso dar uma maquiada no texto, ou seja, subentender algumas idéias.

**Separar itens de uma enumeração:** Ex: Já chegaram à concentração os jogadores Kaká, Robinho, Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos, e Ronaldo.

**Separar as orações coordenadas assindéticas e as sindéticas que não sejam introduzidas pela conjunção e:** Ex: Cheguei, peguei o livro, voltei correndo para o curso.

É aconselhável usar a vírgula quando a conjunção e:

- Aparece repetida no período:

Ex: Passaram aqui para perguntar, e questionar, e amolar, e comprometer.

- Aparece entre orações de sujeitos diferentes:

Ex: O tempo estava nublado, e o piloto desistiu do vôo.

- Não tem sentido de adição:

Ex: A senhora apertou a campainha, e ninguém veio atender. (o e tem valor de conjunção adversativa)

**Isolar orações intercaladas.**

Ex: E o ladrão, perguntei eu, foi condenado ou não?

**Isolar orações adjetivas explicativas.**

Ex: As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.

## O poder da vírgula

Na Inglaterra, certa vez, um oficial foi condenado à morte. Seu pedido de perdão recebeu a seguinte sentença do rei: *"Perdoar impossível, mandar para a forca!"* Antes de a mensagem ser enviada ao verdugo, passou pelas mãos da generosa rainha, que, compadecida da sorte do oficial, tomou de uma caneta e alterando a posição da vírgula, simplesmente mudou o significado da mensagem: *Perdoar, impossível mandar para forca!*

➤ **EXERCÍCIOS SOBRE USO DA VÍRGULA**

1. Pontue o período seguinte:

*"Irás voltarás não morrerás"*

a) com sentido de que não vai morrer:

R.

b) com sentido de que vai morrer:

R.

2. (SANTA CASA) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.

b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.

c) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.

d) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.

e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

3. (FMU) Assinale a alternativa que contenha emprego **incorreto** da vírgula:

a. Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.

b. Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.

c. Eu contesto, a justiça que mata.

d. Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.

e. O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

4. (FMU) Em "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":

a) há erro na colocação das vírgulas

b) a primeira vírgula deve ser omitida

c) a segunda vírgula deve ser omitida

d) a forma de colocação das vírgulas está correta

e) n.d.a

➤ ORTOGRAFIA: USO DOS PORQUÊS

Por que	Em perguntas	"Por que chegou atrasada?"
	Para expressar a idéia de motivo, razão.	"Não sei por que ele se atrasou."
	Como pronome relativo (pode ser substituído por "pelo qual", "pela qual", "pelos quais", etc.)	"O caminho por que ele veio é muito perigoso"
Por quê	Em perguntas, no final da frase.	"Você não veio, por quê?"
Porque	Em respostas e explicações	"Eu não vou porque não quero."
	Em perguntas acompanhadas de hipóteses	"Você não diz porque não sabe?"
Porquê	Como substantivo	"Ele não explicou o porquê da sua ação."

➤ EXERCITANDO...

1- Complete as frases abaixo:

- \_\_\_\_\_ você não paga a conta?
- Não pago \_\_\_\_\_ estou sem dinheiro.
- Nós já sabemos o \_\_\_\_\_ da revolta.
- A infância é a fase dos \_\_\_\_\_.
- \_\_\_\_\_ estamos neste mundo?
- Foste lá, \_\_\_\_\_ ?

2- Justifique o emprego dos "porquês":

- Por que duvidaste de mim?
- Nosso time não conseguiu vencer porque estava sem preparo físico.
- Poderia dizer-me o porquê de tanta alegria?
- Sabe por quê?

➤ **ORTOGRAFIA: MAS/MAIS/MÁS**

**MAIS** = soma, adição. Ex: Tenho *mais* sapatos que você.

**MAS** = restrição, sinônimo de porém, contudo, todavia. Ex: Gosto de você, *mas* não posso desobedecer meu pai.

**MÁS** = aquilo que é prejudicial. Sinônimo de ruim. Ex: Tenho *más* notícias: você não passou no vestibular.

➤ **EXERCITANDO...**

01) Complete com **MAS**, **MÁS** ou **MAIS**, conforme convenha:

- a) Eu sabia disto, \_\_\_\_\_ não tinha autoridade para avisá-los.
- b) Eu compreendo, \_\_\_\_\_ criança é criança.
- c) Não furtariam \_\_\_\_\_ os tucumãs, \_\_\_\_\_ ganhariam alguns.
- d) Fale \_\_\_\_\_ alto, \_\_\_\_\_ sem gritar.
- e) As \_\_\_\_\_ idéias geram as \_\_\_\_\_ ações.
- f) Os tiranos são os \_\_\_\_\_ temidos, \_\_\_\_\_ também os \_\_\_\_\_ odiados.
- g) É uma árvore raquítica, \_\_\_\_\_ valente.
- h) Duque é \_\_\_\_\_ valente do que Rex.
- i) Desapareceu, \_\_\_\_\_ foi encontrado.
- j) Quanto \_\_\_\_\_ se vive, \_\_\_\_\_ se aprende.
- k) Pode ir, \_\_\_\_\_ volte logo.
- l) Preciso de \_\_\_\_\_ tempo para terminar o trabalho.
- m) Ela é pobre, \_\_\_\_\_ vive feliz.
- n) \_\_\_\_\_ vale a sabedoria que a riqueza.
- o) Este cão late, \_\_\_\_\_ não morde.
- p) \_\_\_\_\_ ou menos às doze horas, queríamos dar-lhe a comida, \_\_\_\_\_ havia acabado a ração.

**Obs:** Conforme a análise do desempenho da turma na primeira produção de uma Carta do Leitor serão acrescentados (ou não) mais alguns tópicos sobre a ortografia e a pontuação, de acordo com as correções necessárias.

## 15- REFAZENDO

Após ter estudado o gênero Carta do Leitor, bem como as capacidades de linguagem a ele relacionadas, chegou o momento de refazer sua produção inicial. Esse é o momento mais importante de nosso estudo, pois através da refacção poderemos analisar até que ponto os temas abordados foram compreendidos e se o gênero textual foi apreendido em seus vários aspectos. Use o espaço da próxima página para escrever sua Carta. Boa Sorte!

**MINHA REFACÇÃO**

A large rectangular box with a double-line border, containing 25 horizontal dashed lines for writing. The lines are evenly spaced and extend across the width of the box.

## ➤ SELEÇÃO DE CARTAS PARA ANÁLISE DO VOCABULÁRIO

### Mortos que andam

Sou adolescente e tenho fascínio pelas (insanas ou não) histórias antropofágicas, mas nunca havia lido algo como a matéria "Mortos, mas Não Muito" (agosto, pág. 60). No dia seguinte, fiz propaganda da revista à minha galera. E, se me permitem, num palavreado chulo, mas típico nosso: a SUPER é foda.

**DIANA SARMENTO, UNIÃO DOS PALMARES, AL**

Sou a favor do voto nulo e discordo do que dizem Claudio Abramo e Bolivar Lamounier. Se os políticos não se importam com o que o povo pensa, por que sou obrigado a dar meu voto a eles? E mais: se uma eleição fosse vencida por 51% de votos nulos, por que isso não caracterizaria um protesto legítimo do povo brasileiro?

**RENATO BRITO, FORTALEZA, CE**

Achei bastante interessante a posição do ministro do STJ, senhor Nilson Naves, que, ao não concordar com uma lei, não a cumpre. Eu, por exemplo, não concordo em pagar imposto de renda para sustentar funcionário público que não cumpre a lei. Assim, gostaria de perguntar a esse ministro se eu posso, a partir do próximo ano, parar de pagar imposto de renda. Depois os integrantes do Poder Judiciário reclamam da necessidade de controle externo. Tem mais é que controlar e punir aqueles que não respeitam as leis.

**Maro Antônio Pimenta Ferreira**  
Belo Horizonte, MG

Oportuníssimas e inteligentes a reportagem "O brilho do lado oculto das coisas" (16 de novembro) e a entrevista com o americano Steven Levitt, por seu conteúdo e pela acurada observação dos problemas sociais e suas soluções por meio da aplicação de uma filosofia econômica. Valem para o Brasil as questões abordadas sobre aborto, educação, adoção, sexualidade.

**Modesto Laruccia**  
São Paulo, SP

Magnífica a reportagem sobre a linguagem ("A Língua Solta", abril, pág. 62). Pena que a internet esteja contribuindo para que essa obra-prima da humanidade tenha sua luz cada vez mais apagada. O uso correto e preciso da linguagem é o primeiro passo para um bom diálogo e, por consequência, para resolver os conflitos que nos afligem.

**TILIANE PEREIRA CARVALHO, PARNAMIRIM, RN**

Parabéns a VEJA por mostrar mais uma vez como é o programa de governo petista: compra de deputados com mensalão, compra dos votos dos pobres com esmolas de programas sociais e, agora, compra da opinião pública com matérias televisivas. Era de esperar.

**José Carlos de Souza Finóchio**  
Boa Esperança, MG

Cumprimento VEJA pela responsabilidade social representada pelas denúncias feitas nos últimos meses, que têm colaborado de maneira tremendamente útil no processo de investigação. O caso dos dólares cubanos é, sem dúvida, mais uma prova de que esta revista é o maior e melhor meio de comunicação social deste país.

**Fernândino Rodrigues, estudante**  
Caruaru, PE

Muito legal a forma como a SUPER explorou um dos maiores enigmas do mundo: os sonhos ("Os Sonhos Decifrados", março, pág. 52). Nunca esperei tanto por uma revista. Depois de uma edição de fevereiro animal, era de esperar que a de março viria para detonar. Parabéns, vocês demonstram que, no Brasil, nem tudo é cultura inútil.

**VINICIUS MENDONÇA, MAUÁ, SP**

Fiquei muito feliz depois de ler essa matéria. Ainda mais porque sou estudante de letras e acabei de bombear minha primeira matéria de literatura. Várias vezes as pessoas mentem sobre seu histórico de leitura, e não devemos ter vergonha de nós mesmos. Essa matéria realmente fez muito bem para o meu ego.

**GABRIELA UENARA, CAMPINAS, SP**

Sou contra melhorias ou regalias nas prisões ("O que fazer com nossos presos?", abril, pág. 68). Hoje, vivemos mais tempo numa cadeia (em casas cercadas por trancas e grades) que a maioria dos criminosos. A única solução é a pena de morte. Mas não uma pena onerosa, como vocês disseram, e sim uma barata e funcional, baseada no irrecuperável comportamento do indivíduo, independentemente de raça, cor, credo ou nível social.

**ADEMIR KLAUCK, SAPIRANGA, RS**

VEJA foi injusta e deselegante com Maradona. Por tudo o que ele já representou para o futebol, merecia mais respeito. Uma tristeza o deslize de VEJA. Dor-de-cotovelo, só pode. Mas não perco a fé. Vocês ainda vão superar o complexo de inferioridade com relação aos argentinos.

**Matilde de Paula**  
Melbourne, Austrália

Fiquei profundamente indignado após ler a coluna de André Petry ("Será deboche?", 7 de dezembro). O que nós, cidadãos comuns, esperamos da Justiça é igualdade de direitos e imparcialidade na aplicação das leis. Infelizmente, o que vemos é o Judiciário agir de forma parcial, privilegiando os que têm dinheiro para pagar a bons advogados. Até quando será assim? Não podemos esquecer que o princípio maior da democracia é a igualdade perante a lei.

**Hélio Sérgio Santa Clara**  
Vila Velha, ES

Achei ótimo que dois presos escreveram para a redação (*Desabafa*, novembro, pág. 16). Pequena parte dos presos tem condições de exercer algum tipo de atividade na prisão. Se tivessem maior incentivo à leitura de livros e revistas, eles poderiam aproveitar melhor o tempo ocioso a que ficam sujeitos.

**MÁRCIO TADEU OLIVEIRA, AREADO, MG**

Achei superlegal a entrevista e vou usar o material em sala de aula - solicitarei aos alunos a leitura da revista, que é assinada pela escola.

**FERNANDA MENDONÇA, IPATINGA, MG**

## ➤ SELEÇÃO DE CARTAS PARA ANÁLISE DA FORMA DE COMPOSIÇÃO

Não acho necessário fazer apelos na capa como na edição passada. Se a idéia era chamar a atenção, conseguiram! Conseguiram chamar a atenção por tamanho mau gosto. A capa está absurdamente apelativa.

**EVERTON FUMIO SATO, SOROCABA, SP**

O texto sobre leis imbecis (**SuperFetichê**, agosto, pág. 101) merece aprofundamento. Principalmente em relação à legislação brasileira – a começar pela nossa Constituição. Para mim, a lei mais imbecil é a do salário mínimo, um exemplo fidedigno de obra de ficção! Sugiro até um campeonato, via consulta aos leitores, para identificar qual a lei nacional mais absurda.

**JACKSON MENDES**

Não sei se é impressão minha, mas visualizei a figura de um cavalo correndo para a esquerda, na mancha criada pela substância que está sendo adicionada à outra. Na hora me lembrei daquele desenho animado antigo, *Cavalo de Fogo*.

**ADELAR MARTINS, SANTA MARIA, RS**

Meus parabéns por mais uma excelente matéria. Adorei a visão imparcial da revista e o recado deixado para os mais “radicais”: votando nulo ou não, vote consciente.

**RONALDO RESENDE**

Lógico que existe vida fora da Terra. Não são marcianos à la Spielberg, mas civilizações muito mais avançadas que nós. Galileu foi morto por dizer que a Terra não era o centro do Universo e estava certo. Se naquela época, sem avanço nenhum, ele disse e provou que estava certo, por que em pleno século 21, com tantas tecnologias a nosso favor, diríamos que não há vida em outros planetas? Temos que acreditar, porque há ainda muito o que pesquisar e muitas perguntas a responder.

**ILANA WERTMAN, NO SITE DA SUPER**

Gostei da tabela periódica dos responsáveis pelo aquecimento global e pelas emissões de carbono (**SuperPôster**, agosto). Quero parabenizar a revista por mostrar que o conforto de hoje é a temperatura de amanhã. Se não tomarmos medidas que salvem o planeta, poderá ser tarde demais.

**GABRIEL REIS**

Fiquei irritado ao ler o comentário do leitor Átila Borges, autor de uma confusa tabela periódica da qual ninguém tinha ouvido falar. Acredito que a tal tabela não circula livremente por aí devido aos direitos autorais que o senhor Átila deve cobrar. Se Mendeleiev tivesse cobrado pela sua clássica tabela, imagino que ela também não fosse popular como é hoje. Já o professor Philip apresenta a nova espiral como uma descoberta pública e gratuita.

**VICTOR PINHEIRO CUNHA**

Sempre vai haver pessoas com pensamentos como Mark Bauerlein. Nos anos 70, essas pessoas diziam que os jovens andavam irresponsáveis como nunca, nos anos 80, que eles andavam alienados como nunca, nos anos 90, indiferentes e, agora, burros. Parece que os jovens nunca são bons o suficiente para a geração anterior. Não é porque uso a internet que deixo de ler, discutir ou pensar por mim mesma – o que mudou foi a forma como o faço. E a internet não é só mais uma ferramenta?

**LETICE BORGES, NO SITE DA SUPER**

A existência de vida em outros planetas (“**Não Estamos Sozinhos**”, agosto) é uma questão quase matemática, e seria muita arrogância insistir na idéia de que apenas nós fomos dotados de inteligência. Entretanto, me preocupo com os nossos exocientistas. As mensagens enviadas ao espaço carregam uma série de informações cruciais sobre nossa composição, capacidade e localização. Ora, qualquer civilização capaz de receber e responder tais mensagens estaria em um estágio evolutivo à frente do nosso. E é comum o ser superior subjugar os inferiores, né?

**MICHEL PAES, RIO BRANCO, AC**

Não sou radical, mas aprendi na minha infância (há quase 40 anos) que o território de Rio Branco iria se chamar “Rorãima”, mas poderia estar enganado (**SuperRespostas**, agosto, pág. 54). Para tirar a dúvida, procurei a Elaine, irmã da Gislaine que costumava subir no andaime em sua fãina diária, antes de trabalhar na plãina da carpintaria do tio Jáime.

**ADILSON PEDRO ROVERAN, CAMPINAS, SP**

Os 6 graus de separação podem funcionar entre famosos, como artistas, políticos e esportistas (**SuperRespostas**, agosto, pág. 57). Mas será que funciona se considerarmos apenas cidadãos comuns? Um peão no Pantanal está a apenas 6 graus de uma dona-de-casa nas ilhas Fiji?

**EDUARDO YAMANISHI, SÃO PAULO, SP**

Fiquei aliviada ao ler a entrevista com Pierre Bayard, na reportagem “**Le Não É Tão Importante**” (**SuperPapo**, agosto). Estou no último semestre do curso de letras e fico chateada por não ler os (vários) livros que os professores indicam. Eu até tento, mas quase nunca consigo, por causa da correria do dia-a-dia. Vocês não têm idéia de como estou com a consciência mais tranquila agora.

**RENATA PASTRELLO BOND, PIRITUBA, SP**

Acredito que exista vida lá fora. Talvez até inteligente. O Universo é muito extenso para apostarmos todas as fichas apenas em um planeta. Não podemos nos limitar apenas ao horizonte, senão a Terra sempre será plana e o centro do sistema solar.

**THIAGO DA SILVA, NO SITE DA SUPER**

Acreditar que só há vida fora da Terra em planetas iguais ao nosso é o mesmo que acreditar em Chapeuzinho Vermelho. A vida surgiu ao acaso aqui. E pode surgir ao acaso em qualquer lugar. Basta que o ser que viva em um lugar adverso se adapte a ele. Darwin mostrou que os mais preparados sobrevivem. Então a vida pode existir não somente em condições iguais às nossas.

**FELIPE ROSA MACHADO, RIO DE JANEIRO, RJ**

Em primeiro lugar, parabéns à excelente jornalista Thaís Oyama pela entrevista. A afirmação do senador Tasso Jereissati sobre o seu colega de partido Eduardo Azeredo (“Ocorreu quando ele foi candidato ao governo de Minas, antes de assumir a presidência do partido”) é a mesma declaração do Zé Dirceu para se eximir da culpa e não ser cassado, pois era ministro e não deputado federal quando ocorreram as falcaturas de que é acusado.

*Ruy Humberto Godoy de Mesquita*  
Jaboatão dos Guararapes, PE

Para as pessoas que ainda não se convenceram de que vale a pena tentar modificar nossos hábitos a favor do planeta Terra, essa matéria é quase um tapa na cara.

**FABIANA FREITAS**

## ➤ SELEÇÃO DE CARTAS PARA ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO

Quando dizem que a internet é lugar de obscenidades, bobagens e pornografia percebo que é isso opinião de quem não entende do assunto. Leia-se: de quem mal sabe ligar uma cpu. Graças à internet, dividimos conhecimento, idéias e informações. Por essas duas entrevistas (que, por sinal, foram excelentes) podemos concluir que o problema está em quem utiliza a net. A web nada mais é do que um reflexo do mundo, da sociedade e das pessoas.

**HELVÉCIO DIAS DA ROCHA, SETE LAGOAS, MG**

O caminho para uma vida bem vivida está ao alcance da maioria. As opções que fazemos todos os dias — o que comemos, o que bebemos, o que lemos, os relacionamentos pessoais, as medicações que ingerimos e os exercícios que praticamos ou não — exercem profunda influência sobre a duração e a qualidade de nossa vida. Portanto, devemos fazer do nosso hábito de vida o principal remédio a ser consumido.

*Benedito Borges*  
Médico gastroenterologista  
Cirurgião da obesidade  
Cuiabá, MT

Quanto à reportagem sobre drogas ("5 Mil Anos de Viagem", fevereiro, pág. 64), me espantou a forma como elas foram abordadas, sem alertar para os perigos do consumo. Um dos caminhos para o combate ao vício é discernir os seus diferentes efeitos, mas citando também os maléficis. O que a SUPER fez foi uma apologia disfarçada sob uma roupagem jovem.

**MÁRCIO VIANA SARAIVA**

Uma pessoa culta ("Inteligência", setembro) não seria inteligente? Saber conversar sobre qualquer assunto com qualquer um não torna uma pessoa inteligente? Ou será que inteligência está ligada a um poder de cálculos inigualável? Isso só é ser "diferente". Na prática, uma pessoa culta vale mais do que uma calculadora humana.

**LEANDRO ARAÚJO RIOS, NO SITE DA SUPER**

Homem ou mulher? Fico com os dois. Um complementa o outro, não existe essa disparidade. E é claro que a educação influencia, sim, pois são raras as mentes brilhantes, com pouco ou nenhum acesso à educação. Agora, acredito que alguns já nascem com vocação para algo, e ser inteligente é uma delas.

**THIAGO DA SILVA, MARAU, RS**

É mais plausível decidir o que fazer com um cidadão para não transformá-lo em um criminoso, do que decidir o que fazer com ele apenas depois de preso. Como diz uma frase atribuída a Pitágoras, eduquem as crianças agora e não será preciso castigar os homens depois.

**EDVALDO MARTINS, TABOÃO DA SERRA, SP**

Inteligência, em minha opinião, é saber usar a informação. Tive professores arrogantes na faculdade que precisavam tomar dois elevadores: um para ele e outro para o seu ego. Sempre me pergunto: "É mestre e doutor, mas não sabe lidar com pessoas. Para que serve tanto estudo, então?" Saber socializar-se é o ponto-chave da inteligência. Na matéria temos dois exemplos de superdotados que são capazes de ler e somar em segundos, mas não conversam 10 minutos sobre um assunto qualquer. Para mim, isso não é inteligência!

**RENATO MOREIRA FONSECA, NO SITE DA SUPER**

Mais uma vez VEJA impressiona pela qualidade dos depoimentos. O relator demonstra, com propriedade, de uma maneira clara e bastante precisa, as barbaridades cometidas no governo e pelo governo. Evidencia, com efeito, a negligência do nosso presidente.

*Flávia Cristina Amaro da Silva*  
São José do Rio Preto, SP

Me parece prudente que a redação tome cuidados ao abordar assuntos como as drogas com tamanha liberalidade ("Droga Faz Bem?", setembro, pág. 20). A reportagem, de uma certa forma, pode induzir a conceitos errôneos e inclusive fatais com relação ao uso de drogas. Não que o assunto não deva ser abordado. É claro que a intenção da revista deve ser o esclarecimento, mas não é a primeira vez que o assunto é tratado com títulos dúbios.

**BLAS SANCHEZ**

Mark Bauerlein talvez tenha o mesmo problema de meu pai — o de não saber nem mesmo ligar um computador (*SuperPapo*, setembro). O fato de os jovens estarem criticando o livro que ele escreveu mostra que se interessam por leituras diferentes. Por exemplo, outro dia a irmãzinha da minha namorada perguntou: "O que significa furacão?" Precisei de 5 minutos na rede para descobrir que furacão vem da palavra maia *huracán*. Estou indignado com a falta de flexibilidade do senhor Mark Bauerlein.

**IVAN CAPERUTO**

Não tenho nada da loirinha burra e ignorante que VEJA tentou demonstrar na entrevista "Sou a musa da cachorrada" (16 de novembro). Meu trabalho, além de sincero, é também muito sério. Centenas de cães e gatos saudáveis são sacrificados todos os dias pelos centros de controle de zoonoses do país inteiro. Visando a acabar com tal crueldade e injustiça, estou lançando um CD beneficente para a esterilização de animais (cães e gatos), que comprovadamente é a única maneira eficaz de controle populacional. Um único animal e seus descendentes podem gerar até 80 000 animais em sete anos. Essa conta surgiu de estudos realizados pela Sociedade Mundial de Proteção Animal (WSPA).

*Luisa Mell*  
São Paulo, SP

Sou bispo da Igreja Anglicana Independente ("Igreja Anglicana: Do Começo ao Fim", agosto), professor, casado com uma maravilhosa esposa e muito feliz. Não vejo problema em amar alguém e nem em ser gay. O amor não tem sexo. Ser gay não é pecado e muito menos doença. Ninguém deve ser excluído da Igreja por ter um desejo sexual diferente do da maioria. O amor a si mesmo e ao outro é o importante. Isso é exigido dos heteros, dos bi, dos homos etc. O resto é preconceito e fundamentalismo.

**DOM PETERSON SALOMÃO E ALVES, NO SITE DA SUPER**

É indiscutível que a SUPER tem infográficos fabulosos. Apesar disso, não consegui compreender o diálogo do quadrinho do Wolverine na edição de outubro. As cenas ficaram fora de seqüência e isso prejudicou o entendimento da história.

**ANGELO GUIMARÃES ROSA, RIO DE JANEIRO, RJ**

Tenho 18 anos. Portanto, faço parte da geração que Mark Bauerlein considera a mais estúpida da história. Venho então defender a minha geração e dizer que nem todos os jovens são como ele diz. Tenho orkut e MSN, mas não sou escrava deles, convivo muito com os meus pais e leio de 3 a 4 livros por mês. Ainda saio e me divirto muito com meus amigos, e posso garantir que nenhum deles é estúpido a ponto de passar um dia inteiro em frente ao computador. Nossos assuntos quase nunca são sobre internet, falamos de tudo: livros, religião, filmes e até de política. Não somos uma geração burra, mas, sim, uma geração mais informada.

**NATÁLIA DEVÓS**

## APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas com os alunos

*Legenda:*

**P** – professor entrevistador

**A** – aluno entrevistado

### ENTREVISTA 1

**P4:** boa tarde...

**A1:** boa tarde...

**P4:** bem... nesse momento vamos fazer um pequeno questionário... qual a disciplina que você mais gosta?... por quê?...

**A1:** bom... éh :: eu gosto mais de história e geografia... história porque voltamos ao passado... ajuda a lembrar os fatos do homem... da idade média... idade contemporânea... ainda mais aquela questão da antropologia::... eu gosto muito::... éh... e sociologia porque trata mais sobre o homem... nós conhecemos nós mesmos no passado... tanto é que eu pretendo... me inscrevi na UEAP pra filosofia...

**P4:** você falou geografia...

**A1:** não... história e sociologia...

**P4:** qual a disciplina que você menos gosta?...

**A1:** física...

**P4:** por que?...

**A1:** porque tem uns cálculos muito chatos... assim... eu não me dou muito bem com exatas... tirando química...

**P4:** como você gostaria que física fosse ensinada?...

**A1:** de uma forma mais dinâmica... porque::... assim... não que os professores não fazem uma aula mais produtiva e dinâmica... mas... no momento... meu professor é muito teórico... éh... até porque... a escola não dá estrutura... principalmente em física que é muito difícil de se lidar...

**P4:** como você aprendeu a ler?...

**A1:** bom::... éh... na escola... mas... assim... porque a minha mãe é analfabeta... aí quem me ajudava muito era minha irmã... mas... assim... eu fui aprender a ler mesmo da segunda pra terceira série... tanto que foi na escola mesmo...

**P4:** e você costuma ler em sala de aula?...

**A1:** éh... bastante... mas eu gosto mais de temas religiosos... de temas mais interessantes... eu não estudo muito... leio muito as questões... assim... matéria... química e biologia... eu gosto mais de coisas interessantes...

**P4:** como você faz a leitura em sala de aula?...

**A1:** essas que não é de acordo com a matéria... mas quando tem trabalho... é assim... na hora da aula...

**P4:** você costuma ler em casa?...

**A1:** sim... todos os dias quando eu chego... tenho que ler...

**P4:** e o quê você costuma mais ler?...

**A1:** é como eu te falei... os temas religiosos... assim... leio a Bíblia... leio alguns livros de autores diferentes... gosto muito de ler coisas de otimismo...

**P4:** e o que você escreve em sala de aula?...

**A1:** olha... eu tenho vários textos... eu tava pensando até em publicar um livro assim... tenho uns cinquenta textos de poesias... redações... minhas opiniões... só que eu publico muito na internet... aí tá lá... só que falta ajeitar algumas palavras... espero com o curso aprender pra quando eu for escrever já saber...

**P4:** mas você gosta de escrever isso?...

**A1:** gosto...

**P4:** e sobre o que você mais gosta de escrever é sobre isso?...

**A1:** é... gosto muito de escrever sobre o amor... éh... as coisas que eu tô sentindo... essas coisas...

**P4:** você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A1:** em casa...

**P4:** em casa?...

**A1:** é::...

**P4:** e você utiliza dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...

**A1:** bastante... principalmente quando quero usar aqueles termos bonitos... aí eu vou lá... pesquiso ... vejo o que é... aí eu coloco alguns... alguns... não todos...

**P4:** tá... e você costuma usar a gramática?...

**A1:** não...

**P4:** nem em sala de aula?...

**A1:** em sala de aula... às vezes...

**P4:** então você não gosta de utilizá-la?...

**A1:** é... eu não gosto muito de usar a gramática... que é muito... eu particularmente acho um pouquinho chato...

**P4:** e:: a professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...

**A1:** bastante... acho que quem conversa mais com a gente é a professora de língua portuguesa...

**P4:** TÁ... e quando você precisa de ajuda nessa disciplina... ela te auxilia?

**A1:** sim...

**P4:** e você costuma expor trabalhos na turma... na sala de aula?...

**A1:** bom::... expor tipo o quê?...

**P4:** seminários... apresentação...

**A1:** seminários... apresentação... até mesmo sobre a gramática a gente tem que apresentar os trabalhos...

**P4:** em quais disciplinas?...

**A1:** de acordo com a disciplina...

**P4:** mas... em quais disciplinas?...

**A1:** éh::... mais... sociologia... geografia... português também... ah... principalmente em literatura...

**P4:** e como a professora de língua portuguesa lida com os erros... tanto na fala e da escrita?...

**A1:** bom... ela sempre procura tá auxiliando a gente... né... não tem muito com a fala... é mais com a escrita... algumas palavrinhas... mas sempre ela tá lá... não é assim... assim... muitas curiosidades que eu tenho assim das próprias palavras... essas coisas... mas ela sempre tá auxiliando...

**P4:** tá... e como você gostaria que fossem as aulas de língua portuguesa?...

**A1:** bom... eu particularmente não sou muito chegado à língua portuguesa... mas... assim... nós estamos estudando... assim ... na sala... com uma professora que entrou nesse período... que entrou agora no terceiro ano... acho sim... que ela sempre traz atualidades... e não fica só naquela coisa chata de gramática... então questão assim... assim que deve ser... sempre tratando da atualidade... assim...

porque a língua portuguesa tem questão de gramática e a gramática não é assim muito legal... muito assim... um pouquinho chato... mas aí ela mistura atualidade... um pouquinho disso... daquilo e vai se tornando mais interessante...

**P4:** e se você pudesse resumir em uma só palavra o que é ensinado em língua portuguesa... que palavra seria?...

**A1:** como?...

**P4:** se você pudesse resumir em uma só palavra todo o conteúdo de língua portuguesa?... que palavra seria?...

**A1:** bom... deixa eu ver... uma palavra... legal...

**P4:** legal?...

**A1:** é... eu acho legal... até porque a gente vai aprender várias coisas... eu gosto.

**P4:** muito obrigada...

## ENTREVISTA 2

**P4:** boa tarde... vamos fazer um pequeno questionário... qual disciplina você mais gosta e por quê?...

**A2:** inglês... ( )

**P4:** qual a disciplina que você menos gosta e por quê?...

**A2:** que eu menos gosto... matemática... não pela matéria é mais pela professora que deixa a matéria chata...

**P4:** e como você gostaria que a matéria fosse ensinada?...

**A2:** acredito que... com mais dinâmicas...

**P4:** como você aprendeu a ler?...

**A2:** aprendi no 2º período... foi em casa...

**P4:** é inato... costuma ler em sala de aula?...

**A2:** às vezes...

**P4:** às vezes... e como você faz essa leitura?...

**A2:** ( )

**P4:** e você lê em casa?...

**A2:** leio...

**P4:** e o que você lê?...

**A2:** mais livros...

**P4:** éh:: o que você escreve em sala de aula?...

**A2:** o conteúdo que os professores passam...

**P4:** você gosta de escrever isso?...

**A2:** bom... gostar eu não gosto... é porque é obrigatório...

**P4:** é necessário...

**A2:** é...

**P4:** e sobre o quê mais você gosta de escrever?...

**A6:** eu não sou muito assim... de ficar escrevendo... sou mais pra ler do que escrever...

**P4:** e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A2:** em casa...

**P4:** em casa?... você utiliza o dicionário quando está escrevendo ou lendo?...

**A2:** utilizo...

**P4:** e a gramática você utiliza em sala de aula?...

**A2:** utilizo...

**P4:** você gosta de utilizá-la?...

- A2:** é... é importante a gente usar... que vê o que tá errado e corrige logo...
- P4:** e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...
- A2:** dá...
- P4:** e se você precisasse de auxílio... você acha que ela te auxiliaria?
- A2:** acho que sim...
- P4:** e você costuma expor trabalhos na turma... em sala de aula?...
- A2:** uhn hum....
- P4:** quais disciplinas?...
- A2:** geralmente... história... geografia e literatura...
- P4:** e como a professora de língua portuguesa ela lida com teus erros tanto na fala quanto da escrita?...
- A2:** bom... na escrita ela sempre corrige no caderno... bota a forma correta e explica... e na fala ela também explica... a gente tem dúvida assim... ela vem e explica na hora.
- P4:** e como você gostaria que fossem essas aulas de língua portuguesa?...
- A2:** poderia trabalhar mais a redação... em mais horários... porque a gente tem três horários... e poderia ter mais quatro ou cinco...
- P4:** tá... e se você pudesse resumir todo o conteúdo de língua portuguesa em uma só palavra... que palavra seria?
- A2:** difícil...
- P4:** difícil...
- A2:** não... difícil é achar uma palavra... nem sei o que eu posso dizer... porque o português é uma das línguas mais difíceis... é diferente do inglês e de outras línguas... o inglês não tem tantas regras quanto o português...
- P4:** tá... muito obrigada...
- 

### *ENTREVISTA 3*

- P4:** boa tarde...
- A3:** boa tarde...
- P4:** vamos fazer um pequeno questionário agora... pra tirar algumas dúvidas com você... é... qual a disciplina que você mais gosta?...
- A3:** literatura...
- P4:** por que você gosta mais de literatura?...
- A3:** porque é mais fácil e... ajuda a lembrar do nosso passado histórico...
- P4:** tá... qual a disciplina que você menos gosta?...
- A3:** matemática...
- P4:** por que?...
- A3:** porque é muito complicado...
- P4:** tá... e... como você gostaria que... essa disciplina... matemática... fosse ensinada?...
- A3:** de uma forma dinâmica...
- P4:** tá... como você aprendeu a ler?...
- A3:** aprendi na escola...
- P4:** você costuma ler em sala de aula?...
- A3:** os assuntos que os professores propõem...
- P4:** como você faz essa leitura?...
- A3:** eu leio...
- P4:** tá... você lê em casa?...
- A3:** leio...

- P4:** o que você lê?...
- A3:** livros diversos...
- P4:** tá... você gosta de escrever em sala de aula?... o que você escreve?...
- A3:** escrevo os assuntos que os professores dão em sala de aula...
- P4:** tá... e você gosta de escrever isso?...
- A3:** gosto...
- P4:** sobre o que mais você gosta de escrever?...
- A3:** músicas... eu gosto de músicas...
- P4:** você aprendeu a ler na escola ou em casa?...
- A3:** ( )
- P4:** ah... você utiliza o dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...
- A3:** não...
- P4:** sua professora de Língua Portuguesa dá importância ao que você diz?
- A3:** dá...
- P4:** quando você precisa de ajuda nessa disciplina ela te auxilia?...
- A3:** sim... bastante...
- P4:** você costuma expor trabalhos em sala de aula?...
- A3:** sim... em quase todas as disciplinas...
- P4:** em quais disciplinas?...
- A3:** todas...
- P4:** todas?... e como a professora de língua portuguesa lida com teus erros tanto da fala e da escrita?...
- A3:** ela fala onde corrigir... aí ela pede pra melhorar em tudo...
- P4:** tá... e como você gostaria que fossem as aulas de língua portuguesa?...
- A3:** acho que já tá bom... ela conversa... já tá bom...
- P4:** e se você pudesse resumir em uma só palavra o conteúdo de língua portuguesa... que palavra seria?...
- A3:** interessante...
- P4:** interessante... muito obrigada...

#### *ENTREVISTA 4*

- A4:** oi...
- P4:** vamos fazer um pequeno questionário com você... qual a disciplina que você mais gosta?
- A4:** literatura...
- P4:** por que?...
- A4:** é porque é uma matéria que mexe com os autores... porque eu gosto muito de ler livros... sobretudo de José Alencar...
- P4:** e qual a disciplina que você menos gosta?...
- A4:** matemática...
- P4:** por que?...
- A4:** é uma matéria assim que eu nunca me dei bem... cálculo... eu não gosto muito...
- P4:** tá... e como você gostaria que matemática fosse ensinada?...
- A4:** de uma maneira mais fácil... sobretudo os cálculos de uma maneira mais fácil...
- P4:** e como você aprendeu a ler?
- A4:** no reforço...
- P4:** no reforço... tá... e você costuma ler em sala de aula?...
- A4:** hum hum... muito

- P4:** e como você faz essa leitura em sala de aula?...
- A4:** ah...eu leio textos... geralmente a professora pede pra ler...
- P4:** tá... e você lê em casa?...
- A4:** leio...
- P4:** e o que você lê?
- A4:** é como eu disse... eu gosto de ler José de Alencar.... a minha favorita é a Moreninha... geralmente eu leio várias vezes...
- P4:** o quê você escreve em sala de aula?...
- A4:** ah... o que eu escrevo assim... eu gosto de escrever muito o meu nome... aí eu começo a escrever algumas coisas para meus amigos...
- P4:** uhn hum... e você gosta de escrever isso?...
- A4:** gosto...
- P4:** sobre o quê mais você gosta de escrever?...
- A4:** sobre::.... as coisas que eu gosto muito de fazer... é lembretes... eu gosto muito de fazer pra me lembrar o quê eu devo fazer...
- P4:** você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...
- A4:** em casa...
- P4:** e você utiliza o dicionário quando está escrevendo ou lendo?...
- A4:** bem difícil... bem difícil...
- P4:** tá... e você usa a gramática em sala de aula?...
- A4:** não...
- P4:** não... e nem gosta de utilizá-la?... se você pudesse utilizar a gramática... você usaria?...
- A4:** eu usaria...
- P4:** tá... e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...
- A4:** dá... e muito...
- P4:** e se você precisasse de ajuda... auxílio nessa disciplina... ela te ajudaria?...
- A4:** sim...
- P4:** e você costuma expor trabalhos em sala de aula?...
- A4:** uhn hum....
- P4:** em quais matérias?...
- A4:** éh::.... literatura...
- P4:** mais em Literatura?...
- A4:** uhn hum...
- P4:** tá... e como a professora de língua portuguesa lida com os erros tanto da fala e da escrita?...
- A4:** ela procura sempre corrigir... de uma maneira... de uma maneira que ninguém percebe... e ela vai lá... diz como tá...
- P4:** tá... e como você gostaria que essas aulas de língua portuguesa fossem?...
- A4:** acho que não tem nada pra mudar... está bom do jeito que tá...
- P4:** e se você pudesse resumir em uma só palavra o conteúdo de língua portuguesa... qual seria?...
- A4:** ótimo...
- P4:** ótimo?... está bom... obrigada...

---

## ENTREVISTA 5

**P4:** boa tarde...

**A5:** boa tarde...

**P4:** vamos fazer um pequeno questionário com você agora... qual a disciplina que você mais gosta?...

**A5:** bom... eu gosto mais das exatas... mas eu levo... levo em consideração todas...

**P4:** por que você gosta mais de exatas?...

**A5:** porque eu me identifico assim... tenho mais facilidade... assim... em cálculo... eu entendo mais...

**P4:** qual a disciplina que você menos gosta?...

**A5:** história... e geografia... se bem que história é mais na base de decorar... e geografia é mais atualidade...

**P4:** e como você gostaria que essas disciplinas que você menos gosta fossem ensinadas?...

**A5:** ah... com dinâmicas... porque essas disciplinas... essas matérias... tem assuntos bastantes interessantes de explicar... de interagir... no caso porque e na verdade é como se a gente presenciasse... então é como uma busca ao passado... tudo isso...

**P4:** e como você aprendeu a ler?...

**A5:** aprendi a ler na escola...

**P4:** você costuma ler em sala de aula?...

**A5:** é... mais em sala sim... mas eu tenho muita oportunidade... porque é a base de tudo...

**P4:** e como você faz essa leitura em sala de aula?...

**A5:** nas matérias... e assim... eu também de vez em quando eu leio fora à parte...

**P4:** tá... e o quê você lê fora à parte... em casa?...

**A5:** também... quando não tá no horário de aula... algumas vezes eu busco a leitura... e... fora também eu costumo ler a Bíblia né... também... e outros livros... atualidades...

**P4:** e o quê você escreve em sala de aula?...

**A5:** ah... além dos assuntos... é somente...

**P4:** somente os assuntos?... e você gosta de escrever os assuntos?...

**A5:** hun hum...

**P4:** tá... e sobre o quê você mais gosta de escrever?...

**A5:** eu... eu gosto de escrever mais sobre tudo... tudo... não tem importância pra mim...

**P4:** e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A5:** na escola também... apesar que... a gente começa a aprender na escola... e... tem incentivo em casa... meus pais também me incentivaram muito...

**P4:** e você utiliza o dicionário quando está escrevendo ou lendo?...

**A5:** logo quando eu não entendo a leitura... aí... sim...

**P4:** tá... e você usa a gramática em sala de aula?...

**A5:** olha... a gente usa bastante...

**P4:** e você gosta de utilizá-la?...

**A5:** também... eu acho bastante necessário... tanto para uma redação... e cabe muito... e quanto... normal...

**P4:** e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...

**A5:** com certeza... todos nós... inclusive ela... além dos assuntos... que ela apresenta... ela tenta com a gente... interagir...

**P4:** e quando você necessita de ajuda... éh... nessa disciplina... ela te auxilia?

**A5:** com certeza... mas não somente ela... os meus colegas também...

**P4:** e você costuma expor trabalhos em sala de aula?...

**A5:** também... bastante... inclusive... é... nesse... nesse término né...

**P4:** do semestre?...

**A5:** isso... é bastante trabalho... apresentação...

**P4:** tá... em quais disciplinas?...

**A5:** bom... tem em física... em literatura bastante... em língua portuguesa também... é mais nessas matérias.

**P4:** tá... como a professora de Língua portuguesa... ela lida com os erros tanto da fala e da escrita?...

**A5:** bom... eu não... eu não tenho erros assim... mas... na escrita... eu posso ter poucos... bem poucos... mas em relação a isso não tem problema...

**P4:** ela não corrige?...

**A5:** não... ela corrige sim... ela corrige...

**P4:** e como você gostaria que fossem essas aulas de língua portuguesa?...

**A5:** eu gostaria que fossem... apesar que são... dinâmicas... interação também eu não tenho do que reclamar...

**P4:** e se você pudesse resumir em uma palavra o conteúdo... o que é ensinado em língua portuguesa... que palavra seria?

**A5:** interessante...

**P4:** interessante?...

**A5:** é bastante interessante...

**P4:** obrigada...

## *ENTREVISTA 6*

**P4:** boa tarde...

**A6:** boa tarde...

**P4:** vamos fazer um pequeno questionário agora... tá bom?... qual disciplina você mais gosta?...

**A6:** ( )

**P4:** por que?...

**A6:** ( )

**P4:** tá... e qual a disciplina que você menos gosta?...

**A6:** é:.... física...

**P4:** física... por quê?

**A6:** ( )

**P4:** tá... e como você gostaria que essa disciplina fosse ensinada?...

**A6:** ah... de um modo mais dinâmico...

**P4:** como você aprendeu a ler?...

**A6:** aprendi a ler com a minha mãe...

**P4:** e você costuma ler em sala de aula?...

**A6:** eu... leio os textos...

**P4:** e... e você lê em casa?...

**A6:** é normalmente...

**P4:** tá... e o que é que você lê?...

**A6:** ( )

**P4:** você escreve em sala de aula?...

**A6:** não...

**P4:** nem os assuntos do quadro?...

**A6:** um pouco...

**P4:** e você gosta de escrevê-los?...

**A6:** ( )

**P4:** e sobre o quê mais você gosta de escrever?...

**A6:** ah... eu gosto de escrever... tipo... músicas...

**P4:** e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A6:** ( )

**P4:** e você utiliza o dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...

**A6:** ( )

**P4:** e você utiliza a gramática em sala de aula?...

**A6:** não...

**P4:** e gostaria... se você tivesse oportunidade?...

**A6:** sim...

**P4:** e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...

**A6:** dá muito...

**P4:** muita importância?... e se você precisar de algum auxílio?... ela te ajudaria... ela vai te ajudar?...

**A6:** sim...

**P4:** e você costuma expor trabalho em sala de aula?...

**A6:** sim...

**P4:** tá... e em quais disciplinas?...

**A6:** biologia...

**P4:** biologia... tá.... e como é que a professora de língua portuguesa... ela lida com seus erros tanto na escrita quanto na fala?

**A6:** ( )

**P4:** tá... e como você gostaria que fossem as aulas de língua portuguesa?...

**A6:** ( )

**P4:** se você pudesse resumir em uma só palavra todo o conteúdo de língua portuguesa... que palavra seria?...

**A6:** ( )

**P4:** tá bom... obrigada...

## *ENTREVISTA 7*

**P4:** boa tarde...

**A7:** boa tarde...

**P4:** agora vamos fazer um pequeno questionário que vai ajudar ainda mais a nossa pesquisa... qual a disciplina que você mais gosta?...

**A7:** ah... a língua portuguesa...

**P4:** ah... a língua portuguesa... por quê?

**A7:** porque eu acho... as palavras vêm... eu acho legal... a gente pode descobrir... utilizar novas palavras... eu gosto da língua portuguesa... eu gosto de escrever corretamente assim... eu acho bem legal...

**P4:** qual a disciplina que você menos gosta?...

**A7:** física...

**P4:** por que?...

**A7:** porque é:... complicado... têm algumas coisas que eu não entendo... as fórmulas ... mas... aí eu não gosto muito...

**P4:** como você gostaria que a disciplina que você menos gosta... no caso .. física... fosse ensinada?...

**A7:** ah... não sei o que dizer ...

- P4:** não sabe como?...
- A7:** não sei como...
- P4:** o professor... ou alguma coisa assim fosse melhorada?...
- P4:** acho que é a física mesmo...
- P4:** tá... como você aprendeu a ler?...
- A7:** ah... na primeira série na escola...
- P4:** na escola normal?...
- A7:** sim...
- P4:** costuma ler em sala de aula?...
- A7:** uhn hum...
- P4:** e como você faz a leitura em sala de aula?...
- A7:** oralmente às vezes... e quando a professora dá trabalho assim...
- P4:** trabalho... exercício?
- A7:** uhn hum...
- P4:** faz resolver o exercício...
- A7:** uhn hum...
- P4:** você lê em casa?...
- A7:** leio...
- P4:** e o que você lê?...
- A7:** leio Cecília Meirelles... vou começar a ler Carlos Drummond de Andrade...
- P4:** e o que você escreve em sala de aula?...
- A7:** escrevo o que o professor escreve...
- P4:** e o que você mais gosta de escrever?...
- A7:** num tem... eu gosto de escrever...
- P4:** e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...
- A7:** na escola...
- P4:** você utiliza o dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...
- A7:** em casa sim...
- P4:** você usa a gramática em sala de aula?...
- A7:** sim...
- P4:** e você gosta de utilizá-la?...
- A7:** gosto...
- P4:** por que?...
- A7:** é uma maneira de saber as regras...
- P4:** seu professor de língua portuguesa dá atenção ao que você diz?...
- A7:** acho que sim... ela é uma boa educadora...
- P4:** quando você precisa de ajuda nessa disciplina... a professora te auxilia?...
- A7:** sim...
- P4:** você costuma expor trabalhos para toda turma?...
- A7:** éh... às vezes...
- P4:** seminário?...
- A7:** uhn hum...
- P4:** quais disciplinas?...
- A7:** essa mesma::... biologia...
- P4:** como a professora de língua portuguesa lida com os erros da fala e na escrita?...
- A7:** ah... ela fala pra gente qual é o correto com educação... com calma...
- P4:** tá... e como você gostaria que fossem as aulas de língua portuguesa?...
- A7:** acho que já são boas?...
- P4:** não quer melhorar nenhum aspecto?...
- A7:** são boas...

**P4:** e se você pudesse resumir em uma só palavra todo o conteúdo de língua portuguesa?... que palavra seria?...

**A7:** ((silêncio))

**P4:** a língua portuguesa é ensinada de que forma?... como vocêalaria que é essa palavra?...

**A7:** maravilhosamente...

**P4:** maravilhosamente... boa tarde... muito obrigada...

## *ENTREVISTA 8*

**P4:** boa tarde...vou fazer um pequeno questionário agora... está bom?... qual a disciplina que você menos gosta?...

**A8:** literatura...

**P4:** por que?...

**A8:** é chato... e eu não gosto...

**P4:** como você gostaria que a literatura fosse ensinada?...

**A8:** de um modo mais dinâmico...

**P4:** dinâmico... tá... como você aprendeu a ler?... foi na escola... em casa?...

**A8:** foi na escola e em casa...

**P4:** e você costuma ler em sala de aula?...

**A8:** pouco...

**P4:** pouco... tá... e como você faz essa leitura em sala de aula?...

**A8:** como assim?...

**P4:** sozinho:::... com o professor?...

**A8:** não... com o professor... geralmente é com o professor...

**P4:** e você lê em casa?...

**A8:** sim...

**P4:** e o quê você lê em casa?...

**A8:** revistas...

**P4:** tá... e você escreve em sala de aula?...

**A8:** escrevo...

**P4:** tá... e o quê você escreve?...

**A8:** quando não tem nada pra fazer eu pego e ( )...

**P4:** e... você gosta de escrever isso?...

**A8:** sim...

**P4:** tá... e sobre o quê mais você gosta de escrever?...

**A8:** não tem...

**P4:** tá... e você aprendeu a ler na escola ou em casa?

**A8:** nos dois...

**P4:** nos dois... tá... você utiliza o dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...

**A8:** pouco... pouco...

**P4:** e a gramática... você utiliza em sala de aula?...

**A8:** é... uso...

**P4:** e você gosta de utilizá-la?...

**A8:** sim...

**P4:** e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...

**A8:** dá...

**P4:** e se você precisasse de ajuda nessa disciplina... ela te ajudaria?...

**A8:** sim...

**P4:** você costuma expor trabalhos em sala de aula?...

**A8:** como assim?...

**P4:** exposição... seminário...

**A8:** sim...

**P4:** em quais disciplinas?...

**A8:** todas... todas as disciplinas...

**P4:** e como a professora de língua portuguesa lida com seus erros tanto da fala e da escrita?...

**A8:** ah... ela... chama atenção... fala pra melhorar...

**P4:** tá... e se você pudesse resumir em uma só palavra o que é ensinado em língua portuguesa que palavra seria?...

**A8:** educação...

**P4:** educação?... Obrigada...

## *ENTREVISTA 9*

**P4:** boa tarde...

**A12:** boa tarde...

**P4:** nós vamos fazer um pequeno questionário... qual a disciplina que você mais gosta?...

**A12:** matemática...

**P4:** tá... e... por que você gosta de matemática?...

**A12:** ( )

**P4:** e qual a disciplina que você menos gosta?...

**A12:** português ...

**P4:** por que?...

**A12:** porque eu não gosto muito assim de livros...

**P4:** tá... e como você gostaria que a língua portuguesa fosse ensinada?...

**A12:** com brincadeiras...

**P4:** com mais dinâmicas... né?... e como você aprendeu a ler?...

**A12:** como assim?...

**P4:** na escola?...

**A12:** na escola...

**P4:** tá... e você costuma ler em sala de aula?...

**A12:** não...

**P4:** não... tá... e você lê em casa?...

**A12:** não...

**P4:** não... você escreve em sala de aula?...

**A12:** escrevo...

**P4:** e o que você escreve?...

**A12:** os assuntos das matérias...

**P4:** tá... e você gosta de escrever esses assuntos?...

**A12:** sim...

**P4:** e tem mais alguma coisa que você gosta de escrever?...

**A12:** não...

**P4:** você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A12:** em casa...

**P4:** você utiliza o dicionário quando está escrevendo ou lendo?...

**A12:** não...

**P4:** a gramática... você utiliza em sala de aula?...

**A12:** sim...

**P4:** você gosta de utilizá-la?...

**A12:** não gosto...

**P4:** sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz em sala de aula?...

**A12:** ( )

**P4:** tá... e se você precisasse de alguma ajuda... nessa disciplina... você acha que ela te ajudaria?...

**A12:** sim...

**P4:** e você costuma expor trabalhos em sala de aula?...

**A12:** sim...

**P4:** e em quais disciplinas?...

**A12:** literatura...

**P4:** e como a professora de língua portuguesa ela lida com teus erros tanto da fala e da escrita?...

**A12:** ah... ela diz tá errado... depois ela corrige...

**P4:** e como você gostaria que fossem as aulas de Língua Portuguesa?...

**A12:** não tenho nada a reclamar das aulas de língua portuguesa...

**P4:** são boas?...

**A12:** sim...

**P4:** tá... e... se você pudesse resumir em uma só palavra todo o conteúdo de língua portuguesa... que palavra seria?....

**A12:** muito bom...

**P4:** muito bom... ok... muito obrigada...

## *ENTREVISTA 10*

**P4:** olá... vamos fazer um pequeno questionário tá?... qual a disciplina que você mais gosta?...

**A10:** ah... gosto de todas...

**P4:** não tem uma que se sobressai?... que você se identifica mais...

**A10:** ah... no meu ensino fundamental eu gostava mais de português... tanto é que eu sei bastante coisa... mas a partir do ensino médio eu fui me interessando mais por exatas... mas se eu fosse escolher uma realmente... eu continuo com o português...

**P4:** por que você se interessa mais pelo português?...

**A10:** aho que é porque eu gosto de escrever... eu gosto de ler... é isso...

**P4:** e tem alguma disciplina que você menos gosta?...

**A10:** hum... geografia...

**P4:** por que você não gosta de geografia?

**A10:** não sei... é que eu não me identifico...

**P4:** tá... e como você gostaria que a geografia fosse ensinada?...

**A10:** de maneira mais prática...

**P4:** como você aprendeu a ler?... na escola... em casa?...

**A10:** eu acho que foi na escola...

**P4:** na escola... tá... e você costuma ler em sala de aula?...

**A10:** sim...

**P4:** e o quê você lê em sala de aula?...

- A10:** ( ) mas na sala... eu me pego lendo mais coisa de biologia...
- P4:** e como você faz essa leitura? sozinha... em grupo?...
- A10:** sozinha...
- P4:** e... você lê em casa?... o quê você lê?...
- A10:** ( )
- P4:** você escreve em sala de aula?...
- A10:** escrevo...
- P4:** e... você gosta de escrever o que você escreve? o quê você escreve?...
- A10:** é... de tudo... redações...
- P4:** redações... e... sobre o quê você gosta de escrever?... alguma coisa a mais?...
- A10:** ( )
- P4:** e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...
- A10:** na escola...
- P4:** na escola... e você utiliza o dicionário quando tá escrevendo ou lendo?...
- A10:** às vezes...
- P4:** às vezes... você usa a gramática em sala de aula?...
- A10:** às vezes também...
- P4:** e... você gosta de utilizá-la?... por quê?...
- A10:** porque... ( ) melhor... e tem coisas assim que... mais pra ter o conhecimento das palavras...
- P4:** tá... e sua professora de língua portuguesa dá importância ao que você diz?...
- A10:** dá...
- P4:** dá?... e... quando você precisa de ajuda nessa disciplina... ela te auxilia?...
- A10:** sim...
- P4:** você costuma expor trabalhos em sala de aula?...
- A10:** sim...
- P4:** em quais disciplinas?...
- A10:** em quase todas... mais nas matérias do quarto semestre...
- P4:** tá... e como a professora de língua portuguesa lida com seus erros... tanto da fala e da escrita?...
- A10:** meus erros... ela trata bem legal...
- P4:** tá... e se você pudesse resumir todo o conteúdo de língua portuguesa em uma só palavra... que palavra seria?...
- A10:** uma palavra?...
- P4:** un hum...
- A10:** importante...
- P4:** importante?... muito obrigada....

### *ENTREVISTA 11*

- P4:** boa tarde...
- A11:** boa tarde...
- P4:** vamos fazer um pequeno questionário agora tá?... qual a disciplina que você mais gosta?...
- A11:** português...
- P4:** português?... e por que você gosta mais de português?...
- A11:** ah... porque o professor ensina melhor...
- P4:** e de qual disciplina você menos gosta?...
- A11:** matemática...

**P4:** por que?...

**A11:** porque eu não entendo quase nada...

**P4:** não entende... e como você gostaria que a matemática fosse ensinada?...

**A11:** ( )

**P4:** tá... e como você aprendeu a ler?...

**A11:** ah... eu pegava revistas em casa...

**P4:** foi em casa?...

**A11:** em casa quando eu estava na primeira série...

**P4:** e você costuma ler em sala de aula?...

**A11:** não... só em casa...

**P4:** e... o quê você lê em casa?...

**A11:** é mais revista... os livros às vezes...

**P4:** e o quê você escreve em sala de aula?...

**A11:** escrevo ( )

**P4:** tá... tem mais alguma coisa que você escreve?...

**A11:** cartas...

**P4:** cartas?... é mesmo?... que legal... e você aprendeu a escrever na escola ou em casa?...

**A11:** em casa...

**P4:** em casa mesmo... e você utiliza o dicionário quando está escrevendo ou lendo?...

**A11:** uso...

**P4:** a gramática você utiliza em sala de aula?...

**A11:** difícil...

**P4:** você gosta de utilizá-la?...

**A11:** ( )

**P4:** a sua professora de língua portuguesa... ela dá importância ao que você diz?...

**A11:** dá... e muito...

**P4:** e se você precisar de algum auxílio nessa disciplina... você acha que ela te ajudaria?...

**A11:** ajudaria...

**P4:** você costuma expor trabalhos em sala de aula?...

**A11:** muito...

**P4:** em quais disciplinas?...

**A11:** física...

**P4:** e como a professora de língua portuguesa... ela dá... ela lida com teus erros tanto na fala e da escrita?...

**A11:** não entendi...

**P4:** o que ela faz com teus erros?...

**A11:** ela fala...

**P4:** ah... ela fala onde tá errado?...

**A11:** sim...

**P4:** e como você gostaria que fossem essas aulas de língua portuguesa?...

**A11:** melhor...

**P4:** melhor... e se você pudesse resumir em uma só palavra todo conteúdo de língua portuguesa... que palavra seria?...

**A11:** nem sei...

**P4:** legal... interessante... chato...

**A11:** chato... péssimo...

**P4:** obrigada...

## APÊNDICE C – Questionário avaliativo da SD para os alunos

### Questionário 1

1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

Sim, pois conseguiu fazer a carta do leitor, desenvolver, e criar de maneira crítica e amadurecida.

2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

Da troca de experiências, comunicação.

3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

De tempo, queria que durasse mais.

4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

Ótima, pois fluiu naturalmente o entendimento, pois foi de maneira bastante dinâmica.

5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

Sim, pois com certeza a aula não seria tão tediosa.

**Questionário 2**

1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

sim, porque eles ajudaram a gente melhorar a nossa carta do leitor também na linguagem e na maneira de quanto o gênero é importante para uma carta.

2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

Eu gostei mais da parte dos Argumentos eu achei muito legal foi bem divertido aplicar esses Argumentos na nossa carta fazendo o que eu melhora - e mais Ela.

3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

Eu achei tudo ótimo não tem nada que eu não gostei.

4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

foi bem trabalhada e explicada.

5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

sim, porque se ela trabalha-se esse método nós Alunos estaríamos bem mais craque.

**Questionário 3**

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

*Sim, pois nos capacitar a linguagem e o melhor o gênero mediante diversas atividades.*

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

*Das aulas mais dinâmicas, praticamente de tudo. Por ser mais exposto aos alunos.*

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

*Eu gostei de tudo!*

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

*interessante e divertida*

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

*Sim, porque faz com que a aula fique mais interessante e dinâmica.*

### Questionário 4

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

Acredito que sim, porque tudo o que foi colocado favoreceu bastante o modo de produzir uma carta do leitor contendo critérios que compõe este gênero.

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

Gostei de tudo, pois todos aprimoraram meus conhecimentos, apesar de já ter estudado, mas ajudou bastante no meu entendimento.

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

Nada em comum, sendo que por mais que tenha várias coisas que encaixam em uma carta do leitor, não é difícil.

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

Bastante interessante e foi bem ensinada dentre os exercícios e textos propostos.

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

Apesar de minha professora usar esse mesmo método, seria ainda mais interessante para a aula, pois os alunos teriam mais vontade de ir para a escola e principalmente em estudar.

**Questionário 5**

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

*Sim, porque muitas coisas que tínhamos dúvidas foram tiradas.*

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

*ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO*

*Porque entendi melhor como devem ser usados*

- 3- O que você menos gostou na seqüência? Justifique.

*COESÃO E COERÊNCIA*

*Porque não entendi muito bem, fiquei um pouco confuso.*

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

*Achei ótimo porque nos ajudou entender melhor os assuntos.*

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

*Sim, porque acho que seria uma maneira mais fácil de aprender.*

**Questionário 6**

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

*Sim pois além de se enquadrar na norma culta da linguagem, ela nos ensinou por meio dessa linguagem nós alunos aprendemos a construir um texto culto.*

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

*Eu gostei de tudo, porque foi tudo bem argumentado, e perfeito.*

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

*Eu gostei de tudo pois tudo obedece a linguagem culta da língua.*

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

*Foi extremamente culta.*

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

*Sim porque esse método é muito interessante, portanto nós alunos nos interessaríamos melhor pelas aulas.*

## Questionário 7

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

Sim Porque ela teve um principalmente objetivo no qual foi a estudarmos o gênero das atividades para que passamos a aprender a produzir nos próprios conhecimentos.

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

Foi como encontrar os erros do leitor porque eu pude colocar em prática minhas capacidades de desempenho.

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

como produzir minha primeira carta porque eu quase não sabia nada.

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

Eu achei super legal e bastante interessante também foram trabalhados conteúdos super importante no desenvolvimento da gramática. Por pessoas extremamente pacientes e doces.

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

Não Porque ela é muito chata. Entretanto esse método deveria ser utilizado por outras professoras, pois o método é muito interessante.

## Questionário 8

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

*Sim, porque aprendi tudo que foi dito e ensinado nos dias em que participei e ganhei conhecimento na área de linguagem.*

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

*Do jeito que os professores ensinaram, usando dinâmica, leitura, atividades, etc...*

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

*Nos dias em que eu faltei.*

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

*Boa, na forma de pontuações, de leituras, etc...*

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

*Sim, porque iamos exercitar muito nossa gramática e ter mais conhecimento na área.*

**Questionário 9**

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

Sim, bem hoje eu já consigo usar o porquê, a vírgula e o mais corretamente

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

os tipos de carta do leitor e o uso dos porquês, que eu tinha dúvida

- 3- O que você menos gostou na seqüência? Justifique.

Gostei de tudo. Afinal tudo que foi ensinado aqui é importante

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

foi de uma forma boa, bem interativa

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

Sim. Porque assim as aulas de português ficariam mais interessantes

## Questionário 10

- 1- Você acredita que os objetivos propostos no início da seqüência foram atingidos? Por quê?

Sim. Assim como aprendemos assuntos novos, também tiramos dúvidas.

- 2- O que você mais gostou na seqüência? Justifique.

ortografia e pontuação  
aprendemos como  
usa-las corretamente  
e das dinâmicas

- 3- O que você menos gostou na seqüência. Justifique.

A hora de ir embora

- 4- O que você achou da forma como a gramática foi trabalhada na seqüência?

tema  
conseguir entender  
os assuntos

- 5- Você gostaria que esse método fosse utilizado por seu (sua) professor (a) de língua portuguesa? Por quê?

Sim. Porque seria mais fácil de se entender os assuntos e não fique chato.